

The image shows the interior of a grand theater. The stage is framed by heavy, draped curtains. Above the stage, there are several ornate chandeliers. The walls and ceiling are decorated with intricate carvings and murals. The audience seats are visible in the foreground, arranged in rows.

Lúcio Cavalcanti

**DE CAMAROTE:**  
*recordando, reavivando...*



Edições  
Governo do Estado





**De camarote:**  
recordando, reavivando...





**AMAZONAS**  
GOVERNO DO ESTADO

GOVERNADOR DO AMAZONAS  
Omar Aziz

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS  
José Melo

SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA  
Robério Braga

SECRETARIA-EXECUTIVA  
Elizabeth Cantanhede  
Mimosa Paiva

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE LITERATURA  
Antônio Ausier Ramos

**CULTURA**  
**Secretaria de Estado**

Av. Sete de Setembro, 1546  
69005-141 – Manaus-AM-Brasil  
Tels.: (92) 3633-2850 / 3633-3041 / 3633-1357  
Fax.: (92) 3233-9973  
E-mail: [cultura@culturaamazonas.am.gov.br](mailto:cultura@culturaamazonas.am.gov.br)  
[www.culturaamazonas.am.gov.br](http://www.culturaamazonas.am.gov.br)



Lúcio Cavalcanti

**De camarote:**  
recordando, reavivando...

CULTURA



Edições  
Governo do Estado



Copyright © Secretaria de Estado de Cultura, 2012

Coordenação Editorial  
**ANTÔNIO AUSIER RAMOS**

Capa  
**ROBERTO LIMA**

Foto da Capa/Orelha  
**GIOVANNA CONSENTINI**

Projeto Gráfico e Diagramação  
**GRÁFICA ZILÓ LTDA**

Revisão  
**CLYNIO MAURÍCIO SAUNIER CAVALCANTI**  
**SERGIO LUIZ PEREIRA**

Normalização  
**EDIANA PALMA**

#### Catálogo da Fonte

C376d Cavalcanti, Lúcio.

De camarote: recordando, reavivando... / Lúcio Cavalcanti. – Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado de Cultura, 2012.


156p. ; 14x21cm.

ISBN 978-85-65409-22-3.

1. Literatura Brasileira – Crônicas – Amazonas.  
2. Faculdade de Direito do Amazonas. 3. Jornal do Comércio – Manaus. I. Título.

CDD 869.04  
CDU 82-94(811.3)





*Somos um Amazonas cheio de orgulho da nossa gente, de nossas raízes, de nossa extraordinária vida cultural. Cada vez mais vamos investir no grande potencial da nossa cultura, na capital e no interior, com o foco na geração de oportunidades para novos talentos.*

Omar Aziz

Mensagem proferida pelo governador Omar Aziz à Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em fevereiro de 2011.





# SUMÁRIO

Apresentação	11
Exórdio	13
Padre Agostinho	15
Turma Sadoc Pereira	19
Toga sem mácula	22
Adeus velho JC	25
Uma piada do caçula	28
Um preito de justiça	29
Boto navegador	31
D. Pedro massa-bravo guerreiro das missões salesianas do Rio Negro	35
Olavo Bilac e o exército nacional	37
A verdadeira Jules Rimet	39
Salesianos gigantes	41
Maestro Ernane Braga	43
Sonho a realizar-se	45
Gilberto Mendes de Azevedo	47
Semana Santa	49
Fobia superada	52
Educador e santo	54
Aleijadinho de alma angélica	56
O glutão Acreano	58
Aderson Andrade de Menezes morreu	60
Manuel Bandeira	62
Júlio Belém	64
Professor Carneiro	65
Desembargador Ferreira Lopes	67
Mestra querida	69



Antenor Barbosa	71
Morreu Álvaro Maia	72
Porejando saudade	74
Vovô perseverando	76
Festa de junho	79
Amigo ajuda	81
Ah! Que saudades que tenho...	83
Luís Cláudio de Castro e Costa...	85
Padre Monteiro	87
Adriano Queiroz	89
Frânio Lima	91
Vovô Vasco	93
Lembranças doces do velho Acre	95
Clynio de Araújo Brandão	97
Dias das mães	99
Morre o líder	101
Xavier de Albuquerque	102
Tempo bom!	104
Gente boa	106
O barão foi profeta in patria sua	108
Teixeirão	110
Desembargador Arthur Virgílio	112
Humberto Costa	113
Violeta de Mattos Areosa	116
São João e "brilho dia"	119
Paulo Ramos Coelho	122
Emanuel Santos	124
Isaías dos Santos Reis	126
Lucubração sentimental	128
Política e futebol	130
A conquista do satélite I	132
A conquista do satélite II	134
Feliz aniversário, D. Noca	136

The background of the page is a repeating pattern of a stylized leaf. Inside each leaf is a white silhouette of a human figure with arms raised. The leaves are arranged in a grid, with some containing text and others being empty. The text is centered within the first few rows of the grid.

Blue Birds

138

José Augusto Telles de Borborema

140

Velha Raimunda

142

Adeus, avenida

144

Herculano Castro e Costa

147

Lembrando a velha Faculdade de Farmácia

149

General Mourão

151

Regina coeli "in memoriam"

153





## APRESENTAÇÃO

A imprensa amazonense tem tido, desde os primórdios, grandes escribas. Cronistas de grandes méritos que também foram oradores festejados. Líderes no jornalismo, advogados, professores, médicos, cientistas, pensadores, uma variedade enorme de profissionais das mais diversas áreas do conhecimento dedicados também ao cotidiano das redações dos jornais, desde as folhas estudantis aos de grande circulação comercial.

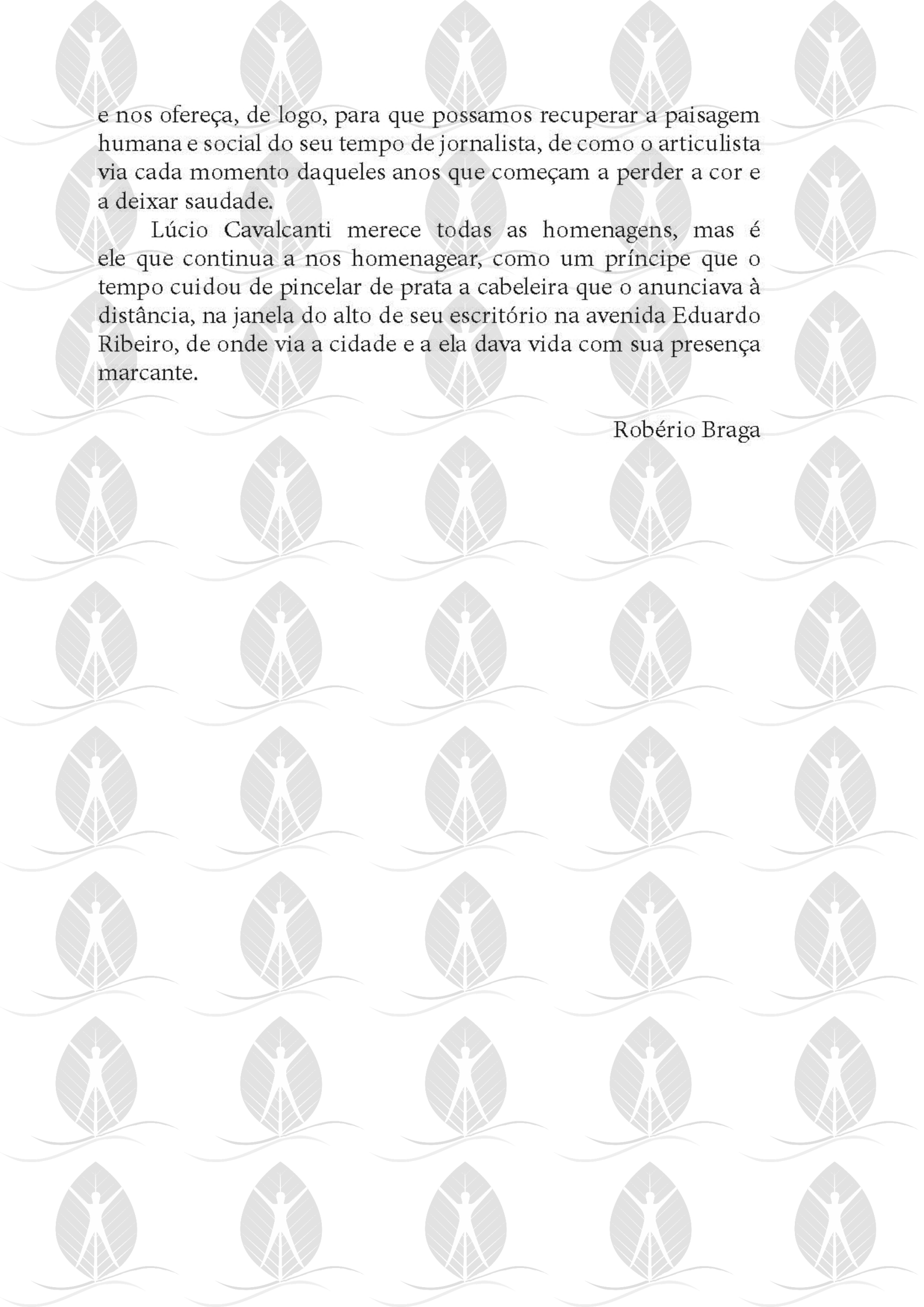
Há mestres que se consagraram nesta arte singular. Em Manaus há diversos nomes a serem festejados pela contribuição ao jornalismo por meio dos artigos assinados, e o mais renomado, justamente, dentre todos, é Genesino Braga em seus mais de sessenta anos de cronista do Jornal do Comércio. Rivalizando com ele, em tom sobre tom, por grande parte do mesmo tempo, Lúcio Cavalcanti e a história de sua vida e de seus artigos, sempre sob o título “De Camarote”, como se estivesse vendo a vida correr debaixo dos seus olhos como as águas do Negro rio que beijam e abençoam a cidade.

De há muito estava recolhido, depois de muita luta, grandes vitórias, dores que o tempo carrega. Fomos convidá-lo a editar suas crônicas de jornal em formato de livro. E deu certo. Estamos no segundo título de sua lavra. Nesta coletânea está um pouco da memória da família, do salesiano, do jornalista, do advogado, do observador atento do cotidiano da cidade, do memorialista da faculdade de direito, do biógrafo de várias personalidades que ofereceram grande contributo ao Amazonas, do apaixonado pela música e do animador das artes....do entusiasta Lúcio Cavalcanti.

Li de uma só vez os originais. Na verdade, constatei que estava relendo as velhas e gostosas crônicas do dublê de advogado e jornalista, que foi político e professor, o velho e querido mestre que, passado dos noventa anos vive com alegria e encanta os que o conhecem. Fizemos questão de guardar a grafia de quando Lúcio escreveu tais crônicas e comentários, uma espécie de joia na forma e na essência. O velho mestre merece ser lido com os olhos voltados para os dias em que escreveu.

Sei que outras tantas dezenas de crônicas estão guardadas na gaveta. Amareladas pelo tempo. Espero que reúna nova coleção





e nos ofereça, de logo, para que possamos recuperar a paisagem humana e social do seu tempo de jornalista, de como o articulista via cada momento daqueles anos que começam a perder a cor e a deixar saudade.

Lúcio Cavalcanti merece todas as homenagens, mas é ele que continua a nos homenagear, como um príncipe que o tempo cuidou de pincelar de prata a cabeleira que o anunciava à distância, na janela do alto de seu escritório na avenida Eduardo Ribeiro, de onde via a cidade e a ela dava vida com sua presença marcante.

Robério Braga

## EXÓRDIO

Meu amadíssimo pai-avô cometeu-me a honrosa missão de representá-lo nas palavras de agradecimento ao paraninfo da presente obra, fruto esta, do pequenino hiato de quarenta anos, dos quais emprestou ao Jornal do Comércio, diariamente, sua erudita, saudosa e poética pena.

Eis que são elas, breves, mas tradutoras do enorme carinho e admiração a esse jovem de seis décadas e alguns trocados de idade, detentor de invejável *curriculum*, competência, carisma e, acima de tudo, alma empreendedora de iluminada sensibilidade artística, que lhe rendem, portanto tempo, o posto de capitão da espaçonave cultural de nossa terra cabocla.

No túnel do tempo, lembrando aqueles que permeavam o escol intelectual nos idos da juventude do autor, como: Genesino Braga, Álvaro Maia, João Leda, Djalma Batista, Américo Antony, Péricles de Moraes, Adriano Jorge e muitos outros que já partiram para o “Mundo dos Anjos” e não tiveram a oportunidade de presenciar o patrocínio dado a nossa cultura – tranquilos descansam –, e com gratidão, assistem, De Camarote, ao trabalho ímpar de Robério dos Santos Pereira Braga.

Seus contemporâneos e amigos têm o privilégio de acompanhar-lhe a jornada frente à Secretaria de Cultura do Amazonas e sabem, de maneira incontestada, não haver sentado naquela cadeira, em toda a história da Administração Estadual, homem público de igual talento.

Meus coetâneos, alguns cegos pelo imediatismo moderno, não sentem ainda o valor de sua batuta. Que sejam perdoados. Porém, o tempo tudo revela, e tão logo hão de abrir a “terceira visão”. Aos demais faço frente, para agradecer a esse amigo da Arte, a qual batizou sua beleza nas águas do imenso aquário doce banhado desse mundo verde, enternecendo o coração dos amazônidas petrificados pelo materialismo.

Clynio Maurício Saunier Cavalcanti  
Advogado e Músico





## PADRE AGOSTINHO


Parece-nos que o intuito de Mario Jorge Couto Lopes, ao pedir que algo escrevêssemos sobre Padre Agostinho Caballero Martin, era o de que, através de pesquisa, fizéssemos um ligeiro esboço biográfico do valoroso Educador hispano-brasileiro. Não tivemos coragem de arriscar-nos a tanto confessamo-lo. E, por isso, decidimos focar o pequenino “Babieca” a nosso modo, tal como o sentimos, em dois estágios diferentes de nossa vida.

Quando o vimos pela primeira vez não pudemos reprimir um risinho cheio de malícia infantil, que gozando a figura liliputiana que tínhamos bem diante da cara, de sobressaía um enorme par de botinas negras. Mas, quando nossos olhos de guri de onze anos cruzaram com os do sacerdote, nosso riso morreu, amarelo, no rosto e sentimos um calafrio em nosso corpo. Havia aço e fogo nas janelas da alma daquele anão metido numa batina, de um negro luzidio, e a tremenda força hipnótica parecia canalizar-se para o pequeno instrumento de metal dourado que tinha à mão, e que fulminava multidões de jovens e adultos ao somido esfarinhante, que produzia, ao ser agitado por seu minúsculo e sisudo portador. Era um verdadeiro bicho-papão, aquele padrezinho de tez morena, arroxeadada pelo calor, de cujas têmporas o suor porejava. Depois, começamos a esmiuçar, com fugidia visada-crítica, os modos do padre falante, autoritário. Era um dínamo. Movia-se incessantemente em todas as direções e sua figurinha respeitada e temida era vista em todos os recantos do colégio, deslocando-se sempre, a passos largos, com as botinas de “gato de sete léguas”, implacável, a dar ordens, admoestando, corrigindo em termos veementes, alvejando as cucas dos mais recalcitrantes com a campainha, deixando outros tantos de pé, na secretaria, sob a escada, até que surgissem as primeiras estrelas no céu, caso não dispusessem de selos suficientes para encurtar o castigo. E o guri de onze anos tinha medo de Padre Agostinho, espécie de lobo mau de batinas para seu espírito libertário traquinas e indisciplinado, de menino sadio e inquieto. Em sua movimentação constante, a sotaina agitava o ar, levantando poeira, e não eram muitos os oratorianos que tinham coragem de balbuciar o clássico: “Bença Padre”...

Do oratório festivo de que guardamos gratas recordações dos jogos de bolinha de gude, no pátio interno do Colégio, as três covinhas cavadas no chão mais de barro que de areia; ou o triângulo e a linha de ponto riscados até com os dedos... “Quero tudo e não dou nada”... “Escapole, bate, fica”... “Uma cabeça”... “Você é o fona”... Das “peladas em massa”, no campo de futebol que ficava por trás da igreja, com vinte, trinta, quarenta, ou mais moleques de cada lado, chutando a bola para onde calhasse! Do papagaio de “rabiola distinta” e o cerol do Neném Lessa, o “famão da Visconde”, comprado lá no Caxangá! Do pião, da manja, do cabo de guerra, da barra bandeira; do Oratório Festivo, repetimos, passamos a integrar o corpo discente do Colégio Salesiano. Fizemos ali o admissão e o primeiro ano ginásial. A imagem de Padre Agostinho não melhorou muito para o pré-adolescente, várias vezes, por mês, colocado na “lista” pelo Justino ou pelo Assef—e punido por horas a fio de castigo, em pé, à ordem do “tirano” Babioca... Fazíamos-lhe justiça num pormenor: era um grande professor de História da Civilização.

Enfrentamos depois a vida dura neste mundo cão. Vida de adulto, de homem casado, cheia de responsabilidade e de filhos para criar. Primeiro no Acre, ainda nem ao menos tínhamos atingido a maioridade civil. Depois, aqui mesmo no Amazonas, no “Solon de Lucena” e na Faculdade de Direito, de par com o desperdício de frustradas atividades político-partidárias...

Um dia, num finzinho de tarde, um amigo convidou-nos a visitar Padre Agostinho — que jazia, enfermo, num dos leitos da Santa Casa de Misericórdia, onde se achava hospitalizado para curar uma hérnia que já o levava à sala de cirurgia mais de meia dúzia de vezes. Fomos ao nosocômio. Abraçamos o cansado Ministro de Deus, que guardava um repouso que talvez lhe fosse pior que a doença. Recordamos os dias de nossa passagem pelo Colégio. Lauro e eu. O moreno e o branco — como o enfermo nos tratava desde os tempos de Oratório. Um particular marcante: como quem muda um “slide” no aparelho visualizador, assim a imagem do bicho papão, fixada na retina desde os tempos de puerícia, foi substituída pela figura humana do verdadeiro Padre Agostinho. Faltava-lhe a campainha mágica e a severa côr vermelha-amorenada do rosto adulto e suado; os cabelos estavam

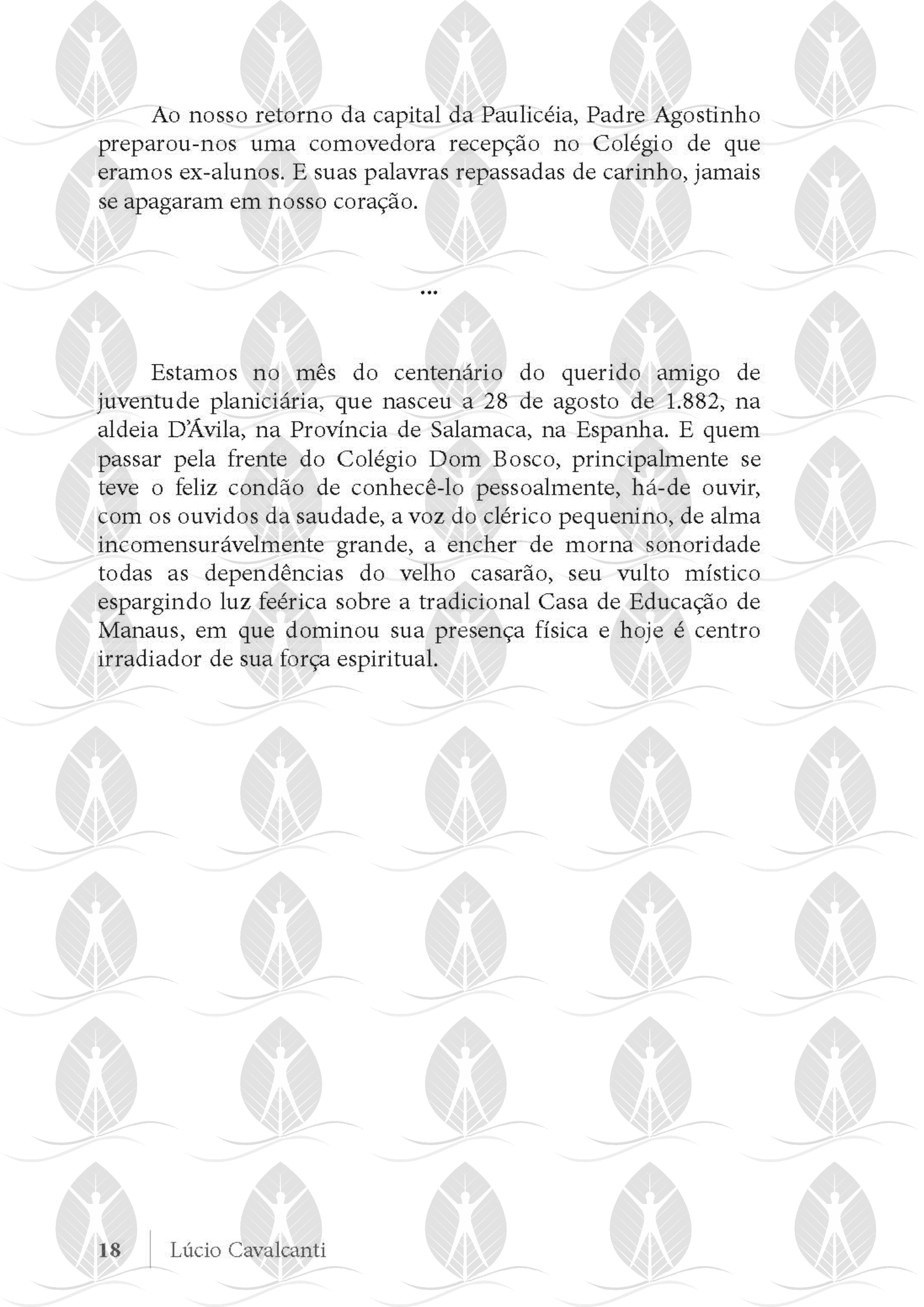


partindo para o grisalho e a voz já não possuía mais aquele timbre dominador de comando. Mas, em compensação, por dentro daquela figurinha de homem exaurido pelo sofrimento de noites insones, podia-se lobrigar uma alma angélica, saturada de amor no seu sentimento mais genuíno e mais puro, pela causa sagrada da juventude desta terra. Sentia-se o entusiasmo que lhe irradiava do espírito boníssimo, quando prolatava o nome de seus ex-alunos, todos visivelmente gravados em seu coração afetoso. Era uma lista muito extensa. Milhares e milhares! Mas, ao vir à tona qualquer deles, padre Agostinho deixava-se empolgar pela intensa alegria, tendo sempre uma passagem do enfocado a relatar, com um sorriso de ternura a bailar em seus olhos molhados.

...

Poucos anos mais tarde recebemos em nosso escritório, a visita de um amigo dileto, Rubens Santoro, que à altura, atuava como presidente da Associação dos Ex-alunos Salesianos de Manaus. Eramos, então, Deputado Estadual e estávamos no início de outubro de 1957. Vinha, em nome de Padre Agostinho convidar-nos para representar o Amazonas na II Concentração Nacional de Ex-alunos, que teria lugar em São Paulo, a 13 daquele mês, na Federação Brasileira de Ex-Alunos de D. Bosco. À fraterna concião, estaria presente D. Renato Ziggotti, Reitor Mor dos Salesianos, e V sucessor do extraordinário filho de “Mamma Margherita”. Sensibilizados aceitamos o honroso cometimento e logo viajamos para a metrópole bandeirante.

Ao ingressarmos no enorme salão em que teria lugar o encontro, literalmente lotado de gente palradora, D. Pedro Massa – outro Salesiano gigante que ainda não foi enfocado com o relevo especial que lhe não pode ser regateado – recebeu-nos à porta e nos conduziu pelo braço, para a mesa em que estava o reverendíssimo continuador da obra de D. Bosco, e colocando-nos ao lado de D. Anversa, disse com efusão: “O lugar do Amazonas é na mesa de honra”.



Ao nosso retorno da capital da Paulicéia, Padre Agostinho preparou-nos uma comovedora recepção no Colégio de que eramos ex-alunos. E suas palavras repassadas de carinho, jamais se apagaram em nosso coração.

...

Estamos no mês do centenário do querido amigo de juventude planiciária, que nasceu a 28 de agosto de 1.882, na aldeia D'Ávila, na Província de Salamaca, na Espanha. E quem passar pela frente do Colégio Dom Bosco, principalmente se teve o feliz condão de conhecê-lo pessoalmente, há-de ouvir, com os ouvidos da saudade, a voz do clérigo pequenino, de alma incomensuravelmente grande, a encher de morna sonoridade todas as dependências do velho casarão, seu vulto místico espargindo luz feérica sobre a tradicional Casa de Educação de Manaus, em que dominou sua presença física e hoje é centro irradiador de sua força espiritual.



## TURMA SADOC PEREIRA

Este ano, no mês de dezembro, completa trinta e dois anos a Turma **Sadoc Pereira**, da gloriosa Faculdade de Direito do Amazonas, da qual fez parte o inquilino deste camarote.

E a saudade dos velhos tempos, em que, de feito, éramos todos jovens, deu uma ferroadada aqui nesse velho coração, e nos fez lembrar dos versos do aêdo nordestino desconhecido que botou o bico no mundo sob o pseudônimo de **Galo da Serra**, estadeando este primor de estro, esta delícia de inspiração que traz à tona o fundo dourado de sua alma escól:

“Tu pensa!  
sodade é uma dô que dá,  
mas não é do de aduê  
é a vontade de alembrá,  
é a vontade de esquecê;  
é dô de dente, machuca,  
mas onde dói não se vê,  
e a gente pega e catuca,  
prá não dexá de aduê...”

Das brumas da memória arranco – e lhe dou forma – o vetusto casarão, de portão de ferro prateado e escadaria larga. Subamos por ela. Atingimos o pátio de ladrilhos alvi-negros e espiamos pelas janelas que nos ficam à direita e à esquerda. Desta última, vemos a figura de nosso querido **Cegonha**, o prestimoso Arnaldo Rosas, alma da secretaria do estabelecimento e que, podendo, dava sempre uma penadinha em favor dos **meninos**. Da primeira, em plena aula, a turma do quarto ano. Logo na fila da frente, Silvia Pucu, Eneida Bacuri, Kanawate, Justino Marcos, Fernando Cruz e José Cantanhede Mattos Filho. Sentimos na fisionomia de todos uma recriminação silenciosa pelo nosso atraso costumeiro. Era tardinha, e o velho mestre, já visivelmente fatigado, prelecionava a disciplina de sua responsabilidade: Direito Processual Civil. Era desembargador aposentado, conhecia a matéria, transmitia bem, e suas apostilas por ele mesmo elaboradas, datilografadas e distribuídas aos alunos, até hoje guardamo-las com carinho.

Bondoso, manso, amigo, tivemos razões sobradas para lhe dar o nome à turma de formandos de 1957.

Entramos, cautelosamente, na sala de piso bicolorido para não perturbar a palestra do lente de voz baixa e cansada. Cascaes, Benedito Azedo, Saúl Benchimol, Américo Gorayeb, Manoel Amério Mendes, não piscavam os olhos fixos na figura simples do professor, enquanto Emanuel Cunha apontava qualquer coisa em seu caderno de notas. Almeron Caminha, nosso caríssimo Tiba, mandou-nos um sorriso de acolhimento. Nas últimas cadeiras próximas à janela que dá para a Miranda Leão e de onde se descortina a visão do belo templo católico de N. Senhora dos Remédios, sentados, atentos, Álvaro Freitas, Washington Stephano, Carlos Israel Ramos Lins e Waldir Ferreira.

O quadro que entrevimos, apenas de vivo, desfez-se como por encanto, e nós ficamos à procura de situar na vida real cada um de nossos queridos companheiros dos dias felizes de vida universitária.

Kanawate, Cascaes, Justino Marcos, cederam cedo à fatalidade biológica. Estão com Deus. Benedito Azedo, compadre amigo, ex-colaborador de nosso escritório foi prefeito de Parintins, sua terra de berço, é procurador do Estado e empresta a luz de sua inteligência ao jornal **A Crítica** de nosso velho amigo Calderaro. Emanuel Cunha foi GMI (gente muito importante) da Caixa Econômica Federal e hoje, aposentado, teria partido **rumo ao campo**, para, em área próxima de Manaus, dedicar-se à pecuária. Ora, quem diria! O brilhante causídeo dublado de fazendeiro! José Cantanhede de Mattos Filho, teólogo, advogado de renome, foi secretário de Segurança e é procurador do IPASEA. Eneida Bacuri e Silva Pucu (as duas únicas representantes do belo sexo no grupinho amigo), delas não temos notícias, a não ser que a primeira foi Delegada Regional do Trabalho, em cujo cargo se aposentou. Almeron Caminha também atuou na DRT e acreditamos que por ali, igualmente, haja ganho o merecido prêmio do **otium cum dignitate**. Saul Benchimol, diplomata, ficou um tanto solene com sua têmporas brancas e óculos chamejantes. É um dos donos da conceituadas lojas Bemol. Álvaro Freitas foi procurador da CEF. Tivemos informação de sua aposentadoria através de nosso colega de grau, Laédio também ex-procurador

daquela casa creditícia. Américo Gorayeb, velho amigo e caro companheiro, com bom descendente de semitas, dedicou-se a atividades mercantis. Washington Stephano foi político, chegou a presidir os destinos da Assembléia Legislativa do Estado. Perdemo-lo de vista faz muitos anos, o mesmo acontecendo com Manoel Almérico Mendes, que teria fixado residência no Rio de Janeiro e Walfir Ferreira, do corpo de funcionários da Fazenda Estadual, Fernando Cruz, o homem do violino, encarna o maior exemplo de força de vontade que jamais vimos na vida! Todos os colegas sabem disso, e por quê...

Vale uma colocação, com foros de homenagem.

Tivemos em nosso tempo de acadêmico de direito, do primeiro ao último ano, professores abalizados que honraram a congregação de nossa querida FDA, da estrutura de um Ólavo das Neves, (cientista, professor notável e médico do mais alto gabarito), Lúcio Fonte de Rezende, Aderson Menezes, Benjamin Brandão, Manoel Barbuda, Nonato de Castro, José Lindoso, Oyama César Ituassú, Análio Rezende, Vidal Pessoa, Aristides Rocha, Adriano Queiroz, Mithrídates Corrêa, Abdul Sayol de Sá Peixoto, Ariosto Rezende Rocha, Sadoc Pereira, Aderson Dutra, Francisco Xavier de Albuquerque, (da Suprema Côrte do País, cujos destinos, com muito orgulho para todos os amazonenses, presidiu), Telles Borborema, Bráule Pinto, Davi Melo, João Ricardo de Araújo Lima, Ernesto Roessing, Enoch Reis, Viriato Corrêa e Domingos Queiroz.

O trabalho que esses titãos realizaram, pela disseminação da cultura jurídica, no seio de muitas gerações da Planície, resultou em frutos opimos, que impuseram o valor do seu talento, consolidando o conceito e a invejável reputação da gloriosa Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Amazonas. Não poderíamos em nossa **saudadeação**, deixar de citar-lhes os nomes, eternos em nossa memória, laureados pela nossa profunda gratidão. **Decus et labor**, foi sem nenhuma sombra de dúvida o seu maior e mais respeitável galardão.

## TOGA SEM MÁCULA

No ano de 1938, cursávamos a quarta série ginásial, no então Ginásio Amazonense D. Pedro II, depois Colégio Estadual do Amazonas.

Logo após o carnaval, apanhamos uma formidolosa gripe e, acamados, recebemos a visita de uma comissão, enviada pela direção do estabelecimento, que nos informava havermos sido eleitos presidente do Centro Estudantil ‘Plácido Serrano’.

Dias depois, Padre Israel Galdino de Souza, o diretor do nosso estabelecimento padrão de ensino secundário, como, orgulhosamente, enfatizava o ranzinza mestre de Inglês Carlos Mesquita, nos empossou no cargo que, realmente, representava uma liderança expressiva no seio da comunidade ativa do velho Ginásio.

Nosso convívio mais estreito com outras turmas e outras classes, levou-nos a conhecer e a querer bem a ‘bichos’, ‘pipocas’ e ‘veteranos’. Foi aí que nos aproximamos de um acreano de Rio Branco, magro, alourado, aquilino, inteligente, o ‘Caveira’, como já viera apelidado da terra de berço, nosso amigo e futuro cunhado Paulo Brandão, irmão do então acadêmico de Direito, Benjamim Magalhães Brandão e de nossa querida consorte, Maria Celene Brandão Cavalcanti.

Os jovens irmãos pertenciam a tradicional e conceituada cepa da Acreânia. Eram filhos do capitão Clynio Tavares Brandão, nordestino de Pernambuco, que escreveu, com destemor e bravura, uma bonita página na gloriosa epopéia de que foi figura central o gaúcho Plácido de Castro, e de cujo nome e vida nos ocupamos em trabalho levado a termo nas colunas deste nobre órgão publicitário.

Clynio Brandão, Ajudante de Ordens do valente caudilho comandante-em-chefe do exército que enfrentou e derrotou a Bolívia nos impérvios sertões do Acre, morreu, novo ainda, deixando viúva a venerada mestra, professora Hormezinda Magalhães Brandão, nome bastante conhecido nos meios sociais e educacionais da metrópole acreana, terra que adotou, vez que era cearense, de Uruburetama, vinculada por laços de sangue à família de Paixão Salles, fundador do Araial.



Benjamin Brandão é a personalidade que nossa coluna decidiu enfocar hoje, numa particular homenagem do firmatário desta crônica a um homem de bem, cujo espírito modesto não foi dimensionado, a não ser por um número limitado de pessoas, em toda a grandeza de sua alma de eleição.

Conhecemo-lo, de vista, nos idos de 32 e 33, quando fizemos nosso admissão e primeira série ginásial no Colégio Dom Bosco. Brandão era interno e a esta altura deveria fazer o quarto ano do curso fundamental naquele educandário salesiano. Víamos, sempre, com um grupo de colegas e, dentre eles, lembramo-nos bem de Djalma Batista, dos irmãos Miranda, Paulo Jobim, Antônio Vale e dos clérigos Juvêncio Mendonça e Cordani.

Anos depois, encontramos-lo, Acadêmico de Direito, num Juri simulado, na esquina da Eduardo Ribeiro com a Henrique Martins, num sábado de aleluia, quando, com alguns contemporâneos universitários, como Paulo Nery, Nicodemos Braule Pinto, Paulo Jobim e outros, lanhavam o Lamarão do cinema Avenida, escolhido como vítima de sua verborrêia arrazadora e impiedosa. Aquela tertúlia 'sui generis' de que participavam oradores inflamados, teve o condão de fazer germinar, em nosso espírito jovem, os primeiros lampejos vocacionais direcionados para a advocacia.

Viajamos para o Acre, no início da década de 40. Casamos com a irmã do já, então, advogado Dr. Benjamim Brandão. Passamos a conviver na intimidade com o estudioso causídico, que atuou ao lado de nosso pranteado amigo André Araújo, como Curador de Menores, Juizado de que era titular aquele humaníssimo Juiz togado, escritor e festejado educador. Concomitantemente, exercitava atividades como profissional da advocacia, juntamente com seu sócio, o jurista Ivan de Hugo Silva, e lecionava, na Faculdade de Direito do Amazonas, Ciências das Finanças e mais tarde Introdução à Ciência do Direito. Depois, ocupou o cargo de procurador da Comissão de Estrada de Rodagem do Amazonas, sendo, por Álvaro Maia, nomeado desembargador.

No início da quadra revolucionária, por um erro imperdável do governo, teve seu nome envolvido nas teias de tremenda injustiça, sendo forçado a aposentar-se como

Juiz de grau superior da Casa de Temis, ainda que com todos os direitos e vantagens atinentes ao cargo. Acompanhamos, de perto, o transe doloroso vivido pelo cunhado amigo, que teve noites e dias pavorosos, sorvendo a quássia da amargura e do desespero. Seus amigos mais íntimos e seus familiares, revoltados com a infâmia que lhe atiravam, fizeram uma corrente de solidariedade em torno do magistrado de toga inconspicável – e até os últimos dias de sua vida, numa espécie de desagravo constante, ninguém que o conhecesse lhe regateou as mais expressivas formas de demonstração de estima e respeito por sua pessoa, pela retidão de sua conduta inatacável e intergiversabilidade de seu caráter sem jaça.

Há poucos dias, a Academia Amazonense de Letras Jurídicas prestou significativa homenagem ao ilustrado Professor Catedrático de Introdução à Ciência do Direito da FDA, e o intérprete do Grêmio de Cultura Especializada, Conselheiro Armando Menezes, de nossa Corte Estadual de Contas, estereotipou, com tintas fortes, o valor, o talento, a cultura e a honradez de Benjamim Brandão, com o apoio e aplausos de todos quantos, no judiciário e em todas as searas do Direito, desenvolvem suas atividades no Amazonas.

Dia 27 de outubro último fez um ano que o conceituado desembargador deixou o rol dos vivos, partindo para a eternidade.

Aproveitamos a ensanchar para enviar, daqui, nosso abraço afetuosos, à caríssima cunhada Neuza Brandão, viúva do querido extinto, assim como a Clynio, Luiz Carlos, Leila, Sônia Régia e Rafael, seus filhos diletos, sobrinhos do autor deste trabalho, que acende, ao velho amigo e irmão, no altar iluminado das gratas lembranças, uma vela flamejante de saudade!

## ADEUS VELHO JC

Adeus, Jornal do Comércio velho, adeus!

Adeus, Camarote de foscas janelas, de cortinas surradas e de velhos móveis sebentos, adeus!

Hoje, leitor velho de guerra, é o último arquivo que escrevemos no Jotacé do passado, metido em velhas roupas antiquadas cheirando aos primeiros trajes da República de Rodrigues Alves, de maquinaria obsoleta que mataria de orgulho Gutenberg, pois não estava muito longe daquela que, no século XIV, o filho de Mogúncia inventara!

De amanhã em diante, nosso Camarote passará a envergar indumentária nova, acompanhando a pompa da vestimenta do Novo Jornal do Comércio, dêste vetusto, austero, tradicional, respeitável e conceituado do órgão da imprensa Planiciária que, seguindo a marcha do século, alargou seus salões, arejou suas dependências, modernizou sua fisionomia e vestiu roupa nova, “up to date”, luxuosa e cara!

Inaugura-se hoje, pela manhã, às onze horas, como é do conhecimento público – a festa é não apenas dêste periódico, mas de toda uma Região de que tem sido êle porta-voz autorizado – o moderníssimo Sistema de Impressão “Off Set” de nosso caloroso Jornal do Comércio, órgão publicitário que Epaminondas Barahuna supervisiona e dirige com acerto, equilíbrio, sabedoria e inquestionável senso de responsabilidade, aliados a um imenso e terno amôr às suas tradições, às suas causas e ao idealismo de quantos o ajudam a portentosa, nobilitante e árdua tarefa de conduzir o galhardo e sobranceiro barco.

Expressivas personalidades da monolítica família associada brasileira, e do escól social do país, estarão presentes ao solene ato inauguratório do novo equipamento desta Casa que será paraninfado pelo brilhante conterrâneo Professor Doutor Arthur Cesar Ferreira Reis, amazonense e amazonólogo, cultura das mais expressivas do Brasil, Ex Governador da Fluminilândia e rebento ilustre do velho campeador e pioneiro Vicente Reis, vulto inesquecível e memória querida para quantos trabalham neste nobre matutino, cujo nome está inscrito nos anais da imprensa glebária e nesta casa de modo indelével, razão por que o Jornal

do Comércio vive ainda à sombra de sua presença mística, e sua equipe traz incólume, já vamos para um século de existência, o mesmo devotamento à causa indeclinável que o Mestre ensinou a amar com tôdas as veras de seu entusiasmo e do seu afeto!

Estarão entre nós, hoje, para tão auspicioso e singular acontecimento, a figura caríssima de João Calmon, Diretor Superintendente dos Diários, Rádios e Tevês Associados; Paulo Cabral, cavalheiro simpático, com um largo sorriso nordestino e uma enorme capacidade de trabalho e não menor tino administrativo, Diretor Geral da imbatível Organização que o velho Capitão criou e consolidou; o Dr. Wehmias Gueiros, membro do Condomínio Acionário da Cadeia Associada; Antiógenes Chaves, industrial e advogado, Diretor-Presidente do Diário de Pernambuco; Senador Milton Trindade, Diretor-Superintendente dos Diários e Rádio Associados do Pará; Orlando Motta, Diretor Assistente de Imprensa dos Ddaa; Pedro Aguinaldo Fulgêncio, Diretor Executivo dos Diários Associados de Minas Gerais.

A Cadeia deslocou de vários Estados, profissionais que atuam em jornais de sua faixa, para dar apoio ao grupo local do Jornal do Comércio.


São eles: Jornalista e Professor Nelson Dimas Filho, Assessor do Direção Geral dos Ddaa, no Rio de Janeiro, que supervisiona a edição de lançamentos da nova fase do Jotacê; Jornalista Arí Cunha, Editor Geral do Correio Brasiliense; Gerardo Vasconcelos, Chefe do Departamento Industrial do mesmo CB; Jornalista Edson Zenóbio, chefe do Departamento de Circulação do jornal “Estado de Minas Gerais” e “Diário da Tarde” Associados de Belo Horizonte e a gentil senhorinha Joselina Dias de Alencar, Chefe do Serviço de Paginação do Correio Brasiliense.

O Novo Jornal do Comércio passará a funcionar com seguinte equipe:

Guilherme Gadelha, Editor Geral; Dr. Frânio Lima Editor de Textos; Raimundo Nogueira, Editor de notícias locais; Carlos Zamith, Editor de Esportes; DR. Edson Almeida, Editor Internacional e Dioclécio Editor de Artes.

O corpo redacional estará constituído de:





Fernando Collyer e Mansueto Queiroz, Redatores; Caupolican Padilha, Helen Veras, Cláudio Lima, José Ribamar Garganta e Albany Frota, repórteres; José Batista, Chefe do Departamento Fotográfico; Operador de rádio-fonte e teletipo: Ernani de Paula; José Zemith, Impressor Chefe e Ruy Muniz Chefe de Laboratório e Litogravura.

Nesta data festiva, queremos deixar registrado o nosso preito de saudade a todos os valentes e bravos companheiros que tombaram, mas que deixaram o seu tijolo marcante na construção dêste vibrante arauto da imprensa cabocla. Igualmente, queremos levar o nosso abraço de solidariedade e de conagraçamento, a todos os bravos soldados da falange associada do Amazonas – da Redação da CASA, o fazemos através de nosso amigo Periandro Trigueiro, exemplo de trabalho dedicação e disciplina; ao pessoal das oficinas, por intermédio de Julio Cesar, competente e cumpridor de seus deveres.

E que o nosso queridíssimo Jotacê cresça cada vez mais, porque a sua grandeza se refletirá na própria grandeza da terra comum, de que é heraldo intemorato e indormido!

Nós saudamos o novo e cada vez mais forte guerreiro da opinião pública na Planície. Nós saudamos o Novo Jornal do Comércio!

## UMA PIADA DO CAÇULA

– Esses meninos são de morte, dona **Celene**. Dizíamos nos, a nossa querida espôsa, estourando de rir.

Madame encarou-nos com um olhar curioso e espantado, e nos tivemos que renovar a dose:

– Clynio e Lucio Hernani conversavam em seu quarto, e nos, sentados à mesa, almoçando, escutávamos com certo interêsse, o “papo” dos nossos dois rebentos.

**Clynio** – ... pois é, mano! Foi uma cena revoltante. O pobre do animal correu, com uma fogueira viva...

**L. Hernani** – Mas, como foi mesmo isso rapaz?!

**Clynio** – Um gaiato da bamba do Tomé deu um banho de gasolina no bicho e ateou fogo...

Entramos na conversa, irado:

– Quem foi o perverso que fêz tal barbaridade

**Clynio** – (Sem nos dar ouvidos) – O míserocão saiu a correr desesperado Getúlio Vargas abaixo, e já em frente ao politeama, “pum”!...

– Morreu ?

– Não pai acabou a gasolina! Debochou o mais nôvo de nossos moleques.

## UM PREITO DE JUSTIÇA

A irmã mais velha, que coadjuvou nossos pais, no concernente à nossa educação doméstica, era uma mulher bonita, de personalidade marcante, dona de uma energia que muito macho não possui, arejada e culta. Normalista, pela nossa vetusta Escola Normal, hoje Instituto de Educação do Amazonas, Maria dos Anjos não seguiu o magistério, pois, casando-se com o filho da Diretora do Estabelecimento em que era interna, o Colégio Nossa Senhora do Carmo, não quis o marido que a esposa trabalhasse em outro lugar além de no lar.

Ele, o marido de Maria dos Anjos, era o sr. Osman Monte de Assis, Despachante da firma J. G. Araujo, que lhe deu a mais ampla cobertura, é bom que se ressalte, ao contrair uma pertinaz tuberculose pulmonar que o levou ao túmulo, depois de anos seguidos de tratamento e de tortura moral.

O Sr. Osman Assis era um homem bom, correto, sério, sisudo, possuidor do mais belo coração humano que nos foi dado conhecer em toda nossa vida! Muito parecido com ele, no particular foi o nosso querido irmão e diletíssimo amigo Emanuel R. Dos Santos, de cuja vida e morte, nos ocupamos em edição recente desta coluna, a quando de seu falecimento em New York.

Nosso cunhado ajudou-nos a todos nós, das segundas nupcias do velho campeador Coronel Siqueira após a queda política do autêntico líder de Fonte-Boa, de maneira definitiva e, se cada um de nós tem uma posição marcante nas comunidades em que mourejamos, devemo-lo, sem nenhuma sombra de dúvida, à nobreza e generosidade do coração de ouro daquele cavalheiro singular, que, não tendo herdeiros, fez de nós – dez pessoas ao todo – filhos diletos, aos quais queria com amor paternal ostensivo e caloroso!

Sua alma de anjo deve se encontrar no céu – ou então ninguém mais terá direito ao ingresso no paraíso!

Mas voltemos à nossa irmã...

Maria dos Anjos era de temperamento nervoso, com uma enorme predisposição para a agressividade e à violência. A antítese perfeita do marido, cuja calma e espírito pacifista eram proverbiais em sua vida de taciturno sofredor. Na faina de educar-

nos, a seu modo, dos Anjos empregava sempre dois provérbios, que guardamos na memória e de cujo conteúdo tiramos proveitosa lição para a vida: “Quem não quer ser lobo não lhe veste a pele” e “quem bém fizer, para si é; quem mal fizer, para sí será”...

O primeiro, fez de cada um de nós, irmãos, um ser autêntico! E, quem nos conhece sabe que realmente o somos. Cada um de nós tem coragem de reconhecer a soma de suas virtudes e o volume de seus defeitos, procurando ter, na balança da personalidade, mais qualidades boas, no prato delas, do que defeitos, no das qualidades negativas. Nunca desejamos aparentar ser o que não somos e temos uma espécie de orgulho personalíssimo de ser o que realmente somos. Quando erramos, assumimos a responsabilidade da “pele do lobo” que vestimos e jamais pretendemos pespegar, na conceituação em que nos tem nossos semelhantes, qualidades que não possuímos, seja por omissão, seja por falta de coragem de reagir, frontalmente, à calúnia e à lisonja!

O segundo deu-nos a perfeita consciência da Lei do Retorno das Ações, desde os vêrdes anos e, se não fazemos aos outros aquilo que não queremos que nos façam a nós, temos, por outro lado, enorme piedade dos pobres diabos que despejam a fúria de suas misérias sobre as carcassas de seu próximo – eis que, na era atômica, vê-se o algoz transmutar-se em vítima das infâmias e felonias quase que imediatamente após as haver lançado contra seus indefesos adversários...

## BOTO NAVEGADOR

Quero, mais uma vez, antes de desenvolver meu raciocínio sobre o assunto que escolhi para o trabalho de hoje, insistir no ferimento de velha tecla: o meu completo alheamento às questões políticas – não sou vinculado a qualquer partido, nem pretendo ser – e como já afirmei, quando meu amigo Gilberto, em marcante clima de exaltação popular, ascendeu, pela segunda vez, pelo voto consagrador de seu povo, à altolocada posição de supremo mandatário do Estado, que não tenho nenhum interesse pessoal quanto a qualquer pleito junto a seu governo.

Posso falar, portanto desapaixonadamente para fazer minha análise tranquila, superficialíssima, embora, sobre o prestigioso líder popular da planície.

Completo Mestrinho seus primeiro anos de administração a quinze deste mês, com várias inaugurações de obras úteis, enorme euforia popular e inequívocas provas de carinho e confiança de verdadeiras massas humanas, na capital e no interior do Estado. Aliás, isto não foi surpresa para ninguém. Quem julga seus governantes é o povo. A termometria do pretígio ou do declínio de um político é mensurada, sem qualquer necessidade dos famigerados “ibopes”, através das conversas nas casas, nos locais de trabalho, pela manifestação espontânea das crianças, pelo pronunciamento, velado ou ostensivo, de pessoas de todos os níveis, nas sátiras jocosas ou expressões agressivas, nos encontros, nas esquinas, nas ruas, nos locais mais diversificados em que possam aflorar diálogos e surgir opiniões sobre a conduta, o acerto e os erros, do trabalho dos mandatários do povo.

Não há necessidade de escrever-se uma só linha, quanto ao prestígio estável, com visível crescimento, de Mestrinho, a partir do momento em que, após vários anos de ausência, voltou a pisar o solo do Amazonas, até hoje.

Por que a permanente preferência popular por esse homem? Por que, quando tantos outros, na mesma situação política e que muito fizeram o governo, merecerem, logo nos primeiros meses de atuação, o anátema crescente do povo, até o desprestígio total? Esta pergunta não é só minha, com certeza! Muitos a devem ter feito. Alguns com desconcertante e inquietador estado de espírito,



por verem ruir por terra conclusões apriorísticas, julgadas axiomáticas. Lembro-me, no particular, de que uma pessoa muito querida, quando eu lhe falava, lá pelos idos de 1.979, que Gilberto vinha como candidato ao governo do Amazonas, e que ninguém seria capaz de derrotá-lo, me respondera: “Você está tão defasado em seu ponto de vista, como ele superado em sua pretensão. Esse homem faz vinte anos que não tem contacto com a terra e sua gente. Ninguém mais se lembra dele. Ademais, esta é a vez dos jovens. “E não adiantaram meus contra-argumentos, inclusive de que os governantes dos povos mais expressivos do mundo eram todos homens de mais de sessenta anos e que Gilberto ainda não chegará àquela idade.

Tempos depois, meu jovem amigo, desapontado, deu a mão à palmatória.

Que é que mantém aceso o fogo sagrado do prestígio imutável de Gilberto?

Em primeiro lugar, carisma é um raro dom, personalíssimo – e ele o possui, indiscutivelmente. Mas, este dote isolado, pode atuar apenas como falar de receptividade e simpatia, em área vocacional específica. Atributos outros, do líder caboclo, saltam aos olhos do observador como sendo fatores ponderáveis na tecitura singular do espírito desse autêntico condutor de massas, tais como: invulgar inteligência, capacidade plena de comando, autodeterminação, decisão na hora precisa; auto-confiança irradiante, dessa irradiação persuasiva que convence, porque vazada em espontânea sinceridade; amor à causa que abraçou, fidelidade ao compromisso assumido e lealdade inquebrantável para os amigos. Gilberto dedica-se, incansavelmente, ao trabalho e é feliz na escolha de sua equipe, que ouve e orienta. Consiente de sua condição de líder, Mestrinho não tem medo do povo. Atira-se no meio da multidão, sem os aparatos das ostensivas guardas pessoais e cada elemento da avalanche humana é uma sentinela indormida e vigilante de sua incolumidade e integridade física, porque está identificado com ela. Tem especial carinho pelas crianças – e isto lhe valeu volumosa soma de sufrágios no memorável pleito de 82. Esse carinho se veste de afeição cativante, e as crianças que, melhor do que ninguém, sabem quem as estima de verdade, retribuem, com fervor infantil, espontâneo e

comovente, o amor do bom amigo, com muita alegria e muita festa. Quem leu O Pequeno Príncipe, percebe sem dificuldade, onde se gera esse afetuoso estado de alma no mundo dos mirins.

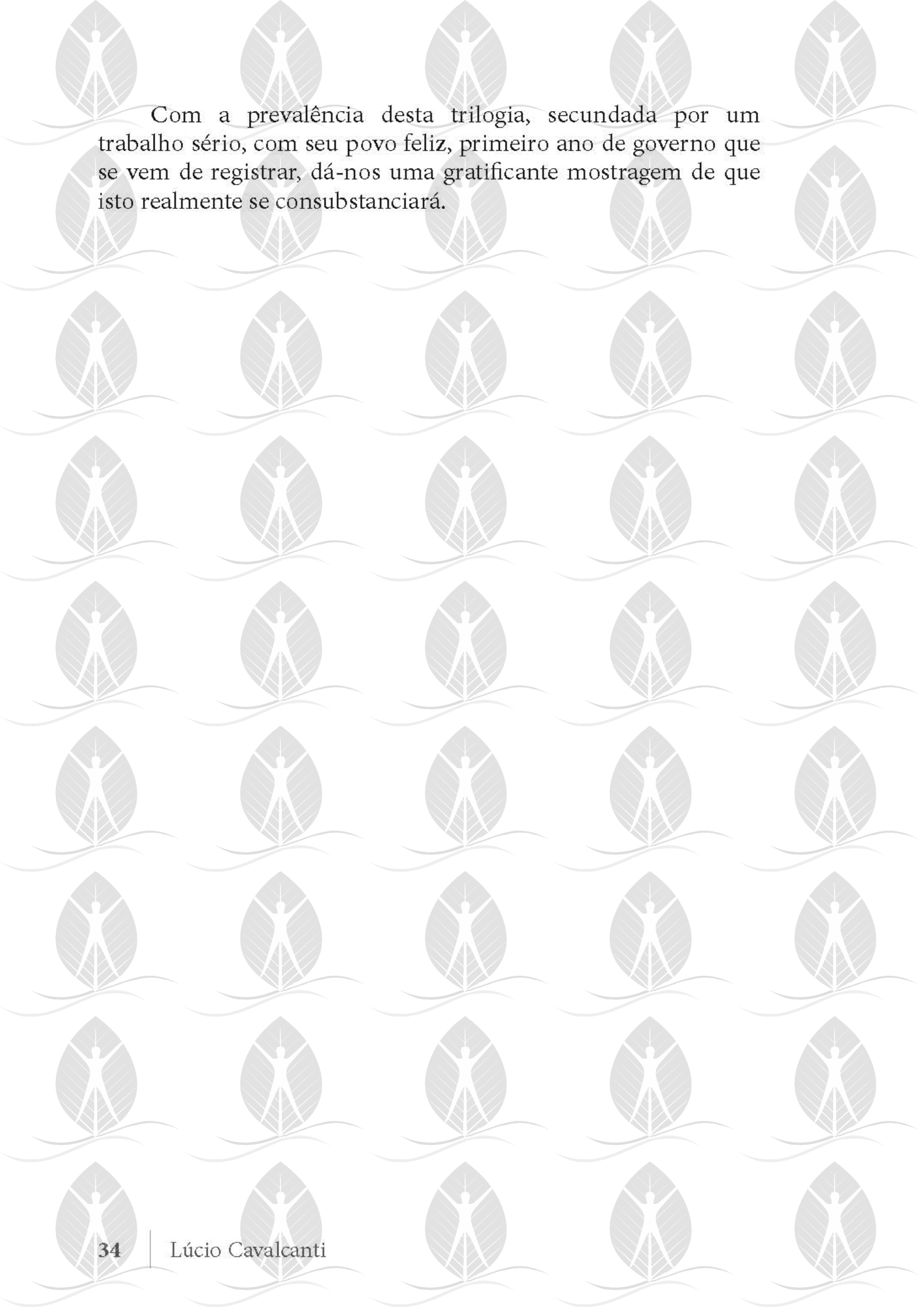
Criar um slogan, uma bandeira, u´a mística — representa precioso condimento acessório na área do comando. O leme do “Rumo Certo” engloba esse tríptico condão, sem nenhuma dúvida. E o homem aí está, na crista da onda, tranquilo, realizando uma notável obra de governo, apoiado maciçamente pelo povo, na capital e no interior – haja vista a verdadeira consagração de quem tem sido alvo em todos os municípios interlândinos por onde passa, valendo enfatizar a verdadeira apoteose que coroou sua recente visita a Parintins.

Lamentavelmente, estou sempre lutando a braços com a exiguidade de espaço, o que me não permite possa esterder-me, como o tema pede e era o meu desejo fazê-lo, em considerações mais demoradas sobre o que este Jotacê intitulou em seu editorial de quinta-feira última, de Balanço positivo, ao referir-se aos primeiros 366 dias de administração de governante amazonense, que registram um saldo alentador, recolocando o Estado nos trilhos, acentuando a confiabilidade à justificada esperança por parte da população cabocla, fatores estimulantes imprescindíveis a qualquer saque contra o futuro, em qualquer luta recuperatória.

Gostaria de estender-me sobre os nossos rumos que Manuel Ribeiro imprimiu ao Banco do Estado e áqueles tracejos por Osias na área das finanças; o trabalho hercúleo de meu amigo Gregório Dias, na SHAM; o desempenho galhardo da SEDUC assim como dos setores responsáveis pela saúde, pelo abastecimento, pela energia, agricultura e pecuária, e pelo desenvolvimento de nossa produção mineral – talvez o mais promissor aceno quanto aos dias vindouros desta região riquíssima.

Com os recursos da comunicação, seria, apenas, repetir fatos sabidos e vividos, pleonástica e redundantemente porque, inquestionavelmente o povo participa no governo aniversariante...

O grande pano de fundo, o alicerce basilar em que se assenta a administração do carismático amazonense, é o ambiente de paz, de liberdade ampla e ordem, que se respira em todos os quadrantes do Estado.



Com a prevalência desta trilogia, secundada por um trabalho sério, com seu povo feliz, primeiro ano de governo que se vem de registrar, dá-nos uma gratificante mostragem de que isto realmente se consubstanciará.

## **D. PEDRO MASSA-BRAVO GUERREIRO DAS MISSÕES SALESIANAS DO RIO NEGRO**

Perde a família salesiana brasileira, um de seus vultos mais destacados, um dos batalhadores do grande exército de D. Bosco, dos mais aguerridos dos mais intimatoros, incansável dentre os mais incansáveis!

D. Pedro Massa, figura veneranda e simpática, com aquele sorriso perpétuo a aflorar-lhe nos lábios, tem o seu nome inscrito no bronze inderruível da gratidão cabocla, com o relêvo que marca sua atuação idealista e objetiva, no concernente à educação e catequese de nossos irmãos silvícolas das Missões do Rio Negro.

Desde os nossos dias de menino, no Oratório Festivo do Colégio Dom Bosco; de adolescente, em Jaboatão, Pernambuco, como aspirante da Casa de Formação Salesiana ali existente e de Ex-Aluno da Congregação do Grande Educador do século, sempre tivemos particular simpatia pela obra fecunda de Dom Massa, que, na luta pela obtenção de recurso para levar de vencida os óbices e atropêlos que se antolhavam à sua tarefa ciclópica, não media sacrifícios, e o seu ariete pertinaz e implacável feria todos os pontos nevrálgicos de onde pudessem brotar recursos para a consubstanciação do seu superior desideratum, não escapando de sua dialética persuaviva nem ninistros de estados, nem presidentes de República!

D. Pedro Massa se infiltrava por tôda parte, e quando voltava de uma de suas incursões audaciosas, movidas pelo ideal alçapremado que lhe tonificava o espírito de escól, eternamente jovem, dessa juventude sadia, prenhe de alegria contagiante, vinha sempre cheio de triunfos, trazendo braçadas fartas de auxílio para os seus indiozinhos, para as Missões, para obra pia que os Pastores Salésianos realizam, sem alarde nas selvas dêste Amazonas lendário, lá para as alturas remotas do rio que banha Manaus...

Quando, em Outubro de 1957, estivemos em São Paulo, na II Concentração Nacional de Ex-Alunos Salesianos, representando o Amazonas, na qualidade de Deputado Estadual, tivemos uma surpresa singular. Encontrávamo-nos na “Casa de Portugal”, no dia 13 do mês referido, às 12:30 horas, para tomar parte no banquete oferecido pela Federação Brasileira Dos Ex-Alunos



de Dom Bosco ao Reverendíssimo Pe. D. Renato Ziggiotti, (5.º Sucessor de D. Bosco), quando, sem que o esperássemos, D. Pedro Massa risonho como sempre, nos segurou pelo braço, e arrastando-nos por entre a multidão que lotava o engalanado salão, justificou seu gesto:

– O lugar do Representante do Amazonas é na mesa oficial...

E assim, fomos colocados ao lado de D. Anversa, Inspetor Salesiano, bem próximo ao ilustre homenageado, cujo sorriso franco, no rôsto oval de dentadura sadia, de cabeleira baixinha, bem à italiana, empolgava o imenso mar de homens de tôdas as idades, orgulhosos de sua qualidade de Ex-Alunos Salesianos...

Morreu D. Pedro Massa!

Lágrimas sentidas, de dôr e de saudades, da família salésia, são derramadas sôbre o túmulo do querido irmão e companheiro do mesmo e sacrossanto ideal! Choram criancinhas tostadas ao sol, homens de negros cabelos duros, mulheres de seios flácidos, caídos por sobre o ventre e dentes ponteagudos... Chora o Amazonas a perda irreparável do mais que amigo, do pai desvelado e carinhoso, que deu o melhor de sua vida preciosa à causa da educação moral, recuperação e civilização de nossos irmãos das selvas...

Agora, D. Pedro Massa está lá no céu, ao lado de Pe. Agostinho e Pe. Stélio, fechando o triângulo de santos amigos da terra cabocla, a rogar pelo êxito e pela felicidade da Juventude Amazonense!

Nem lá no paraíso há de parar o seu trabalho fecundo... E Pai do Céu que tenha cuidado! Senão, acabará convencido pelos argumentos de D. Massa, contribuindo de modo muito particularmente ostensivo, para a educação dos indiozinhos do Rio Negro!



## OLAVO BILAC E O EXÉRCITO NACIONAL

Amanhã, dia 16 de Dezembro, dêsse agitado ano de 1968, completará seu 103.º aniversário de nascimento, o bravo poeta, o escritor de primeira água, o orador primoroso, o jornalista, o Professor de Entusiasmo, inspirador fecundo do Serviço Militar Obrigatório – definitivo passo para a consolidação de Soberania Nacional – Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac, patriota verdadeiro vibrante e sincero.

O glorioso Exército Nacional, depois de apreciar-lhe o mérito indiscutível, decidiu – numa justíssima homenagem ao civil que, interpretando numa hermenêutica feliz e oportuna, o conteúdo do brocardo latino: **si vis pacem para bellum, arrégimetou** as forças vivas da nação, em perigrações sacrossantas, embazadas das no mais altiloquente idealismo, objetivando a grandeza, o pretígio e a soberania da Pátria, resultando de suas pregações, além de outros frutos inestimáveis, a instituição da obrigatoriedade do serviço militar – fazer do dia do natalício do insigne compatriota, o Dia do Reservista!

Olavo Bilac, indiscutivelmente, merece esta homenagem.

Foi, o construtor da filosofia da Liga da Defesa Nacional, incontrastavelmente, um modelo de patriotismo.

Na instalação do Diretório Central da Liga, organizada por Miguel Calmon e Pedro Lessa, no Rio de Janeiro, a 7 de setembro de 1916, o vibrante Aêdo criador do Hino à Bandeira do Brasil, atuando como intérprete de seus companheiros, teve estas expressões lapidares, que valem por uma auto-definição ao conceituar os amplos objetivos do grêmio patriótico:

“O país já sabe, pela rama, o que esta Liga pretende fazer: estimular o patriotismo consciente e coesivo; propagar a instrução primária, profissional, militar e cívica; e defender, com a disciplina, o trabalho; com força, a paz; com a consciência, a liberdade; e, com o culto do heroísmo, a dignificação de nossa histórica e a preparação de nosso porvir”. Nêste mesmo discurso, e em conferência lida no Rio, no Paraná e no Rio Grande do Sul, Bilac definindo o que seja a Defesa Nacional; o fez dêste modo:

“É o lar e a Pátria; a organização e a ordem da família e da sociedade; todo o trabalho, a lavoura, a indústria, o comércio;

a moral doméstica e a moral política; todo o mecanismo das leis e da administração; a economia, a justiça, a instrução; a escola, a oficina, o quartel; a paz e a guerra; a história e a política, a poesia e a filosofia; a ciência e a arte; o passado, o presente e o futuro da nacionalidade”.

Do seu patriotismo enorme e avassalador, e do amôr à Terra-Mãe, fala-nos esta maravilha de síntese de entusiasmo e de sentimento:

“Negar a Pátria, é negar toda a vida social e moral. A Pátria é um elo, que se liga, intermediariamente, a um dêstes dois outros elos: a família e a humanidade. Negar um dos anéis, é negar o outro. Quem não conceber idéia de Pátria, não concebe a do lar, nem a da solidariedade humana. Sem Pátria, e, portanto sem família e sem sociedade, o homem anula-se. Que é Pátria? E a paridade de gostos e de costumes, comunidade de língua, coesão de leis, identidade de condições físicas e morais, participação das mesmas lembranças e das mesmas esperanças. “Quem não compreende nem sente esta tendência e esta necessidade moral não tem alma”.

Olavo Bilac, sua vida e sua obra, constituem uma belíssima página de amor ao BRASIL, a cuja causa sagrada ofereceu tudo de si com uma sublime obstinação, uma constância e um entusiasmo edificante!

Bem haja o Glorioso Exército de Caxias, de Osório, de Deodoro e Floriano; de Mascarenhas de Moraes e de Humberto de Alencar Castelo Branco – o grande, o imenso brasileiro que a história julgará, para sua consagração na alma da posteridade! – bem haja o esteio inflexível da segurança e da defesa nacionais, pela feliz lembrança da escolha da data símbolo, para dedicá-la, com igual felicidade, ao Reservista do Brasil!

Bilac explicou falando assim:

“Amanhece. Dêem-me tinta e papel... Quero morrer!”

E a Pátria que tanto amou e em cujo seio se estratificou sua alma de gigante, jamais morrerá!

## A VERDADEIRA JULES RIMET

Um fato singular, registramos em nossa vida, que, hoje, tem uma significação particularmente grata.

Estávamos nos primeiros dias de Julho de 1962, no Rio de Janeiro. Hospedávamo-nos, como sempre, no Hotel Paysandu, situado na rua do mesmo nome, bem pertinho da Praia do Flamengo, hotel para o qual fomos levados, à primeira vez, em 1954, quando fomos tomar posse no cargo de Delegado do extinto IAPC, pelo nosso boníssimo amigo Ariosto Rezende, hoje desempenhando, em nossa metrópole, o expressivo cargo de Juiz Federal.

Gerenciava o hotel, a figura simpática do Silva, um paulista esbelto, idoso mas sempre alegre e dinâmico, com quem fizemos boa e duradoura amizade – soubemos que morreu...

Havia amazonenses no hotel e nas vizinhanças. E, com um grupo dêles, programamos uma viagem a Petrópolis, o que ocorreu numa friorenta e embaçada manhã de domingo. Já havia ido tantas vêzes à então capital da República, e nunca visitáramos o Museu Imperial, na cidade de D. Pedro.

Subimos cedo pela manhã. Levávamos uma tonelada de roupas de frio, em cima da carcassa. E satisfizemos o velho sonho. Metemo-nos com amigos e amiguinhas, nas famigeradas pantuflas que são entregues à entrada do museu, e, naquêlê passo gozado, deslizamos pelos salões e corredores do antigo palácio do mocarca brasileiro. Bisbilhotamos tudo. As coleções de jóias, de leques; tocamos deslumbrados, e como em transe místico, numa volta gostosa ao passado histórico do Brasil, o manto do Imperador, os utensílios todos ali expostos à visitação pública. Por fim, com um brilhante olhar de surpresa, a magnífica e inigualável coroa de brilhantes, girando no interior de uma redoma de vidro à prova de tudo... Nunca jamais qualquer brasileiro poderá esquecer, se visitou o museu de luzidias táboas negro-amarelas, a visão apoteótica que lhe proporciona tal espetáculo soberbo!

Regressámos por volta do meio-dia, para a maravilhosa. Nas proximidades do Bairro do Flamengo, sentimos, pelo movimento incomum, para u'a manhã de domingo, que algo de anormal se passava. A multidão tomava conta das ruas vizinhas ao nosso

hotel, e foi uma parada, conseguir penetrar nêle. A vitoriosa seleção brasileira chegara do exterior, trazendo a Jules Rimet... O Brasil acabava de sagrar-se bi-campeão mundial de futebol.

Descemos para almoçar, após um banho ligeiro. Lá fóra, a multidão se apinhava, e o nome de Pelé e do BRASIL eram, intermitentemente, aclamados pela turba frenética. No salão de refeições, próximos à nossa mesa, estavam o Mauro, o Zito, o Feola, o Amarildo e mais outros membros da Delegação da CBD, recém-chegados do Chile.

Começávamos a almoçar, quando de inopino, Silva entra empunhando uma belíssima e cobiçada Taça de Ouro, que, mais uma vêz, passaria uma temporada em nossa Pátria. Lembramo-nos de sua fala, como se estivera funcionando em cerimonial ritualístico:

– Dr. Lucio, o senhor vai ter a oportunidade que muitos poucos brasileiros terão: ver e tocar na verdadeira Jules Rimet. Na de ouro, na legítima...

– Esta aqui?! Nunca, amigo! Ela vai saindo agora do cofre do hotel, para o do Banco Do Brasil. Você viu uma reprodução dela, em metal...

E deu-nos o lindo troféu para que o sugurásse-mos. Admiramo-lo por alguns segundos e passamo-lo a uma professora amazonense, que estava a nosso lado, à mesa, para que tivesse a rara e feliz oportunidade...

Depois, o riquíssimo “caneno” seguiu seu destino, enquanto, na rua Paysandú, o povo aclamava o selecionado bi-campeão, entre os gritos explosivos e esfusiante entusiasmo!



## SALESIANOS GIGANTES

Teríamos de dôle para para treze anos, quando o vimos pela primeira vêz. Cabeleira cortada baixinho, com uma ligeira trunfa e um sorriso paternal a iluminar o rosto branco, em que dominava, por trás de lentes claras, dois olhos da côr do céu. Deslocava-se por entre a rapaziada do Colégio Dom Bosco, com uma sotaina negra, impecavelmente aseada, e a “ráia miúda” do Oratório Festivo o chamava de Padre Diretor.

Era êle Padre Pedro Ghislandi, homem santo, bondoso – figura heráldica a irradiar simpatia e confiança...

Diferente dêle, bem mais jovem, dinâmico, ativo, vigilante e indomavelmente acordado, lembro-me, à mesma época, de uma espécie de Pequeno Polegar de batina, que os alunos mais antigos, irreverentemente, às escondidas é claro, chamavam de “babieca”.

Não sabemos onde aquêle pequenino sacerdote ia buscar tanta energia, tanta vitalidade! Era o comandante das várias centenas de alunos e oratorianos do Colégio e sua campanha de metal amarelo, quando vibrava no ar, ou na cuca de algum recalcitrante, parecia transmutar-se em algo sobrenatural a que todos prestavam o mais profundo respeito.

Não menos santo que o primeiro, era temido e querido e se tornou, com o correr dos anos, uma legítimo ídolo da família salesiana desta terra – Padre Agostinho Caballero Martin!

O terceiro cavalheiro da respeitável Ordem, era Pe. Stelio Dalison, uma especie de “Public Relations” do grupo – culto, simpático, orador de tomo e belíssima voz educada de barítono.

Duas outras pessoas, não tonsuradas, embora já envergassem o mesmo uniforme clerical, atuavam, ainda, no Colégio, exercendo tremendo fascínio sôbre a trêfega adolescência dos idos de 1931: Juvêncio e Cordani.

Fazia, então, dez anos que o grupinho de pioneiros salésios chegara a esta cidade pacata e já sua obra meritória e inelutável utilíssima, se fazia sentir, de maneira admirável na vida comunitária da sorridente Manaus.

A profunda veneração à queridíssima Nossa Senhora de Dom Bosco, à Virgem Auxiliadora, e verdadeiro amôr à presença mística do magnífico Educador que “mamã Margherita” deu

ao mundo, para colocar milhões de jovens na trilha da virtude cultuando o trabalho – Virtus Et Labor é sua divisa sagrada – acendiam o facho ideal naquelas almas sem mácula, dos primeiros milicianos que vieram a esta capital, para altear, no tópo do mastaréu salesiano, ficando na seara da Educação Planiciária, o pavilhão soberbo que, há poucos dias fez exatamente cinquenta anos, que drapeja, baloiçado pela morna aragem, na terra do grande rio...

Os sucessores daquele pugilo de idealistas souberam dar prosseguimento à missão digna de todos os encômios, que empolgou o ânimo dos fundadores da Congregação Salesiana em nossa terra.

E ninguém pode deixar de reconhecer o trabalho homérico, fantástico, divino, que os filhos de Dom Bosco realizaram em Manaus e no Alto Rio Negro, através de sacerdotes educadores, das filhas de Maria Mazzarello e dos missionários que lutam, nas florestas, na faina incansável e nobilitante da catequese dos silvículas da hinterlândia!

## MAESTRO ERNANE BRAGA

O seminário salesiano de Jaboaão era uma colméia humana, em atividade plena, naquele fim de tarde de princípio de verão. Altaneira, a capela de N.S. Auxiliadora, assentada sobre um rochedo de granito descomunal, dominava as cercanias – montanhas e vales desdobrando-se, verdes, até se confundirem, longe, com a linha do horizonte – enchendo de beleza e majestade, o clima religioso da Casa de Formação dirigida pelo santo sacerdote pernambucano, orador sacro de renome internacional, educador de méritos reconhecidos, escritor de tomo: Pe. Carlos Leônico.

Filósofos e noviços, de sotainas negras, eram vistos vez em vez, às vestes talaras agitadas ao vento, e os jovens do aspirantado, em trajes seculares, enchiam a ambiência com o alarido de vozes de todos os timbres.

Àquela hora quase crepuscular, as equipes de aspirantes distribuía-m-se, agitadas, em diversas frentes de trabalho: desde o jardim próximo ao aposento de Pe. Gumercindo, conselheiro que substituiu o aquilino e enérgico alemão Pe. Schneider, até aos pátios de recreio, o aviário e ao novo campo de futebol ainda não inteiramente concluído.

João Bosco cortava grama com uma tesoura quase do seu tamanho; Mário Balbi, Waldir Aquino, Dagmar, Chiquinho de Penedo e Octávio, colocavam folhas secas e outros ingredientes nos banguês, auxiliando a turma da vassoura na condução do lixo. No futuro gramado, enxadas, picaretas, enxadecos, ciscadores e outros instrumentos, revolviam e aplainavam o terreno, de argila liguenta, ainda úmida, encharcanda em alguns pontos, pelas últimas chuvas do inverno recém-findo.

A campa anunciou o fim do trabalho. Menores, médios e maiores apanharam, em seus dormitórios, os calções de banho, entraram em filas e dirigiram-se, escoltados pelos clérigos assistentes Delugan e Hermann Schilp, para as piscinas, suados e sujos. As palmas dos condutores dos grupos autorizaram a quebra do silêncio e o salto n'água. Cinco minutos de banho gostoso. Fila para o dormitório, para trocar a roupa. Campa avisando o jantar. Fila novamente.

Refeitório. Orações ligeiras antes das refeições. Libertação do silêncio. No particular, em três lugares os aspirantes, nem ninguém, podem falar, porque aí o silêncio é sagrado: na igreja, no estudo e no dormitório. Em outros ambientes, os aspirantes podem cavaquear ou deixar de fazê-lo, dependendo das circunstâncias que a tanto induzam os responsáveis por tal autorização ou proibição.

No jantar, como de costume, foi servido feijão com muitos gorgulhos, carne, arroz e brote. A turma comeu com a voracidade costumeira. No seminário, o café era simples, com açúcar e o pão não levava manteiga. Leite, só nos dias de festas excepcionais. Mas a moçada era forte, disposta, sadia. Talvez o gorgulho possua teores vitamínicos ainda não detectados pela medicina, porque, dificilmente, um aspirante caía doente.

Findo o jantar, os futuros padres ganharam o pátio, para o recreio de antes do estudo da noite.

De inopino, a barulheira de centenas de vozes saiu do ar, como por encanto! Todos se voltaram para o declive lateral da capela imponente. Pe. Carlos Leôncio descia em sua fóbica negra, acompanhado de um estranho personagem. Numa rápida reunião, improvisada ali mesmo na área de lazer, o chegadiço foi apresentado à comunidade. Sorridente, simpático, cabeleira grisalha, cinquenta e poucos anos, assim era o maestro Hernane Braga, vulto de renome no cenário musical brasileiro, famoso em Recife pelo grupo orfeônico que regia de várias centenas de vozes infantis...

Hernane Braga procurou o seminário para repousar. Mas, entusiasmado com o afinado coro dos alunos, que ouvira numa das missas domingueiras, reuniu algumas dezenas deles, ensaiando músicas de seu repertório. E na primeira tertúlia mensal, sopranos e contraltos selecionados pelo brilhante cultor da divina arte apresentaram números empolgantes. Fazíamos parte do conjunto, e ainda hoje lembramo-nos das músicas que cantamos naquela noite memorável: 'Minha terra tem palmeiras', 'Viva o sol do céu da nossa terra' e 'Casa de ferreiro, espeto de pau', entre outras.

A despeito do pequeno lapso de tempo que conviveu com o aspirantado, o carismático musicista compatriótico marcou época e deixou saudade no seio da comunidade salesiana de Jabotão.



## SONHO A REALIZAR-SE

É, realmente, um vasto mundo à parte – esta Amazônia gigante!

Constituindo-se na maior rede hidrográfica do planeta, esta fabulosa imensidão telúrica de insignificante massa demográfica, teria que, fatalmente, oferecer duas condições antitéticas: ou lhe ocupavam seus donos, ou padeceria, incontestavelmente, da invasão de alienígenas cobiçosos, atraídos pelas inesgotáveis possibilidades econômicas que se multiplicam em sua faixa territorial – no particular, talvez as mais espetaculares do orbe – e compelidos pela necessidade de sobrevivência, facto que mais cedo ou mais tarde teria que acontecer!

Tivemos uma bendita Revolução. Se o foi para o Brasil, para a Amazônia teve ela o carácter de inelutavelmente salvadora. Seu condão supremo: acordou, na alma da Pátria, no ânimo da nacionalidade, a visão objetiva daquele dilema sem opção, e o patriotismo, o idealismo, a raça e a coragem de Castelo Branco – o inesquecível “Presidente da Amazônia”, visualizada a globalidade de nossos problemas seculares e sopesada a soberbia de nossos recursos latentes, de par com a angústia do doloroso drama da região abandonada e quase esquecida – acionaram dispositivos criadores, plasmando, em moldes irreversíveis, a redenção do Vale!

O novo “fiat” ecoou nas muralhas das selvas, com as ressonâncias promissôras de redenção da Planície!

E o prestígio da terra cabocla deixou de ter o carácter quase burlesco, retratado na farta literatice ufanista e fantasiosa, feita para ninar poetas e enganar bôbos – para ser calcado em precisas e preciosas realidades dimensionais.

Hoje, no BRASIL, a Amazônia é legítima “vedette”, cujo cartaz se alteia, obrigando compulsoriamente, a que todos os compatriotas lhe voltem as vistas, achando que é hora, mesmo, de sua integração ao país, em termos de fatos e de ação.

A caminhada desenvolvida pela terra índia, a partir de 1964, representa alentador avanço! Tem o sentido de uma esplêndida conquista. A base, mais que isso, os alicerces da grandeza inconcussa da área, estão sendo plantados com uma carinhosa preocupação

de perfectibilidade, enfocados todos os ângulos, inclusive os estratégicos, pertinentes à segurança e à defesa regionais.

E um velho sonho volta, agora, a empolgar espíritos que visam a definitiva recuperação, ao completo auto-apossamento da soberba faixa telúrica: a criação do Ministério da Amazônia!

Vasto mundo à parte, como dissemos no início destas considerações, com problemas particulares seus, diversificados, estruturalmente, daqueles que empolgam as demais regiões brasileiras. A Amazônia, pela bandeira de esperança que desfralda nos céus do BRASIL, e por um número de razões óbvias, necessita de um organismo que lhe supervise os alçapremados destinos, dinamizando-lhe as energias potenciais, dando-lhe aquelas condições vitais urgentemente reclamadas pela aceleração e consolidação de seu desenvolvimento.

O General Rodrigo Octávio Jordão Ramos está coberto de razões. E nós achamos que todos os amazonenses, sem discrepância, assim como todos os brasileiros que desejam, verdadeiramente, a grandeza da Pátria comum, deve cerrar fileiras em torno do bravo militar, na perseguição do ideal que é seu e nosso, de dar à região uma Pasta sua, promotora de seu reerguimento – que, de resto, implica no soerguimento do próprio Brasil: o Ministério da Amazônia!

## GILBERTO MENDES DE AZEVEDO

Gilberto Mendes de Azevedo recebe , do Amazonas, duas justíssimas homenagens: O título de “Cidadão de Manaus”, conferido pela Câmara Municipal Metropolitana e o de “Industrial do Ano”, outorgado ao valoroso amazônida, pela Federação das Indústrias do Estado.

Já tivemos oportunidade de, desta coluna, focar o homenageado, dando apagado realce ao seu valor a à sua utilidade para a área.

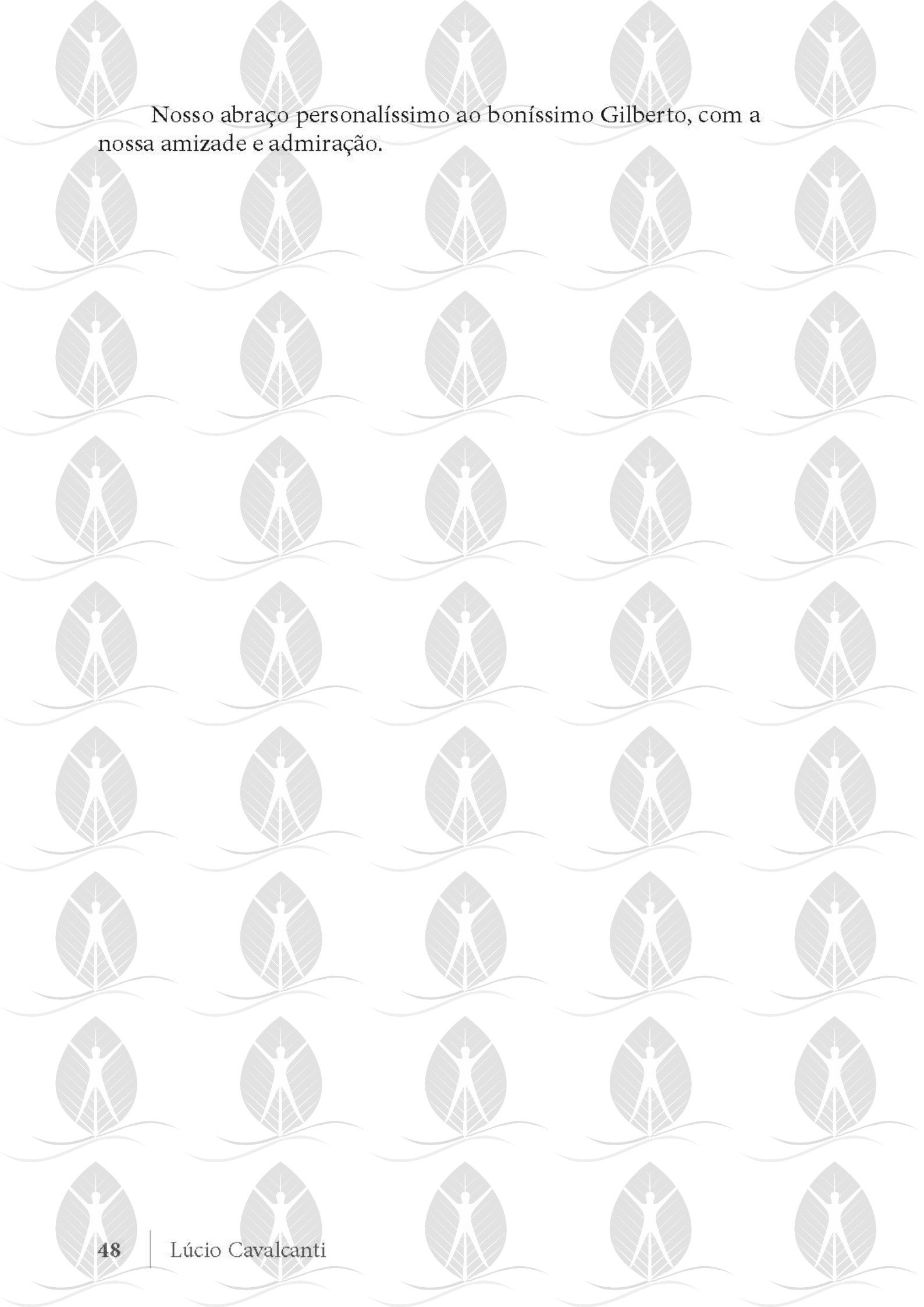
Dissemos que Gilberto é caboclo como nós, dessa Amazônia sofrida que, com a Revolução, ressurgiu, encontrando o caminho do desenvolvimento, e, como tal, é um dos nossos.

Pelas suas virtudes autênticas, merece, realmente, as homenagens da gente índia. Não há nelas, qualquer intuito subalterno. Prestigia-se a quem, de feito, realiza, em favor da região, algo de notável, substancial, efetivo.

Todos sabem, porque vivem e sentem, que o SESI, dirigido pela figura simpática e dinâmica de João Furtado, é expressão atuante na vida social da cidade. Entidade assistencial, sem fins lucrativos, presta serviços valiosos a usuários da faixa industriária, investindo e immobilizando somas apreciáveis na área para a consecução de seus “desiderato”. Pois bem, Gilberto Mendes de Azevedo, que é o Presidente do Conselho Nacional da Instituição, dá inconcussa parcela de colaboração ao Dr Amazonense, razão porque todos os que militam nas hortas sesianas o estimam.

O homenageado, por outro lado, atua na esfera industrial metropolita, presidindo a Moageira de Trigo Amazonas, que benefícios inestimáveis presta à terra índia.

Vê-se, de logo, que o caboclo tem aquelas credenciais justificadoras do apreço e afeição de que é credor na Taba. Não se lhe faz favor, com as manifestações gratulatórias consubstanciadas nos títulos honoríficos que lhe atribuíram a edilidade e o empresariado de Manaus. Paga-se lhe, pelo contrário, de modo elegante e justo, dívida de gratidão, pelo, que efetivamente, tem feito em prol da terra, nas duas faixas vitais de seu deslanche inelutável: a social e a econômica.



Nosso abraço personalíssimo ao boníssimo Gilberto, com a  
nossa amizade e admiração.



## SEMANA SANTA

Passou a Semana Santa. E nós estivemos comparando a diferença dos dias de hoje com aqueles d'antanho, na quadra religiosa que reedita na lembrança das gentes o mistério do martírio do Gólgota.

Recordamo-nos muito bem da sagrada hebdômada dos nossos dias de menino. Filhos de pais cearenses – em nossa casa a morte de Nazareno era cercada de profundo respeito, começando com recolhimento e oração, na quarta feira de trevas, estado de espírito que se prolongata até o aleluia, no sábado. Aliás, o respeito se fazia sentir em toda a ambiência comunitária, de maneira inequívoca. Os navios não apitavam. Carros não buzonavam. Taciturnidade austera dominava, mesmo nas casas de muita gente. E a coisa já havia evoluído muito – diziam nossos avós. “Em seu tempo”, ninguém comia carne. Nem penteava o cabelo. Não se matava animal, nem que fosse para comer. Ninguém tomava banho! Fazer a páscoa era obrigação tão compulsória como votar hoje nas eleições, como atender ao serviço militar.

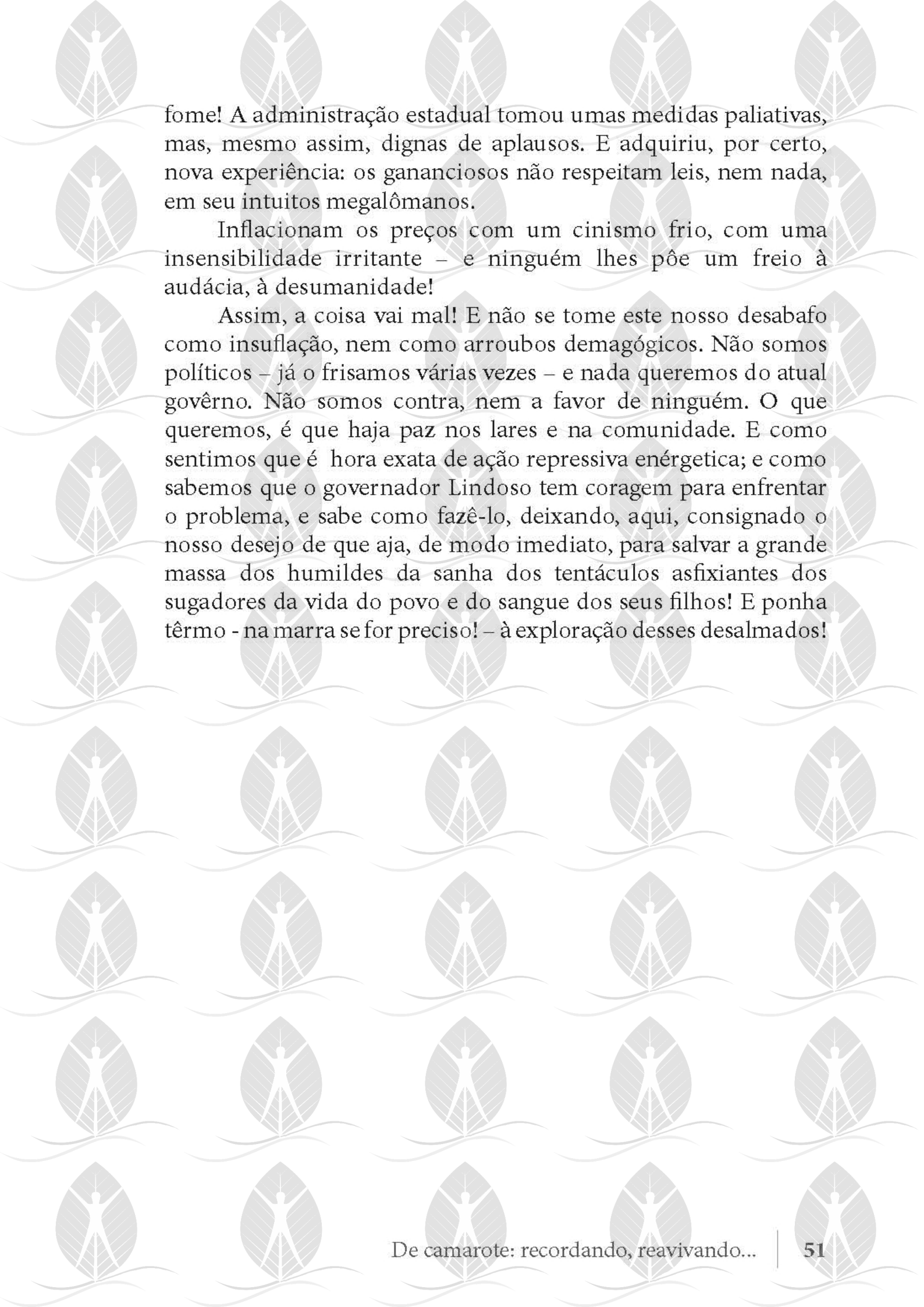
A criançada sofria ameaças ao romper do aleluia, quando as peraltíces ultrapassavam o limite do tolerável. E os “miris” se vingavam dos “açus”, pois sabiam que a passageira imunidade lhes servia de escudo contra os castigos e que, chegado o sábado, e com ele, o malhar dos judas e as festas do aleluia, as diabruras seriam esquecidas e as surras prometidas jamais eram levadas a vias de concretização.

A outro aspecto, o ritual eclesiástico, então, era belo e comovente. O lava-pés dos mendigos; os altares e os santos da catedral vestidos de fazenda roxa, da cor das mortalhas dos adultos e dos caixões de defuntos pobres; o cerimonial, em latim, parte do qual era cantadado em canto chão; a voz trêmula e frágil de D. Bazílio Pereira a soar solene, em contraste com a voz timbrosa de “bassos” e barítonos que acolitavam o santo bispo amazonense. Tudo era interessante para nosso espírito infantil, assaltado de profunda impressão, aqui, pela fila enorme de fiéis, assim dispostos para beijar os pés do bonito Cristo pregado numa cruz vistosa de madeira escura, envernizada, colocada sobre uma almofada de seda ricamente trabalhada, na escadaria do altar-

mor; alí, pela comovedora cena da “Procissão do Encontro”; além, pelo romper do aleluia no interior da vetusta Matriz de Nossa Senhora da Conceição. O pano rôxo caía bruscamente no altar central. Fazia-se um rápido hiato e as campainhas, agitadas por mãos febris de “coroinhas” rizonhos, enchiam o ambiente de vibrátil sonoridade esfarinhante, enquanto, no côro, o órgão executava u’a melodia majestosamente dominadora. Altares e o templo inteiro se enchiam de luz e de música e as fisionomias das pessoas tomavam nova cor, exteriorizando a alegria íntima de cada um. Os santos despiam sua roupagem fúnebre e voltavam a completar, em sua sisusa mudez, a multidão que lotava o templo. Lá fora, os sinos bimbalhavam festivos e ouvia-se o estampido dos foguetes de rabo de tala nos céus, e das ronqueiras, no chão. Os navios, no “roadway” da Manaus Harbour, faziam silvar seus apitos e suas sereias. Os cabriolés e os raros automóveis fonfonavam suas buzinas, em coro com as vozes das pedras ferindo os velhos postes metálicos da Manaus Tramways; a rapaziada, com enorme alarido, vergastava o corpo molgado dos judas, que eram arrancados dos galhos e das janelas, de onde quer que estivessem pendurados e após inflingir ao traidor o suplício das cacetadas vigorosas, queimavam-nos nas ruas desta provincianíssima cidade, cujo borbórinho e exaltação denunciavam que a vida voltava aos lares sonolentos e às artérias quase desertas...

Uma constatação constrangedora; hoje, nem sábado d’aleluia há mais! A festa – que perdeu a graça – foi transferida para o domingo. Acabou-se a vibração do passado. A Semana Santa perdeu aquela beleza comovente dos tempos idos...

Indiscutivelmente, “cum barriga dolens, coetera membra dolent”... O povo sofre, pois o minguado salário que lhe é contraprestado não dá para satisfazer as mais mínimas condições de vida. E tem que pagar “setenta e cinco cruzeiros e oitenta centavo” por um quilo de pirarucu! Nos velhos tempos, Cristo ainda multiplicava os pães e os peixes, para alimentar seus milhares de seguidores. Hoje, nem SUNAB, nem governo, nem ninguém tem conseguido arrancar o povo das garras dos tubarões que sangram a bolsa dos humildes, sem pensar que há crianças de barriguinhas grudadas no espinhaço, morrendo à míngua, com



fome! A administração estadual tomou umas medidas paliativas, mas, mesmo assim, dignas de aplausos. E adquiriu, por certo, nova experiência: os gananciosos não respeitam leis, nem nada, em seu intuitos megalômanos.

Inflacionam os preços com um cinismo frio, com uma insensibilidade irritante – e ninguém lhes põe um freio à audácia, à desumanidade!

Assim, a coisa vai mal! E não se tome este nosso desabafo como insuflação, nem como arroubos demagógicos. Não somos políticos – já o frisamos várias vezes – e nada queremos do atual govêrno. Não somos contra, nem a favor de ninguém. O que queremos, é que haja paz nos lares e na comunidade. E como sentimos que é hora exata de ação repressiva energética; e como sabemos que o governador Lindoso tem coragem para enfrentar o problema, e sabe como fazê-lo, deixando, aqui, consignado o nosso desejo de que aja, de modo imediato, para salvar a grande massa dos humildes da sanha dos tentáculos asfixiantes dos sugadores da vida do povo e do sangue dos seus filhos! E ponha têrmo - na marra se for preciso! – à exploração desses desalmados!

## FOBIA SUPERADA

Quando esta cidade de Manaus foi abalada com a notícia estarrecedora da tragédia do PP-PDE, o “constellation” da Panair que se espatifou na floresta, a poucos minutos de nosso aeroporto, numa fatidica e chuvosa madrugada, nós nos deixamos empolgar por um tal nervosismo que nos fez proscerver viagens aéreas.

A esta altura, atuávamos como advogado de várias firmas comerciais de Manaus, vinculadas à organização do interior da Amazônia e, como tal vivíamos continuamente de malas arrumadas para as ameudadas andanças profissionais. E nossos deslocamentos se davam, quase sempre, a bordo de aeronaves da Panair, da Cruzeiro, da Vasp ou da Varig.

Havia poucos dias do sinistro, ainda hoje lembrado em nosso meio com dor e luto, quando uma daquelas organizações determinou que deveríamos voar a Santarém, para em Alenquer, depois de contactos naquela cidade tapajônica, dirirmos certa pendência que estava causando problemas à entidade a que como advogado, servíamos.

Fincamos pé. Não voaríamos em hipótese alguma para a capital mcoronga. Se houvesse uma embarcação iríamos. Caso contrário, que se contratasse outro profissional pois não tínhamos nosso curtidíssimo couro para comburir nas selvas a bordo de aeronaves, muitas delas já de há muito superadas, como no caso dos famigerados “Catalinas”...

A cousa era urgente e a firma, diante de nossa decisão irrecluável não teve outro remédio. Caiu em campo à procura de uma embarcação que nos levasse às plagas santarenas...

Só lhe foi possível conseguir depois de árduas buscas, o imenso, pesado, belo e luxuoso motor “Lord Kelvin” do Waldomiro Lustosa. Já pensaram amigos, nós sozinhos naquêl megatério? O naviozinho possuía um enorme apartamento com requintado confôrto, inclusive espelhos, ventiladores, sala de banho...

Felizmente cobrimos nosso percurso, por ser viagem direta, em tempo “record”. Depois dos contactos necessários, ficamos a aguardar o momento azado para seguir até Alenquer em nosso imponente motor.



Estávamos após o café matinal conversando com nosso colega e amigo Dr. Ubirajara Bentes, advogado brilhante, dono da famosa coleção arqueológica comentada no mundo inteiro e do hotel UIRAPURU em que nos hospedávamos, quando somos interpelados por dois homens, visivelmente nervosos. Dado o serviço, os chegadiços adiantaram que os chefes da organização a cujo “sôldo” nos encontrávamos se achavam em Alenquer, exigindo nossa presença dentro de no máximo uma hora.

– Não é possível senhores. Nosso motor leva mais de dez horas de Santarém a Alenquer...

– Viemos no teco-teco do seu Britão...

Apolonildo vai levar-nos de volta. O aviãozinho está fretado pelo seus patrões e o senhor não pode deixar de ir conosco...

O caso era urgente. As ordens definitivas. Não havia outro jeito...

Fizemos vista grossa à nossa fobia aeronavegatória. “Noblesse obligeait”. E nos largamos de Santarém, num teco-teco de porta arreventada que o trinco era um arame enroscado, sem cinto de segurança e um único motor que vivia a dar pregos a três por dois, dirigido por um piloto de turismo, conhecido por suas loucuras e nenhum amor à vida de ninguém – a começar pela sua!

Chegamos sãos e salvos! O teste de nervos realmente valeu. E nós nunca mais viajamos de motor.

## EDUCADOR E SANTO

Exatamente no dia em que o homem decolava da lua – afastando da superfície do satélite, rumo da terra, seu famoso módulo “EAGLE”, - subia daqui, para o Céu, uma das mais belas almas de santo que nos foi dado conhecer em nosso quase meio século de existência!

Morreu Padre Carlos Leônico!

O extraordinário sacerdote salesiano era pernambucano e nasceu a 4 de novembro de 1887.

Estudou no Recife, onde fez o curso de Humanidades, ingressando na Congregação fundada pelo excelso Pastor Salésio, o ínclito DOM BOSCO – o Santo da Juventude e o maior educador de todos os tempos!

O noviciado, o jovem filho das terras do Leão do Norte, enfrentou em Sergipe, nos gloriosos tempos da Tebaiba.

Após receber a sentença irreversível do: **tu es sacerdos in aeternum secundum ordinem melchisedech**, Pe. Carlos Leônico, já agora sacerdote, doutorou-se em Teologia pela Universidade Real de Turim.


No dealbar da primeira conflagração mundial, regressou à Pátria que tanto e sempre amou e, na capital da terra que lhe serviu de berço, dirigiu o Colégio Salesiano Sagrado Coração e fundou, então, a Liga dos Educadores Católicos do Recife.

Não muitos anos mais tarde, Pe. Carlos passou a dirigir a Casa de Formação Salesiana de Jaboatão, onde, pelos idos de 1933, o conhecemos, tendo sido um de seus dirigidos e alunos.

Antes da Segunda Guerra Mundial, foi à Europa, como convidado especial da alta cúpula de orientação e supervisão da Congregação, para fundar a Faculdade de Pedagogia, no Pontifício Ateneu Salesiano de Turim.

Entre outros mestres, ao preparar-se para o fiel desempenho daquela dignificadora missão, teve Padre Carlos Leônico, em Friburgo, na Suíça, a orientação do mundialmente famoso pedagogo Devaud!

Quando os alicerces da Velha Europa eram sacudidos pelos petardos dos canhões e obuses-aviões cruzando os céus a despejar milhões de toneladas de material deletério, e a



profundeza dos oceanos e a superfície dos mares eram cortados de vasos de guerra de todos os tipos e tamanhos, misturando o óleo de sua máquina com sangue das vítimas que fazia, na mais encarniçada luta registrada nas páginas da História dos Povos da Terra – Padre Carlos Leôncio fundava aquela Faculdade de Pedagogia, que se manteve sob sua direção até 1952, tendo, então, por motivo de saúde, regressado ao Brasil, fixando-se em Lorena, no Estado de São Paulo.

Ali, assumiu a direção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da promissora cidade paulista, que havia sido fundada naquele mesmo ano, tendo desempenhado o honroso cargo até 1965.

No ano de 1953, o ilustre sacerdote representou o BRASIL na Unesco, em Paris, colocando o seu talento e sua cultura, a serviço da patriótica missão que lhe fôra confiada pelo govêrno de nossa Pátria.

Em 1965, foi enviado ao Chile, como representante das Escolas Católicas do Brasil. A partir dêsta ano, dirigiu o Instituto Salesiano de Pedagogia e Filosofia de Lorena, função de que se afastou, *sponte sua*, para dedicar-se ao ensino e à orientação da juventude – sua vocação visceral!

Abalado na saúde, esteve hospitalizado mais de uma vêz e, a 21, do corrente – ante-ontem para ser preciso – foi chamado ao seio de Deus!

## ALEIJADINHO DE ALMA ANGÉLICA

Quando aquêlê pobre capenga passava, as rodas na Avenida achavam graça do seu modo de andar. Os moleques, incluindo nêsse rol de desalmados, os vendedores ambulantes que estão a infestar a esquina da principal artéria da cidade com a rua Henrique Martins, faziam coro às piadas de mau gosto endereçadas ao infeliz aleijadinho, que, com lágrimas nos olhos, caminhava, amargando sua desventura.

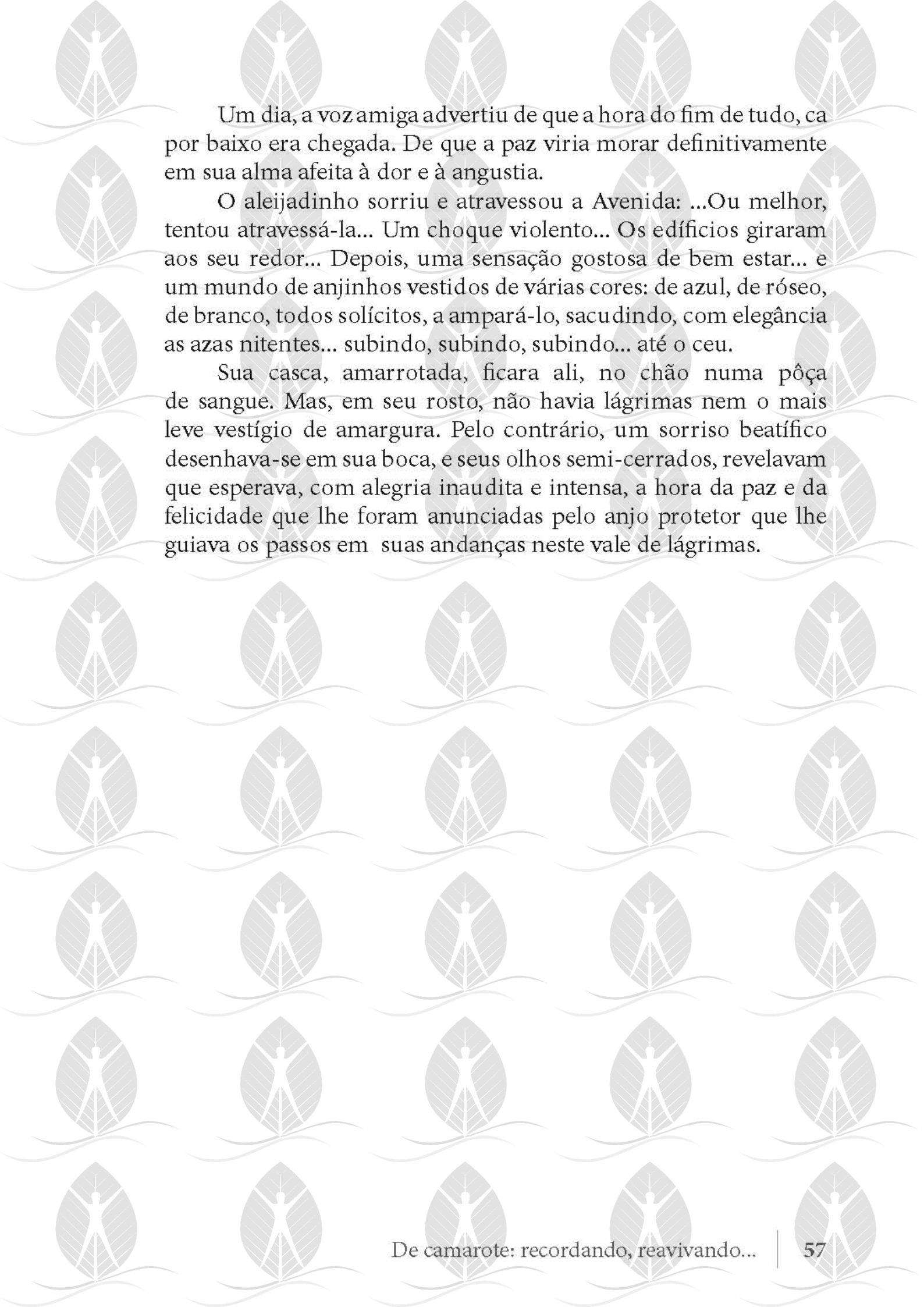
Não respondia a ninguém, nem deixava transparecer sua mágua. Aprendera, de cedo, quando a maldita paralisia infantil o apanhara, após três dias pavorosos de febre altíssima, em que ficou entre a vida e a morte, – a conformar-se com o irremediável... Às vêzes no seu desespero íntimo, revoltava-se, numa rebelião surda, sem que seu estado de alma viesse à tona, não chegando a ser percebido por ninguém, e perguntava a Deus, por que não lhe tirava a vida naqueles três dias horríveis!

É uma voz amiga, que lhe falava de um recanto remoto de seu mundo interior, encorajava-o dizendo que devia cruzar os dias de tormenta e que, não muito longe, num futuro que estava a avizinhar-se a passos largos, teria, como remate à tortura que o avassalava ao sofrimento mais moral que físico, que o perseguia por toda parte, paz eterna, com a felicidade macia e gostosa dos sonhos...

Realmente o aleijadinho sorria sempre ao dormir. Em tais horas, sua vida tinha sentido, eis que era embalado por sonhos coloridos encantadores, refertos de beleza, de alegria, de amor... Então, os moleques da rua jogavam-lhe pedras de rosas, e, à sua passagem, tôdas as critaturas o saudavam com francos sorrisos de simpatia. Não havia nos gestos dos circunstantes, nem a agressividade que amedronta, nem a piedade contrafeita e hipócrita, que envenena a alma e faz sofrer...

E, assim, entre momentos de tranqüila vivência num mundo irreal, e de bárbaro convívio com a multidão implacável na miserável obstinação de perseguí-lo e apupá-lo entre chistes e apôdos, viveu o pobre coxo, capengando pelas ruas esturricadas ao sol esbraseante de verão, e inundadas pelo dilúvio que caía das alturas enxurrando nas artérias de esgotos entupidos.





Um dia, a voz amiga advertiu de que a hora do fim de tudo, ca por baixo era chegada. De que a paz viria morar definitivamente em sua alma afeita à dor e à angustia.

O aleijadinho sorriu e atravessou a Avenida: ...Ou melhor, tentou atravessá-la... Um choque violento... Os edifícios giraram aos seu redor... Depois, uma sensação gostosa de bem estar... e um mundo de anjinhos vestidos de várias cores: de azul, de róseo, de branco, todos solícitos, a ampará-lo, sacudindo, com elegância as azas nitentes... subindo, subindo, subindo... até o ceu.

Sua casca, amarrotada, ficara ali, no chão numa pôça de sangue. Mas, em seu rosto, não havia lágrimas nem o mais leve vestígio de amargura. Pelo contrário, um sorriso beatífico desenhava-se em sua boca, e seus olhos semi-cerrados, revelavam que esperava, com alegria inaudita e intensa, a hora da paz e da felicidade que lhe foram anunciadas pelo anjo protetor que lhe guiava os passos em suas andanças neste vale de lágrimas.

## O GLUTÃO ACREANO

E por falar em Estado do Acre – lembramo-nos de uma cena gostosa que se passara ali com o nosso amigo Galvãozão.

Eramos Inspetor de Ensino do Departamento de Educação e Cultura do Território. O Coronel Fontenele era prefeito de Rio Branco, e nos convidou a visitar a Escola do Itucumã – o seringal que então pertencia ao boníssimo Zezé, um dos seringalistas da velha guarda do Acre.

E, numa bonita manhã de sol, montados em burricos, lá fomos nós...

Rompemos varadouros, varejamos veredas e caminhos estreitíssimos, lanhados pelas amoladas lâminas das tiriricas, palmilhamos parte da estrada que vai de RIO BRANCO ao ABUNÃ... E chegámos a nosso destino, debaixo de festiva recepção, a que não faltaram os estampidos dos foguetões de “rabo de tala”.

Da comitiva, fazia parte o Galvãozão, conhecido na Acreânia, por sua fabulosa voracidade: O Zezé, por outro lado, era famoso por seu proverbial espírito anfitriônico, e pela fartura de sua casa!

Num dia excepcional como aquêle, houve mesas para os convidados. Galvãozão começou conosco, na “primeira mêsá”. Comeu como um lobo – de tudo! Carneiro, pôrco, pato, galinha, filé de boi... Comeu e bebeu “à pamparra”!

Amezendou-se na segunda, e no mesmo ritmo, deglutiou garfadas montanhosas de pitéus suculentos, e por julgar íntimo da família – era compadre do Zezé – entrou pela terceira mesa, mastigando sem cessar.

Fizemos as visitas protocolares. Aturamos discurseiras e recitativos na escola, com homenagens ao “seo Perfeito” e ao “seo Ispetô”...

E, à hora do regresso, a espôsa do Zezé deu uma enorme jaca ao compadre Galvãozão, que a assentou no cabelouro de seu jerico, o qual, ao peso, quase perde a mola do pescoço.

Contaram-nos, dias depois, que ao chegar ao Igarapé do Almôço, Galvãozão falou a seu acompanhante:

– Você não acha, “seo” colega, que esta jaca esta dando um trabalhão dos diabos!?



- !?

- Vamos comê-lá?

- Tá doido, amigo! Em meu estômago não há “praça” nem para a metade de um caroço!

Não dando bola para a “covardia” do parceiro, Galvãozão chamou a jaca aos joelhos, quebrou ao meio engoliu quase, ou mais da metade do indigestíssimo fruto.

A negra Deltrudes tinha uma pensão no Beco do Mijo. O Galvão era seu hóspede. Ao chegar da viagem gemia e choramingava empanzinado.

A boa prêta preparou-lhe obra de meio quilo de sulfato de sódio e, para apressar o “efeito”, trouxe-lhe, minutos depois de aplicar-lhe o purgante, uma lata de banha de um quilo, cheia de chá...

E o Galvãozão, com lágrimas nos olhos resmungou:

- Deltrudes, você me traz chá assim, escoteiro, sem aos menos umas torradinhas!

## ADERSON ANDRADE DE MENEZES MORREU

Veste-se de luto a planície com a perda de um de seus mais talentosos filhos...

A família universitária hasteia, no mastro da dor, bandeira a meia verga! Os meios intelectuais da gleba recebem o tremendo impacto da infausta nova, consubstanciada no passamento lamentável de uma das culturas mais sólidas da Amazônia de nossos dias, com profundo sentimento de pesar!

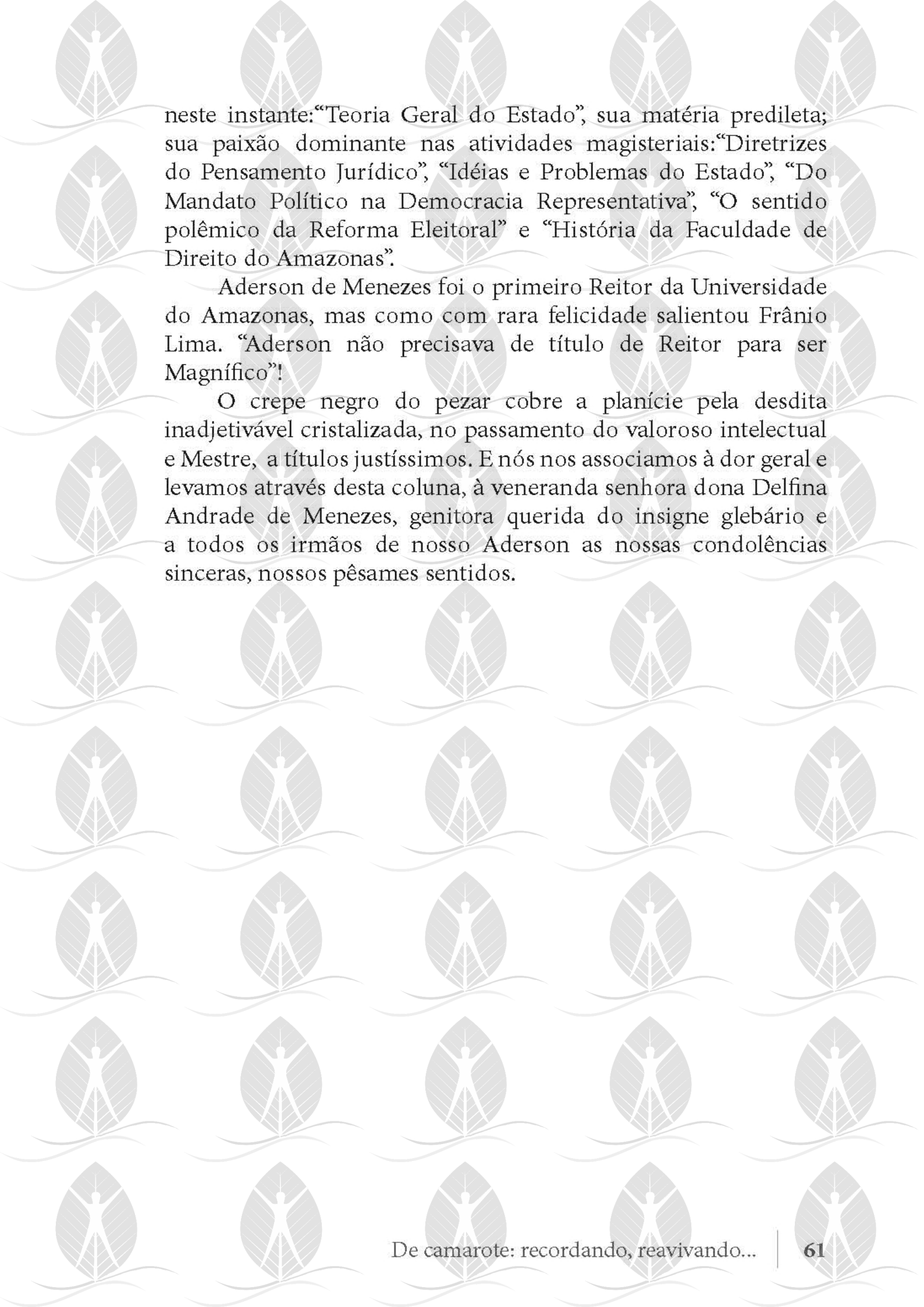
A vetusta Academia Amazonense de Letras, a nobre Associação Amazonense de Imprensa, a veterana Faculdade de Direito do Amazonas, o magistério da fluminilândia, a família fazendária e a imensa coorte de amigos e admiradores derramam sentido pranto pelo desaparecimento do valoroso caboclo de Parintins, cuja vida útil e preciosa vem de ser tão violenta e precocemente ceifada pela sanha implacável da morte, que se vestiu com a roupagem aterradora da tragédia, para arrebatá-lo de nosso convívio, a personalidade autêntica do admirável índio amazônida.

Aderson Andrade de Menezes, emprestou o brilho de sua inteligência ao nosso querido Jornal do Comércio, em cuja secretaria redacional atuou com eficiência e desenvoltura.

Ocupou o prezado colega bacharel em Direito pela Fda, funções de relevo, em todas elas se havendo com equilíbrio, elegância, sabedoria e dignidade. Foi deputado Estadual de “performance” expressiva em nossa Casa Legislativa; desempenhou as funções do Cargo de Chefe de Polícia, de Diretor da Penitenciária Central do Estado; atuou brilhantemente, como Juiz Substituto e Procurador Fiscal da Secretaria de Fazenda. Foi Secretário de Estado de Educação e Cultura e professor catedrático de Teoria Geral do Estado, em nossa FDA e lente de Direito Público da Faculdade de Ciências Econômicas, tendo dirigido ambos os Estabelecimentos de Ensino Superior. Desempenhava, ultimamente as funções do cargo de Coordenador da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade de Brasília, onde também dava aulas.

Produziu trabalhos de tomo precipuamente de caráter jurídico, dos quais poderemos citar alguns que nos vêm à lembrança





neste instante: “Teoria Geral do Estado”, sua matéria predileta; sua paixão dominante nas atividades magisteriais: “Diretrizes do Pensamento Jurídico”, “Idéias e Problemas do Estado”, “Do Mandato Político na Democracia Representativa”, “O sentido polêmico da Reforma Eleitoral” e “História da Faculdade de Direito do Amazonas”.

Aderson de Menezes foi o primeiro Reitor da Universidade do Amazonas, mas como com rara felicidade salientou Frânio Lima. “Aderson não precisava de título de Reitor para ser Magnífico”!

O crepe negro do pesar cobre a planície pela desdita inadjetivável cristalizada, no passamento do valoroso intelectual e Mestre, a títulos justíssimos. E nós nos associamos à dor geral e levamos através desta coluna, à veneranda senhora dona Delfina Andrade de Menezes, genitora querida do insigne glebário e a todos os irmãos de nosso Aderson as nossas condolências sinceras, nossos pêsames sentidos.

## MANUEL BANDEIRA

Chora, em prantos convulsos, em desesperado pranto, a alma sentimental e afetiva do Brasil.

Fechou os olhos, para sempre, o aêdo primoroso, o poeta inigualável, o vate incomparável, o grande cantor de cousas belas dêste reino de beleza que é a Terra de Santa Cruz – Manuel Bandeira!

Há uma estranha coincidência no registro que pretendíamos fazer em nosso trabalho de hoje, e no qual não podemos deixar de gizar. Falaríamos, com o necessário destaque, sôbre o DIA DO PROFESSOR, que ôntem defluiu, entre festas e alegrias, na comunhão espiritual de mestres e alunos, e, por uma questão de não poder deixar de assinalar o lutuoso evento, vamos nos ocupar do príncipe do lirismo nacional.

E, qual a coincidência?

E que Manuel Bandeira, o poeta de A Cinza das Horas, de Carnaval, de Estrêla da Manhã, de Libertinagem; o difundidíssimo autor de Vou-me Embora P'ra Pasárgada, de Os Sinos, de Desencanto, de Os Sapos, de Balada das Três Mulheres do Sabonete Araxá; o crítico literário de Crônicas da Província do Brasil, o biógrafo de Gonçalves Dias, o pernambucano ilustre que produziu a Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana, Obras Primas da Lírica Brasileira, Apresentação da Poesia Brasileira, Mafuá de Malungo e tantas outras obras de tomo, perfumadas, tôdas elas, do olôr dos verdes canaviais coleantes, que sobem e descem dos outeiros do inconfundível relevo do Leão do Norte, até descançar ao pé de estradas de ferro, por onde correm locomotivas barulhentas, a soltar estrídulos apitos que ecôam nas distâncias, carregados do cômlo produtor da riqueza da terra progressista das plagas Nordestinas – Manuel Bandeira também, foi professor, dos mais notáveis e eficientes: de Literatura Universal, no Colégio Pedro II, por onde, na adolescência, se bacharelara em Ciências e letras; de Literatura Hispano-Americanas, da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil.

O insigne vate desaparecido é uma das honras da cultura nacional, e nós endossamos, com tôdas as letras e vírgulas, a

mensagem do Presidente Costa e Silva, endereçada à Academia Brasileira de Letras, sentimentando o cenáculo prestigioso e respeitável, pela enorme lacuna que se faz sentir na casa com a perda do ocupante da Cadeira de Júlio Ribeiro, o discutido autor da mais discutida obra literária de sua época (1888), A Carne.

O ilustrado porta-voz do movimento modernista brasileiro, teve excepcionalmente, a consagração de seus coêvos, ainda em vida, ressaltando-se, no particular, a que lhe prestaram os vultos mais expressivos das letras patricias, por ocasião do seu cinquentenário, melhor dito, de seu quinquagésimo aniversário, em 1936, com a publicação da coletânea de estudos sobre a personalidade do nataliciante ilustre, intitulada, Homenagem a Manuel Bandeira!

Perde o Brasil, com o passamento de tão valoroso representante de suas letras, um vulto realmente ciclópico.

É doloroso, para nós ter de fazer tão doloroso registro.

A alma, do popularíssimo poeta patricio partiu para o além, cantando:

“Vou-me embora pra Pasárgada,

Lá sou amigo do Rei...

Tenho a mulher que eu quero,

Na cama que escolherei...

Vou-me embora p'ra Pasárgada...”

## JÚLIO BELÉM

...Tomba, em Parintins, cedendo à fatalidade biológica, o velho campeador daquelas plagas do Baixo Amazonas, o boníssimo Júlio Belém.

O falecido caboclo da Tupinambarana era figura de relêvo no cenário político da Planície. Foi governador do florescente Município, atualmente comandado por meu amigo Gláucio e, por várias legislaturas, representou o Povo parintinense na Assembleia Legislativa do Estado.

Foi nosso companheiro de atividade na casa de Representantes do Eleitorado índio, na legislatura 1954-1958, e sua conduta irrepreensível, sua linha intergiversável de lealdade aos princípios partidários, credenciaram-no em nossa estima como um homem de bem e uma personalidade de escol.

Na área privada – Júlio Belém teve, sempre, vida modelar, paradigmária.

Sua calma, sua inteligência, sua experiência da alma cabocla davam-lhe a segurança e tranquilidade, exsudando confiança em todos os gestos. Pode ter tido alguns casos de desencanto – que desconhecemos – mas nunca houve notícia de que o desapontamento possa ter tido origem por ato de deslealdade da gente por quem atuava no cenário político do Amazonas e para quem dedicou inteiramente a vida: o povo de Parintins.

Lamentamos e sentimos o passamento de Júlio Belém. Sua gente sentirá, profundamente, a falta do líder, do conselheiro, do chefe compreensível e bom.

Descança em paz, caboclo velho de guerra! Deus te dará o repouso que bem mereces!



## PROFESSOR CARNEIRO

Velinho, trôpego, barba por fazer, amparado ao braço de uma bonita jovem – possivelmente uma neta – assim o vimos a última vez, atravessando a H. Martins, ali bem próximo ao salão do conhecido “figaro” Alencar.

Não havia, então em seu rosto, aquele sorriso franco, de perpétua bonomia, que costumava bailar em seus lábios, clareando a fisionomia simpática.

Parece que a vista lhe estava traindo, e ele tinha dificuldade de caminhar sozinho.

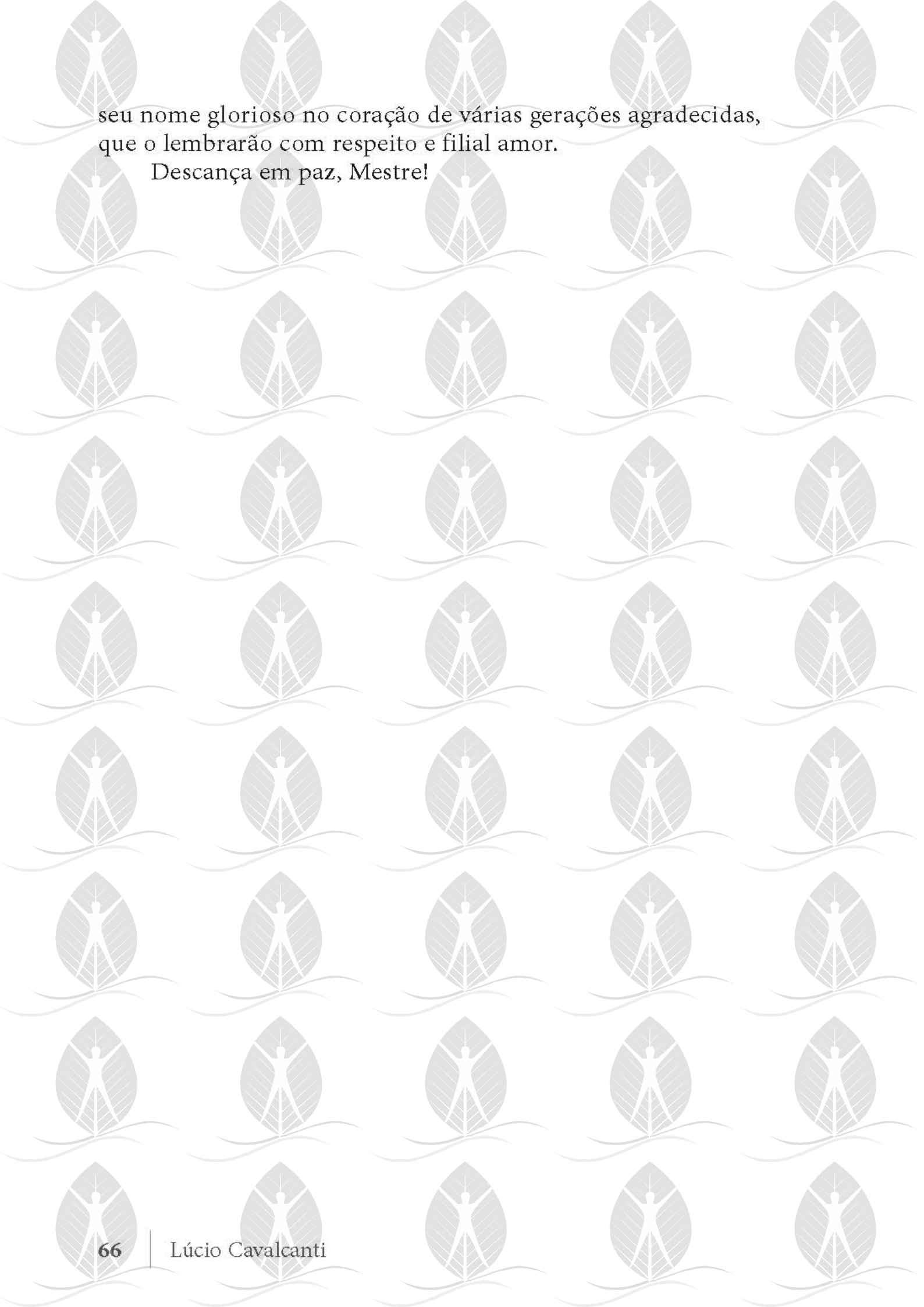
Pelos idos de 1933, princípio do ano, vimo-lo pela primeira vez no Colégio “Dom Bosco”, em uma sala de aulas do Curso de Admissão daquele vetusto estabelecimento de ensino. Fomos, ou melhor, éramos seu aluno, juntamente com nosso querido irmão Lauro Cavalcanti, Oswaldo Sobral, Oswaldo Gesta, Afrânio Aguiar, Octavio Mourão, Kepler Antony, Ophir de Castro, Márcio Nery, Renato Bessa, Mário Dias da Silva e mais um extenso grupo de jovens de tradicionais famílias desta terra.

O venerando mestre, que a morte decidiu levar ontem para as terras do além, era Augusto Carneiro.

Dava aulas com aprumo, elegância no tratar e eficiência no transmitir. Quando algum discente claudicava, o indicador da mão direita do querido professor catucava o crânio do desatento – e a lição, assim, entrava bem melhor!

Durante muitos anos seguidos, o Colégio de Padre Agostinho Martin contou com a colaboração do insigne preceptor, que emprestou o brilho de sua inteligência e o calor do seu entusiasmo pelo ensino, à causa da tradicional casa salesiana de Manaus.

Na pessoa de nosso particular e diletto amigo Clóvis Carneiro, filho do prezadíssimo extinto, queremos deixar consignada a nossa solidariedade na dor que avassala a família enlutada, a qual, se de um lado lamenta a perda irreparável, tem, em contrapartida, o justificado orgulho de saber e sentir que o velho Patriarca, chamado ontem pelo Eterno, inscreveu



seu nome glorioso no coração de várias gerações agradecidas,  
que o lembrarão com respeito e filial amor.

Descansa em paz, Mestre!

## DESEMBARGADOR FERREIRA LOPES

Tem novo desembargador o Palácio de Têmis.

É ele o jovem índio de minha terra, lá de Fonte Boa, o doutor José de Jesus Ferreira Lopes.

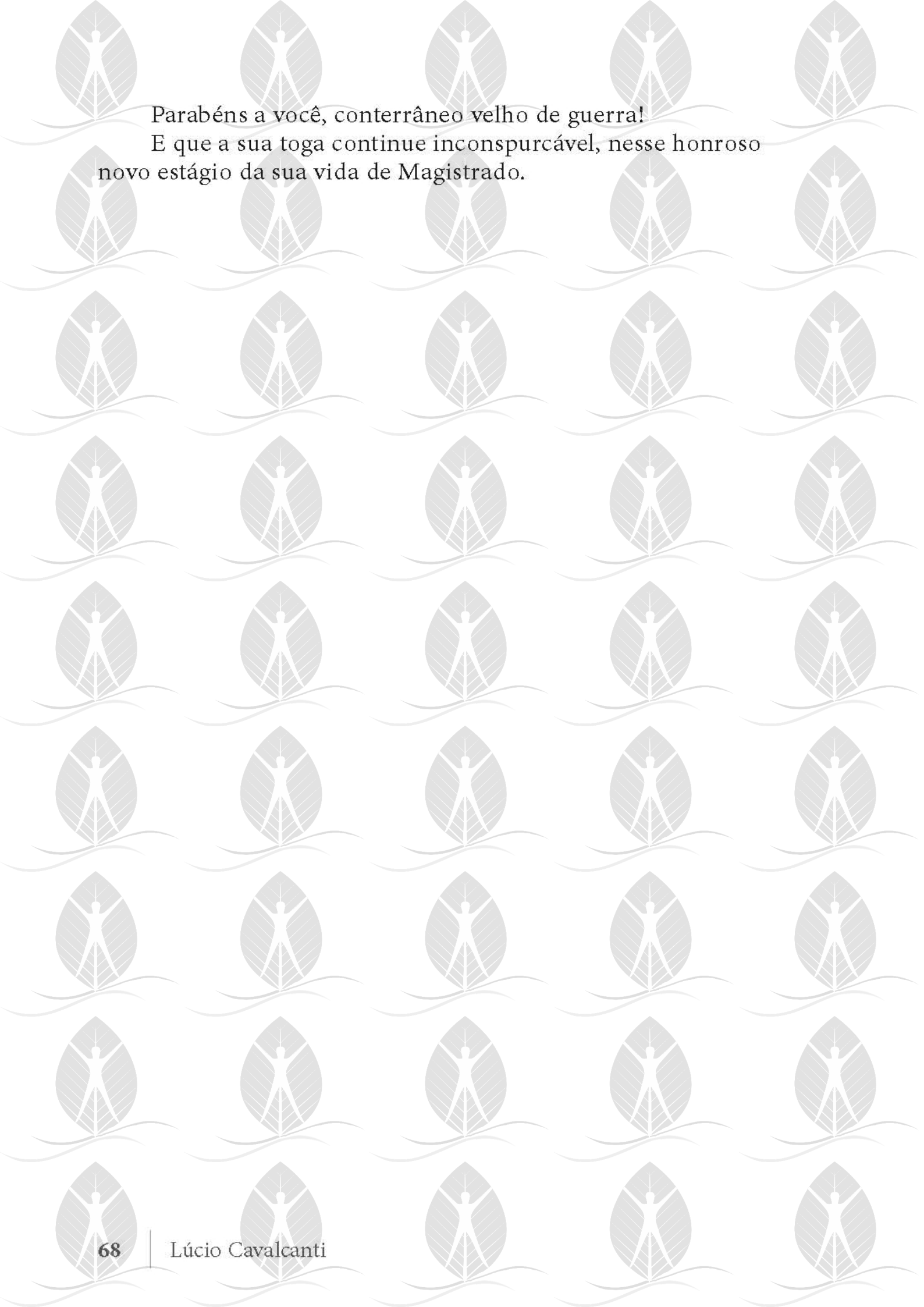
Filho de uma das tradicionais cepas fonte-boenses, seu genitor, o Sr. Flávio Lopes, assim como seu irmão mais velho, Celino, atuaram com destaque no velho DCT, hoje Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Afonso Lopes, dos mais novos, é o chefe do DPI, da Secretaria de Segurança e Estado.

O novo juiz de grau superior veio das fileiras da magistratura estadual. Perlustrou várias comarcas da Fluminilândia e, ao tempo de nossas andanças políticas, como deputado estadual, encontramos-lo em Lábrea e em Canutama, no desempenho da missão de juiz eleitoral, com jurisdição prorrogada para esta última comuna interiorana.

Muito cuidadoso, escrupuloso mesmo, em seus trabalhos, o novél desembargador José de Jesus Ferreira Lopes teve, sempre, atuação elogiável como juiz, imparcial e exato no cumprimento de seus deveres funcionais.

O Tribunal do Amazonas ganha, assim, um novo membro, cujo equilíbrio e senso de responsabilidade o credenciam a ocupar uma das poltronas do Colegiado Augusto da Planície a justíssimos títulos.

E a velha cidadela das barrancas do Solimões levanta a fronte orgulhecida, por saber, em merecido relevo, mais um de seus filhos ilustres, que, na infância, de calças curtas e suspensório de pano, sem camisa, viu correr livre ao sol, pelas ruas da frente e detrás; brincar no campo de futebol defronte da casa do 'sêo' Azumar Carneiro; tomar banho no igarapé de dona Sara e da Donana; flechar calangos e balar passarinhos nas capoeiras próximas ao velho cemitério; virar tracajás e iaças na praia do Mapuaru; participar, enfim, em gostosa atividade, da vida calma da ordeira vila de Fonte Boa, terra do coronel Siqueira, do sêo Belinho Lins, do respeitável tabelião José Manoel de Albuquerque, o caríssimo Cazuzza, do doutor Cintra, do valente José d'Arimatheia e de tantos outros nomes que pronuncio com respeito e saudade!



Parabéns a você, conterrâneo velho de guerra!  
E que a sua toga continue inconspicável, nesse honroso  
novo estágio da sua vida de Magistrado.



## MESTRA QUERIDA

Pelos idos de 1936, no Ginásio Amazonense Pedro II, ela, figurinha franzinha, pequenininha, os óculos apoiados miraculosamente na ponta do nariz aquilino, expressão maternal de acolhimento – lecionava música ao mais endiabrado grupelho de adolescentes que já foi possível reunir debaixo do teto amigo do vetusto casarão da avenida Sete de Setembro!


Era D. Maria Augusta Bacelar, viúva do ex-governador do Amazonas, Sr. Pedro d'Alcântara Barcelar.

Os molecoides pintavam o sete com a boníssima senhora. A algazzarra, na sala de aula, era bárbara! Ninguém ouvia nada, ninguém aprendia nada, ninguém se entendia... Música?! Jamais qualquer daqueles diabretos conseguiu saber, ao menos, onde se localiza, no pentagrama, o Dó, na clave de sol. Mas era difícil aquele que não tivesse um Burrall Dez na pagela, dado pelo anjo amoroso e afetivo que respondia pela cadeira da arte sublime no tradicional estabelecimento de ensino secundário de nossa terra.

D. Maria Augusta tinha um hábito imutável: todas as vezes que entrava em sala, após o “bom-dia” atabalhado da turma indisciplinada, levantava a tampa da gaveta que ficava ao centro da cátedra e tirava, de lá, o giz e a caderneta de presença e nota dos alunos. Certa feita, um gaiato colocou, à sorrelfa, um gato dentro da gaveta, antes da entrada da mestra. Ao levantar a tampa, o felídeo atirou-se esbaforido sobre a professora que sofreu formidando abalo! Ninguém riu na classe. Solicitamente, os alunos ampararam a velinha a pique de desmaiar. E ninguém soube, nunca, do nome do autor da façanha de mau gosto. E se o pilantra tivesse sido pilhado, é bem possível que apanhasse exemplar tunda, de par com uma boa dúzia de trampescos...

D. Maria Augusta era uma espécie de relíquia no ginásio. Se, em aula, a algazzarra infernal era do molde a não permitir que se aprendesse coisa alguma, fora de classe, os alunos idolatravam a querida, educada e fina mestra!

A notícia do passamento da boníssima ex-primeira-dama de nosso Estado, recebida anteontem nesta cidade de Manaus, consternou todos os que tiveram a felicidade de privar de perto do amor irradiante do espírito de escol da septuagenária mestra.

The background of the page is a repeating pattern of stylized, light gray leaves. Each leaf contains a white silhouette of a human figure with arms raised in a gesture of praise or joy. The leaves are arranged in a grid, with wavy lines separating the rows.

E nós, que fomos seu aluno, ao evocar os dias felizes e trêfegos de nossa adolescência, sempre a lembramos com saudade e carinho!

Deus há de ter reservado um cantinho morno, especial, para a alma santa de dona Maria Augusta Bacelar, ao lado do esposo querido que sempre adorou, e dos entes amados no céu. E temos certeza de que, neste exato momento, ela nos está enviando aquele sorriso afetuoso e acolhedor, que nunca deixou de aflorar em seus lábios, e que era a nota marcante de sua personalidade angelical.

## ANTENOR BARBOSA

Festa íntima, com aquele perfume gostoso de amizade leal, sem os atavios do protocolo e da etiqueta, almoço que o boníssimo amigo dos que mais prezamos nesta terra quente, o doutor Antenor Barbosa, médico de competência proclamada, sem discrepância, em nosso meio, estudioso e culto, digno da admiração e do respeito de quantos se lhe aproximam, ofereceu a limitado grupo de íntimos, entre os quais fomos inclusos com grande honra e desvanecimento de nossa parte.

Lá estavam o Mestre Raimundo Gomes Nogueira e exma. esposa, dona Isabel Soares Nogueira, o parente e amigo desembargador Francisco Felismino Soares e tia Dedé, sua simpática consorte; o sobrinho querido Felismino Soares Filho e a não menos querida Sonita, com os pimpolhos mais lindos do mundo; o João Barbosa, com sua esposa Janete e o doutorando em Engenharia, Aluísio Barbosa, os dois últimos irmãos do anfitrião; o Wladimir e dona Maria de Lourdes; o colega doutor Ivan Ribeiro e sua consorte, dona Mariazinha, a doutora Maria Leonor, médica de largo conceito, e sua genitora, a simpática e veneranda senhora dona Leonor Coutinho; dona Maria Celene Brandão Cavalcanti, minha mui querida madame, com as filhas Lúcia Maria e Tereza Maria.

Dona Betty, esposa do médico que nos acolheu em seu lar, na linda mansão da rua Paraíba, onde foi há pouco construída uma piscina pela firma Acquazul das mais belas de Manaus. D. Betty e Antenor Barbosa Ferreira trataram-nos, a todos nós, seus convidados, com atenção e fidalguia, e é com muita alegria que registramos o íntimo encontro de amigos, quase todos parentes, para ressaltar um aspecto inconfundível de reuniões como a evidenciada: muito calor amigo, muita lealdade, sob o pátio acolhedor da compreensão e da amizade verdadeira, que constrói e edifica os alicerces eternos da estima sem sofisma, da benquerença pura do amor, no seu sentido mais alcançado!

## MORREU ÁLVARO MAIA

Caiu pesado silêncio sobre a Planície inteira!

A passarada escondeu-se no seio da folhama da floresta e os bichos meteram-se nas tocas, nos ocos dos paus e nos buracos do chão, ou quedaram-se imóveis nas sapopemas e nas galharias, ou atolaram-se nos charcos.

As primeiras horas da madrugada daquele dia o céu foi rasgado por um gigantesco relâmpago vertical e o estampido de um trovão tonitroante ecoou pelo incomensurável círculo sem teto, acordando tudo...

Os pássaros soltaram cantos dolorosos, pios agourentos, gemidos lascinantes; animais encolheram-se transidos de pavor, ou dispararam em tropel tresloucado, com assombro; as imensas árvores seculares estremeceram, horrorizadas, até às raízes, crisparam-se as águas dos rios, dos lagos e dos igarapés...

Nesse exato momento, a Alma do Poeta, envolta num halo de luz feérica, dessa luz que os olhos de matéria não resistem visar; dessa luz coruscante, que cega, subiu linheira para as alturas inaccessíveis...

O vate primoroso partiu para o além!

Caboclo simples, todo grandeza de alma e pulcritude de sentimentos: todo coração aberto, empolgado de ternura, amor e perdão – assim atravessou ele a dura e espinhosa estrada da vida. Sorria, o seu desconcertante sorriso de bondade, para os que apedrejavam, flutuando sempre sobre a torrente de lama com que lhe pretendiam sujar os pés!

Nunca jamais ninguém lhe ouviu uma palavra, nem lhe sentiu um gesto, um rictus sequer, que tressandasse a vindita, o ódio, a revolta. Enquanto no chão a cainçalha ladrava esbaforida e raivosa, por lhe não poder atingir ao menos o solado dos sapatos de “andarilho da liberdade”, – ele armava sua tenda na lua e conversava com as estrelas!

Embora alheio à bulhenta matilha esfaimada, olhava-a, às vezes, com indiferença, por lhe não compreender a linguagem sórdida ou com repassada piedade, porque a sabia estúpida e desesperada!



As musas prepararam para o incomparável Aedo Planiciário um lindo colchão nitente de nuvens para as suas horas de repouso, tendo como cortinado diáfano a abóbada celeste marchetada de estrelas de ouro.

Lugar de Alma de Poeta é no céu, brincando de esconde-esconde com os astros, guiada pelo sorriso de pureza ilibida dos anjos do paraíso! Se cansa de brincar, os querubins e serafins se reúnem e tocam maravilhosos instrumentos celestiais, e cantam as melodias mais lindas para o seu descanso, sob o olhar de ternura do Eterno!

A gloriosa Alma do Poeta da Planície partiu para as indevassáveis paragens do além. Mas deixou escrito no bronze inderruível do tempo o seu nome imortal!

E o vento que leva para o amigo das matas o perfume da vida, as águas barrentas que vêm do Madeira para despejar-se no Rei dos Rios, para com ela correr implacáveis para as núpcias com o mar; as aves que velitam no céu e que enfeitam com as borboletas policrômicas os vergéis plantados pela Natureza; as feras, os animais todos que moram nas tocas e nos altos centros e os répteis que se arrastam na lama e nos paús, as florestas, os silvados e as pradarias e as cachoeiras; as restingas e as ressacas; as ilhas, os lagos, os igarapés, os beiradões e as praias; os covões e as barrancas de cor de carne sangrando; as oiranas, as imbaúbas, as tacanas e as canaranas marginais; os homens, as mulheres, as crianças... Tudo!... numa apoteose sublime de perenização de um momento que se estatizou nos séculos – lembrará seu nome, com saudade, com orgulho e com afeição e amor, nome que encarna a grandeza da própria alma do Vale – Álvaro Maia!

## POREJANDO SAUDADE

Manaus, menina bonita, Cidade Boneca, Cidade Sorriso, Cidade Jardim, quem te viu e quem te vê!

Do lado oposto a este em que te olho hoje, daquele sobradão acolá, em que te namorei tantas e tantas vezes num passado que não transpõe o limite de três décadas... como era diferente, garota!

O bonde de Saudades passava, ora subindo, ora descendo a avenida Eduardo Ribeiro; motorista velho fazia força enorme, a enrolar o freio do veículo pesado e barulhento, rodas de ferro cantando nos trilhos, roldana de lança chiando no fio, cobrador de sacola no pescoço, cheia de níqueis, às voltas com os moleques que se jogavam aos atributos, como rápidos “morcegos” e que, em legítimos saltos acrobáticos, driblavam o “portuga” enfurecido, atirando-se ao ar para fincar os pés em terra, apesar da velocidade do “carrão” do “seó” Kirk, com firmeza e elegância...

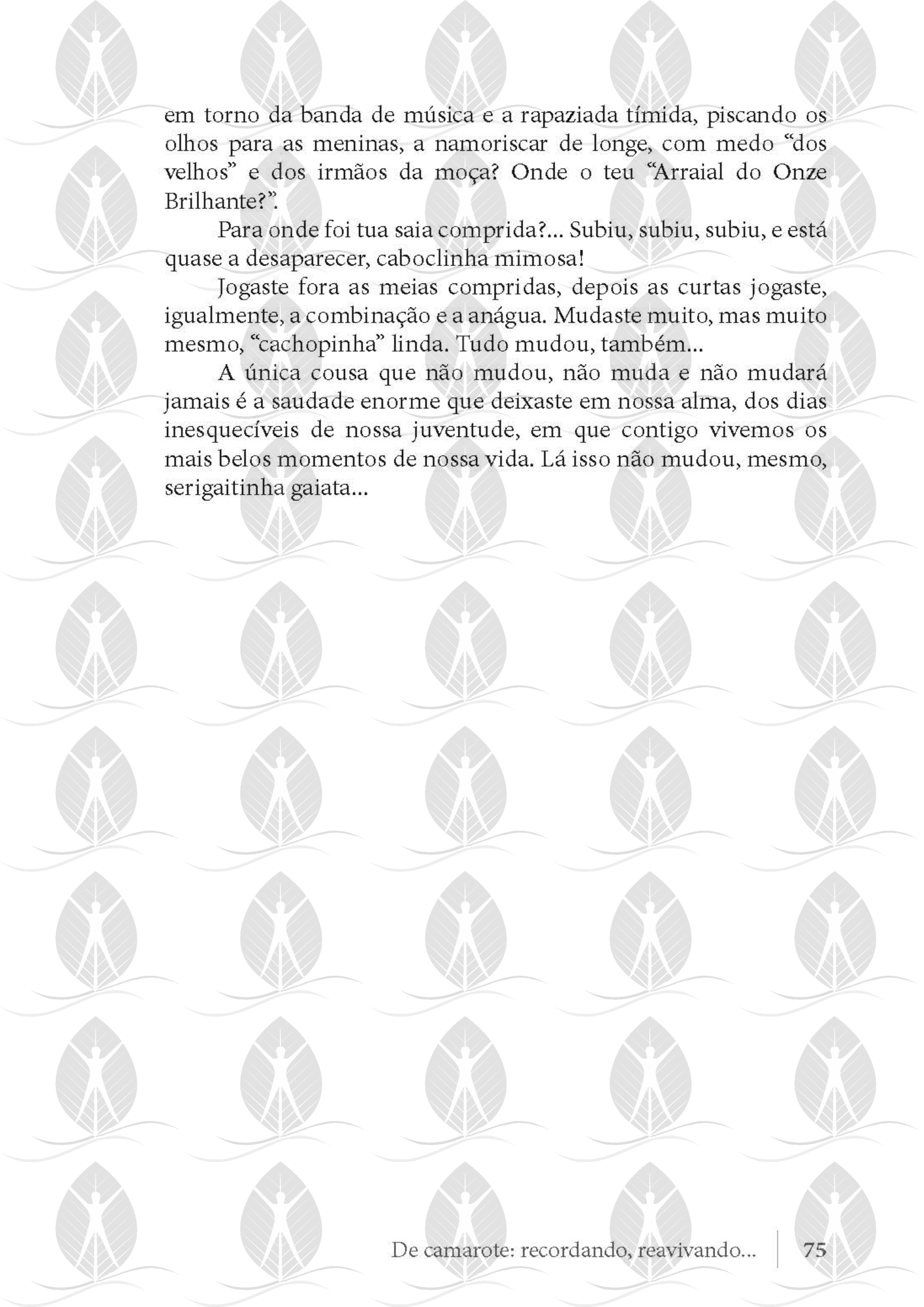
Aquela altura, menina, tinha pouca gente nas ruas. Não havia esse movimento horroroso de hoje, não! Nem mesmo de manhãzinha, quando os ginasianos, as normalistas e os alunos do Colégio Dom Bosco partiam de casa para as aulas. O povaréu só aparecia mesmo nas calçadas quando, no céu, um dos raríssimos aviões que aquatizavam na baía do rio Negro fazia ouvir o ronco de seu motor... O bicho tinha enormes barcaças de baixo do papo e toda gente queria vê-lo, ele que se constituía “avis rara”, então...

Esse movimento gigantesco de teu centro comercial, guria, só era visto em dia de procissão.

Cresceste e mudaste muito, cunhantã cheirosa e limpa! Ficastes gente grande depressa demais! Centenas, centenas de automóveis riscam tuas artérias em todos os sentidos, tão diferente do tempo em que só se conheciam o “Minas Gerais”, do João Avelino, os carros “chandler”, do velho Buhler, um alemão que tinha um filho amalucado, uma filha muito boa e uma oficina mecânica ali onde é o cinema Avenida, ou a seu lado...

Quêde teu Cachoeirinha-Circular, teu Remédio via Sete de Setembro – famigerado “Chá de Bico” (Rémedios por baixo via Mirando Leão, Joaquim Nabuco e 7 de Setembro)?!

Onde estão tuas “retretas” famosas, dos Remédios de São Sebastião, do 27.º BC e da Polícia Militar, com a moçada rodando



em torno da banda de música e a rapaziada tímida, piscando os olhos para as meninas, a namoriscar de longe, com medo “dos velhos” e dos irmãos da moça? Onde o teu “Arraial do Onze Brilhante?”

Para onde foi tua saia comprida?... Subiu, subiu, subiu, e está quase a desaparecer, caboclinha mimosa!

Jogaste fora as meias compridas, depois as curtas jogaste, igualmente, a combinação e a anágua. Mudaste muito, mas muito mesmo, “cachopinha” linda. Tudo mudou, também...

A única coisa que não mudou, não muda e não mudará jamais é a saudade enorme que deixaste em nossa alma, dos dias inesquecíveis de nossa juventude, em que contigo vivemos os mais belos momentos de nossa vida. Lá isso não mudou, mesmo, serigaitinha gaiata...

## VOVÔ PERSEVERANDO

Silves é joiazinha que tem a placidez de uma índia tranquila a banhar-se nas águas mornas do rio Urubu.

Como toda cidadela que se preza, possui sua igreja, o prédio da prefeitura municipal, o fórum e uma pracinha cimentada onde, com grande animação, desfilam as mocinhas da terra e brincam os magotes de meninos nos dias de festa.

Em Fonte Boa, nossa terra natal, havia duas famílias entrelaçadas por elos inquebrantáveis de amor e de sangue: os Cavalcantis e os Lins. Na década dos anos vinte, nosso velho pai, fazendo eco à enfatuada arrogância da família, quando da Revolução Praieira, repetia com orgulho e vaidade de líder político do município do médio Solimões: “em Fonte Boa quem não é Cavalcanti e cavalgado”. Os Lins, evidentemente, estavam fora do alcance da objurgatória, porque nossa genitora, dona Têca, casada com o velho coronel, era irmã do cacique daquela família consaguínea, saudoso tio Berlamino Ferreira Lins, pai do conselheiro decano do Tribunal de Contas do Estado do Amazonas, Dr. Belarmino Ferreira Lins Filho, nosso querido primo-irmão.

Mas é isso aí! Começamos a falar de Silves e acabamos dando com os costados na caríssima terrinha em que nascemos, numa digressão que, apenas de passagem, tem alguma conotação com o nosso trabalho de hoje. É que, em Silves, município conhecido como o **Feudo dos Garcias**, é muito difícil topar-se com uma pessoa que não esteja, a qualquer título, vinculada à tradicional cepa.

Há alguns anos, estivemos naquela cidade interiorana, acompanhados de nosso sobrinho Dr. Luís Carlos Brandão e Octavio Cavalcanti, nosso irmão, à altura, industrial em Itabuna, florescente cidade do hinterland baiano, tão bem delineada por Jorge Amado. Dr. Clynio, nosso filho mais novo, era juiz municipal, e sobre tal viagem escrevemos pormenorizado relato, trazido a lume nesta mesma coluna, em que se enfatizou uma pescaria protagonizada pelo quarteto, culminando com a inusitada façanha de, fora de época, Octavio fisgar um volumoso tucunaré, feito que lhe valeu o título de barão do Rio Urubu, gostosamente outorgado pelos demais pescadores.



O festejado colunista social Nogar nos fez chegar às mãos o livro **À sombra do Igapó**, da lavra de nosso falecido amigo Dr. Waldir Garcia.


Degustamos, com interesse, as páginas todas do interessante volume bibliográfico e nossa atenção fixou-se no registro intitulado **Perseverando e perseverante**, em que são consignados, em caráter muito sumário, dados biográficos do causídico Perseverando Garcia, um dos optimates do **clã** que demora em Silves.

Na terra de berço, Perseverando desenvolveu uma extensa gama de atividades, chegando a comandar os destinos políticos da área. Empolgado vocacionalmente pelo Direito, extravasou ali sua ânsia de justiça, defendendo, como rábula, causas de repercussão local, que lhe granjearam a admiração e o respeito de seus comúncipes.

Depois de ter exercido cargos de relevo na sede do município, num justo preito de gratidão e confiança, os silvenses sufragaram-lhe o nome para mandatário do povo amazonense na Assembleia Legislativa do Estado. Como deputado, o esforçado caboclo chegou a exercer, eventualmente, as funções de governador, em virtude de sua condição de presidente do Poder Legislativo Regional.

Ressuma, da sinopse biográfica levada a termo pelo escritor planiciário, que a realização do grande sonho de Perseverando Garcia cristalizou-se quando a venerada Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Amazonas lhe colou o grau de bacharel em Direito. Some-se à valiosa conquista o aspecto comovente de haver sido realizada quando o **vovô** (assim era Perseverando carinhosamente tratado pelos colegas de turma) já cruzara os umbrais das setenta primaveras. Era de ver-se a alegria e o entusiasmo com que o idoso advogado mergulhava a figura simpática, de pequena estatura externa e contraste com a grandeza de seu espírito vontadoso e perseverante, numa beca luzidia, que lhe reforçava o tônus profissional, predispondo-o às acirradas lutas forenses, aos entreveros gostosos e gratificantes, em que inteligências e culturas se defrontam, na perseguição da prevalência do primado da justiça e do direito.

Aos oitenta e vários anos de idade, há pouco mais de uma semana, o ilustrado representante da terra silvense deixou o rol dos vivos.



Mas lá no paraíso, onde inquestionavelmente tem de estar, haverá sempre uma tribuna simbólica, que o valoroso extinto contemplará para matar saudades dos tempos em que esgrimiu, com dedicação e amor, no mais empolgante combate de sua passagem cá por baixo: a luta pela defesa dos injustiçados – cruzada sublime e santa que lhe assegurou um lugar ao céu!

## FESTA DE JUNHO

Chegaram as festas juninas. Época de alegria, de encantamento e de saudade. Temporada gostosa, que nos traz à alma as mais belas evocações. Reminiscência felizes de dias que se foram e nunca mais voltarão, a não ser pela rememoração, que tem o efeito de reconstituir momentos inolvidáveis fixados no gravador inconfundível da retentiva.

Fogueiras, fogos de artifícios, foquetões de rabos de tala, buscapés riscando terreiro e o céu, ronqueiras tonitroantes ecoando nas cercanias, são partes constitutivas de quadros pictóricos e nostálgicos que surgem, em movimento cinematográfico, no céu escuro de nossa noite íntima, melhor dito, da noite de nosso mundo interior, iluminando silhuetas muito conhecidas, numa tonalidade frouxa e penumbrosa, com o raro e singular condão de perpetuar no tempo figuras queridas, tais existiram num passado remoto, sem as defecções que o tempo implacável e deletério impõe de maneira enervantemente dolorosa...

É bom, leitor velho de guerra, a gente se rever criança, no meio do bulício infantil de nossos irmãos e amiguinhos, também crianças, numa verdadeira reprodução do sonho de Peter Pan!

É bom escutar as piadas de João Moleque, as pirraças chatérrimas do Olavo, que, por sinal, está pilotando um bimotor, hoje, no rumo de Porto Velho, a choradeira do Belarmino, apepinando a paciência de tia Zumira; a risada interminável do Maninho, de tio Cazuzza, que a morte levou tão cedo; o ar imponente e impertigado de são Cândido, elogiando as qualidades intelectuais do Chiquinho e as virtudes de Nininha; ouvir o estalar da palmatória vibrada por Dona Têca, “exemplando” os meninos, como dizia o Cordolino, de enorme sinal na cara e dedo mágico a deslizar na cordas chorosas do pinho; ouvir Zeca Jaca puxar o fole, na freguezia de tio Belinho, nos arrasta-pés das noites de São João, e o Valdemar do são Clementino fazer bossa para as caboclas de nossa terra, enrolando-se no saxofone amolecado e sonoro...

É uma lindeza, leitor amigo, ver, nítida e perfeita, a fisionomia risonha de Coronel Siqueira, nosso pai aniversariante no dia do santo Batista, e a moçada lá de casa explodindo de entusiasmo e alegria à volta da fogueira agigantada, soltando



risadas estridentes que só confundiam com o eslido dos foguetes  
que estouravam por toda parte...

Chegaram as festas juninas. Época de alegria, de encantamento  
e de saudade...



## AMIGO AJUDA

Uma das grandes dificuldades, para o advogado que se inicia nas árduas lides profissionais – é o acerto dos honorários...

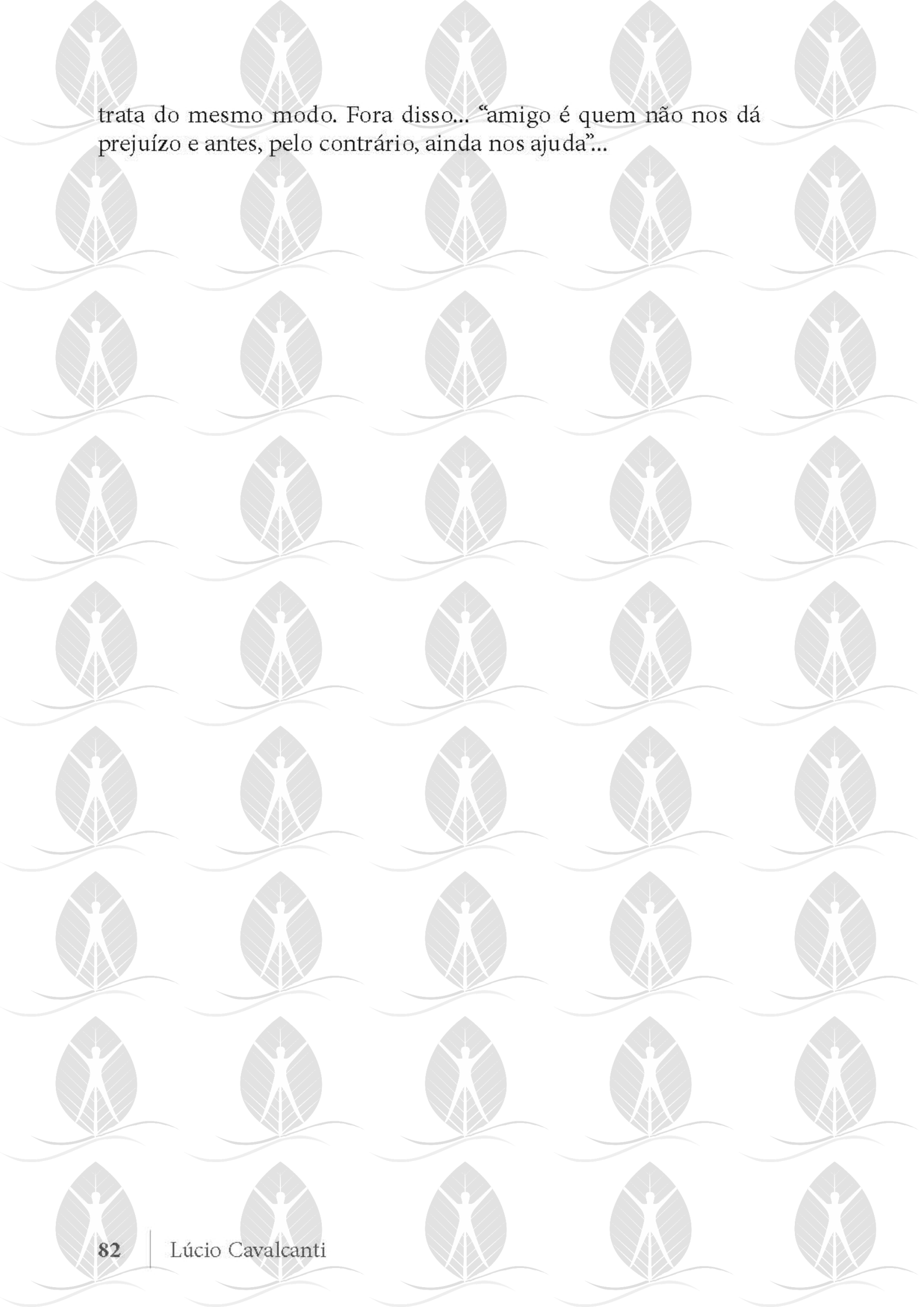
O neófito se entusiasma excessivamente com o problema que lhe expõe o constituinte. Empolga-se pelos detalhes. Apaixona-se pela causa. Julga-se vitorioso de logo, bastando que vislumbre uma, às vezes aparente, perspectiva de êxito. E se desdobra em atividades esbaldantes... mas, no frigidar dos ovos, quando o “freguês” lhe pergunta sobre por quanto vai o “doutor” fazer o serviço... o incipiente causídico fica todo cheio de dedos, embaraçado, desajeitado, encabulado, desaprumado...

Isso, via de regra, ocorre com todos os iniciantes na vida advocatícia. E a cousa se acentua seriamente, se trata de cobrar os honorários de pessoas amigas...

E por causa desse aspecto nada interessante – trabalha-se de graça a valer, numa exploração que absolutamente não se justifica.

A cousa, no entanto, é muito simples. Basta que se analize a seguinte faceta da questão: o profissional vive do seu labor, dos proventos de sua profissão. Seo Manoel, o calabrez da esquina, é pessoa simpática, toda sorrisos, mas, de sua taberna, um palito sequer sairá, que não seja pago na hora... O açougueiro exige pagamento imediato para a carne que nos vende. Os vendedores de livros idem, o dono da sapataria, o amigo da loja de confecções... todos vendem seus artigos, sem fazer exceção a ninguém. “Se você é amigo”, dizem, “dar-me-á preferência na compra e afina pela pontualidade em pagar-me”... O advogado, como o médico, o engenheiro, vendem o fruto de seus estudos, de suas noites de vigília, de sua cultura, de sua capacidade profissional adquirida no batente rude, desde os bancos escolares, até as suadas lições da diuturna sequência de trabalho exauriente. Seu escritório, seu consultório, sua tenda de atividades, é a sua casa de comércio, em que o balcão é substituído por u’a mesa, uma cama, u’a máquina de escrever e os demais meios utilizados para que a profissão se realize. Com esses argumentos, não há por que encabular-se alguém de exigir o justo preço ao seu serviço profissional...

Se u’a mão lava a outra, é mais que justo que se abram exceções – o que fazemos com acentuado prazer – para quem nos



trata do mesmo modo. Fora disso... “amigo é quem não nos dá prejuízo e antes, pelo contrário, ainda nos ajuda”...

## AH! QUE SAUDADES QUE TENHO...

Suando, chegamos à janela de nosso escritório, numa dessas bonitas manhãs de sábado, ao contemplarmos o movimento espetacular deste trecho da Henrique Martins, que começa aqui em baixo – esquina com a Eduardo Ribeiro – e vai até lá ao pedaço em que a referida artéria deságua na histórica rua da Instalação, é que fazemos uma ideia objetiva de como esta cidade quente cresceu.

Os nossos tempos de adolescentes, como já fizemos sentir desta coluna, passamo-los, quase integralmente, nesta velha Henrique Martins, empoleirando no primeiro andar do vetusto e carunchoso sobradão em que hoje se situa a firma dos nossos prezados amigos Azamor e Wolmar.

Àquela altura, a cidade era tão pacata que a meninada brincava de futebol em plena via pública e, a não ser algum passante de maus bofes ou os famigerados guarda-civis, pesadelo clássico da curriola infanto-juvenil, ninguém mais perturbava a gostosura e o entusiasmo dos “pelezinhos” endiabrados que mandavam pontapés a torto e a direito, nas pelotas de sernambi ou de meias recheadas de papel, para gáudio da torcida – nós e nossos irmãos – a qual, da janela do sobradão, acompanhava os lances da “pelada”, com água na boca. Às vezes, o “esférico” chutado violentamente errava as traves – “dois paralepípedos” – colocados no meio da rua – e ia encaixar-se na vidraça das janelas das casas do Wilson Figueiredo, de dona Eduarda, do Hugolino Cabral, “seo” Rodrigues (pai do Armando Conde), do Japi Frota, do Dr. Vidal Pessoa, do Dr. Carpinteiro Péres – a coisa aí engrossava. Os vidros se espatifavam com aquele estardalhaço ao impacto do petardo quente e o “team” desaparecia como por encanto, entocando-se a gurizada nervosa e espavorida no interior de suas casas, para, em espiadelas furtivas, de janelas entreabertas a medo, concluir pelo momento exato em que, temporal amainado, poderia ser reencetado o “match”.

E os mandriões começavam a surgir um a um olhando desconfiados como o cachorro fazendo pipi na chuva. E era uma delícia, leitor velho de guerra, a cara moleca e espantada dos heroizinhos em horas assim!

Na Henrique Martins nunca passou bonde. Os automóveis eram, então, raríssimos e não havia ônibus na cidade.

Do “camarote” de nosso escritório, assistimos agora ao movimentado desfile, na passarela da querida artéria da cidade.

E o espetáculo é, realmente, fantástico, nessa “Ouvidorzinho” da metrópole cabocla. Parece até o movimento dos dias em que chegavam os primeiros aviões a Manaus, cujo ronronar dos motores fazia toda gente sair do interior das casas e atulhar as ruas, olhos voltados para o céu!

Como mudou tudo, Deus nosso! Hoje, esses possantes e barulhentos jatos passam rasgando a atmosfera fazendo vibrar tudo e ninguém lhes dá a mais mínima importância.

O progresso e o desenvolvimento têm dessas cousas... Avançam estupidamente sem pedir licença, esquecendo-se de que um mundo de maravilhas vai sendo soterrado à sua passagem apocalíptica, ficando apenas a flutuar na memória dos tempos entre brumas de saudades, recordação gostosa delas na lembrança dos que a viram com o coração e com a alma!



## LUÍS CLÁUDIO DE CASTRO E COSTA...

Veio a Manaus, sua terra de berço, nosso dileto amigo de longíssimas datas – Luís Cláudio de Castro e Costa.

Nossos destinos foram muito semelhantes. Ambos estudamos em seminário: ele no Ceará e nós em Pernambuco.

Depois, encontramos-nos em Manaus, quando ambos contávamos com dezoito anos de idade. E como tínhamos a mesma e igual mania de falar francês e inglês, aproximamo-nos naturalmente. Isso ocorreu lá pelos idos de 1937, salvo engano.

A lufa-lufa da cidade, embora de uma cidadela pacata e sem movimento, como era a capital amazonense d'antanho, separou-nos, eis que cada qual tinha de cuidar da vida. Nós estudávamos Farmácia e fazíamos o outro fundamental no Ginásio Amazonense “Pedro II”, com o encargo suplementar de presidir o Centro Plácido Serrano. Ele, segundo ouvíamos falar, dava aulas, num murro danado, nessa árdua luta pela sobrevivência.

Em 1940, fomos ambos parar no Acre! Ele, casado com uma jovem, filha de tradicional família da terra que Plácido de Castro, integrou ao Território Nacional. Nós, ainda solteiro.

Por uma singular coincidência, ambos passamos a dar aula no mesmo estabelecimento: o Ginásio Acriano. Ele, ensinava Francês; nós lecionávamos Latim. A convivência aproximou-nos mais ainda, e nós nos tornamos muito mais que amigos, fizemo-nos irmãos.

Lutamos juntos, dias e noites. Uma luta desigual e dura. Os velhos da terra não se conformavam em ceder terreno aos dois ádvenas, que embora de reconhecido valor, ainda estavam cheirando a leite. Ambos tínhamos de vinte para vinte e um anos de idade.

Reunimos no Território Federal do Acre outros valores da ala moça: Geraldo Gurgel de Mesquita, Wagner Eleutério, José Klerman de Mesquita Meira, João Frederico Ferreira Gomes, João Coelho de Carvalho, Geraldo Parente Soares, Wilson Aguiar, Ademar Bezerra, Ademar Nogueira, Carlos Salignac e Said Farhat e fizemos nossa trincheira. E vencemos, indiscutivelmente.

Chegamos a tocar todos os instrumentos na Placidilândia. Desde a imprensa falada à escrita, às iniciativas de todos os matizes, além de assessoramento efetivo ao Governo!

Antes de nossa vitória definitiva, ao tempo em que o então capitão Oscar Passos, hoje senador pelo Estado do Acre, governava o Território, Luís Cláudio e nós nos largávamos nas costas de muares e cavalos, pelas impérvias florestas da Acriânea, como voluntários da Educação, a visitar escolas, a serviço do Departamento de Educação e Cultura.

Oscar Passos, general hoje do Exército de Caxias, reconheceu os nossos esforços e nos fez Inspetor de Ensino do quadro da Administração.

Ao hoje Estado do Acre, particularmente à sua área educacional, Luís Cláudio e o autor desta crônica, prestamos serviços de reconhecida importância. Fomos os causadores da encampação do Ginásio Acriano pelo Governo do Território, no início da administração Oscar Passos e ambos dirigimos o importante setor, como diretor do DEC (Departamento de Educação e Cultura), Luís já na condição de secretário de Estado.

Um dia, Luís Cláudio desapareceu do Acre!

A dolorosa odisseia que enfrentou, dela tivemos notícia por amigos. Adoecera-lhe um filho gravemente e, já no Sul do país, no Rio de Janeiro, embora com toda a efetiva e afetiva e carinhosa assistência do pai extremado, e dos recursos médicos mobilizados, o garoto morreu!

Luís Cláudio andou desesperado!

Algumas vezes, anos depois, encontramos-nos na capital Guanabara.

Luís voltou ao Acre, onde passou uma chuva. E agora está entre nós, revendo esta Manaus gostosa, que o “filho pródigo” deve ter achado espetacularmente desenvolvida, crescida, bonita e totalmente diferente do que fora e do que se pudesse sonhar chegar a ser.

E nós, com muita alegria, abrimos os braços para receber o irmão que a neve dos tempos tingiu de branco os cabelos com o melhor e o mais fraternal amplexo caboclo.

E desejamos ao querido amigo que tenha gostosíssimas férias, nesta terra que ambos aprendemos a admirar e querer bem!

## PADRE MONTEIRO

Velinho, cara bexiguenta, cabeleira à escovinha na cabeça, onde a coroa de sacerdócio, de tantas e repetidas vezes haver sido raspada, já não mais necessitava da interferência do velho “figaro”, que por dezenas de anos seguidos lhe “abatia a gaforinha”, a não ser para aparar os contornos: fala macia, baixinha, andar pisadinho – à moda de padre recém-saído de seminário – gestos nervosos, batina negra, nem muito suja nem muito limpa, cuja manga esquerda funcionava como bolso para guardar o lenço nitente, de que, raro em raro, lançava mão para enxugar o suor da testa; olhos fugidios que nunca se fixavam mais demoradamente no rosto de ninguém; alma santa, espírito sereno como as águas dos igarapés, que, poucas vezes, se encrespavam em formidáveis vagalhões quando o decano perdia a cabeça “atubibado” pelas diabruras dos “meninos” – geralmente de mais de dezoito anos de idade – do Ginásio Amazonense “Pedro II”, aos quais dava aulas de Latim.

Claro que era o padre Monteiro!


O quadro-negro cheio de quadrinhos à Clintock, onde se viam desinências das declinações em estudo; de tempos de verbos, a ressaltar, em análises sintáticas e morfologias; preposições, com as respectivas regências...

*Seleta Latina* de FTD à mão esquerda, lendo em voz baixa, como se estivesse a ensinar a si mesmo... assim o velho mestre procurava transmitir os conhecimentos da língua de Cícero à juventude absolutamente dispersiva, que lotava as salas de aula do 3.º, 4.º e 5.º anos do vetusto estabelecimento da avenida 7 de Setembro.

Mantinha, em aula, uma linha imperturbável, a despeito da balbúrdia que reinava em classe. Mas quando a coisa atingia um certo ponto de intolerabilidade, o santo velinho parava a lição, colocava a seleta sobre a cátedra, encarava a turma e, dando pinotes como um tresloucado, batia com a cabeça na parede, aos gritos!

– Vocês querem que eu fique louco. Querem? Pois eu vou ficar doido... eu estou doido... querem que eu fique.

A turma fazia um silêncio forçado, com medo do Mesquita, diretor do ginásio, que não era sopa! Mas um sorriso amolecado e



cínico estava estampado no rosto de cada aluno, que achava a coisa mais gozada do mundo, aquele desabafo do sacerdote encolerizado.

Um colega avançava pedindo desculpas ao mestre. Ele voltava à calma, imediatamente, e continuava a lição, como se nada houvesse acontecido...

Se porventura calhava de o diretor perceber a “crise” do bom velinho e aproximar-se da sala de aula, o santo padre disfarçava, recompondo-se como por encanto e nunca se ouviu dizer que um aluno haja sido punido no ginásio, por uma queixa dada pelo boníssimo ministro de Deus.

Padre Monteiro morreu desprezado, em um quarto da Beneficente Portuguesa. Mas seu nome será sempre lembrado, porque foi um homem de bem, virtuoso, de alma nobre, preceptor de várias gerações com marcante influência na cultura planiciária durante mais de três décadas...



## ADRIANO QUEIROZ

Os bons estão indo para o seu lugar no além.

Cedem à fatalidade biológica, nessa implacável sucessividade, deixando nas ambiências, em que suas almas despargiram, a fragrância inconfundível da eleição espiritual – um enorme vazio, uma saudade imensa...

Veza por outra, desta coluna, com pungente dor no coração, nesse coração caboclo que já vem batendo há quase meio século, somos obrigados a fazer o registro de fatos dolorosos, como sóem ser os consubstanciados no desaparecimento, do nosso convívio, de pessoas amigas, de gente a que nos acostumamos a querer bem, a admirar porque, sem nenhuma dúvida, merecedoras desse bem-querer, dessa admiração!

Hoje, leitor amigo, anotamos, com profundo pesar, a partida para os indevassáveis paragens da Eternidade desse fabuloso caboclo, conterrâneo nosso dos mais ilustres, inteligência de escol, colega competente, advogado do mais alto gabarito – Mestre, com todas as letras do vocábulo – Adriano Queiroz!

Conhecemo-lo na tribuna do júri em nossa metrópole quando enfrentando outro Queiroz, não menos culto – o desembargador Domingos Queiroz – que atuava como promotor de Justiça, brilhantemente se houve na defesa de alguns implicados no rumoroso processo dos matadores do estudante Delmo Pereira.

A propósito da magnífica atuação do notável causídico, escrevemos, então, um artigo neste Jotacê intitulado: “Prata de Casa” – destacando-lhe as qualidades de tribuno e de jurista, assim como a de outros advogados caboclos, numa hora em que toda a cidade tinha suas vistas voltadas para o criminalista Celso Nascimento, que assistia à Promotoria, convidado pelos estudantes barés.

Depois, Mestre Adriano Queiroz foi nosso professor de Direito Civil, na gloriosa Faculdade de Direito do Amazonas. E, por fim, conhecemo-lo em toda a pujança de seu valor autêntico, na militância advocatícia, no foro de Manaus.

Várias vezes tivemos-lo como “ex adverso” e, em todas elas, mais se acentuou nossa admiração pela cultura, pelos conhecimentos

jurídicos, pela extraordinária erudição, pelo apurmo impecável, pela superioridade espiritual e respeito ao código de ética com que sempre se houve. Na profissão, foi um legítimo sacerdote. Atuou em várias funções de relevo com a segurança e a proficiência de um sábio – mas nunca deixou de ser Advogado!

Agora, seu coração parou de pulsar. Findou Mestre Adriano sua missão cá por baixo. Seu nome, que é bandeira nos céus da cultura jurídica do Amazonas, imortalizou-se por si mesmo – e as gerações porvindouras hão de render-lhe culto religioso à sua dedicação ao Direito, ao seu acendrado amor à justiça, ao seu talento invulgar e, precipuamente, ao seu grande espírito humanitário de rara sensibilidade.

À família enlutada, na pessoa de nosso colega Francisco Guedes de Queiroz, irmão do pranteado Mestre, nossos sinceros sentimentos...

## FRÂNIO LIMA

Frânio Lima é meu eficiente colaborador no escritório. É um moço decente, incapaz de um deslize, de um ato desabonador.

Caráter sem jaça, nunca, em quase cinco anos de sobrevivência diária, lhe notei a mais mínima falha na conduta.

É um advogado criterioso. Seus negócios são limpos. Sua lealdade é integérrima.

Frânio é dono de uma enorme sensibilidade. É este um quase pecadilho de sua personalidade, pois, corretíssimo como é, sofre quando alguém lhe não trata da mesma maneira porque o faz com esse alguém. Evidencia incontida revolta se é interpretado de maneira diversa por que se comporta – e essa coisa se agrava, de muito, se houver amigos vinculados.

Nunca ouvi dizer, nesta cidade quente, que o valoroso jornalista caboclo houvesse, na vida pública ou privada, praticando um ato que lhe pudesse arranhar o nome, a dignidade.

Aliás, essa a opinião de todas as pessoas com quem tenho conversado a respeito do modelar procedimento do jovem índio.


Frânio possui talento e cultura. Tudo o que faz é escrupulosamente certo. Redige com segurança e desenvoltura e, inteligência privilegiada, aprende tudo com enorme agilidade mental.

Introspectivo, ninguém lhe vê estadear sabença, embora tenha muito mais valor do que a maioria dos que presumem tê-lo em nossa terra.

Sua grandeza de coração e nobreza de espírito, só privando com ele, como o faço, é que se pode aquilatar em toda a sua imensurável extensão.

Como homem de imprensa, faz jornal com altivez, com objetividade, de uma forma gostosa e responsável. A turminha do Jornal do Comércio, de que Frânio é um dos valorosos esteios redacionais, sabe-o muito bem. Epaminondas Barahuna gosta dele e nele confia, assim como Dimas e Gadelha, porque Frânio é realmente digno disso. No decano da Taba, até o alto posto de secretário já desempenhou.

Em hora feliz, os plumitivos planiciários o escolheram recentemente, para presidir os destinos do Sindicato dos Jornalistas



Profissionais do Amazonas. Tenho fundamentada certeza de que ali, como em qualquer outro cargo que tem desempenhado, Frânio se conduzirá com o equilíbrio e a seriedade de sempre.

Pelo conjunto de virtudes que lhe exornam o caráter, Frânio é dessas raras pessoas que, com esse enorme cuidado que tenho de selecionar amigos, faço questão de tê-lo como tal.



## VOVÔ VASCO

Quem quisesse encontrá-lo – não havia por que errar! Bastava dirigir-se ao Guarani, nas horas de espetáculo, no velho cinema de Manaus.

Lá estava ele, invariavelmente, todos os dias. Cabeleira cor de prata alvi-azúlea, de camisa esporte, vermelho, suado...

E a gurizada, nas matinais e matinês, rondava-o sempre, a pedinchar gaiata:

– Vovô Vasco, deixa eu entrar!

E vovô Vasco dava uma piscadela, com aquela expressão significativa que toda criança entendia e o furão passava, dando um adeuzinho malandro já do lado de dentro, antes de desaparecer no interior da sala de projeção.

Por isso – e pela maneira toda de ser amigo de todas as crianças: pobres ou ricas; bem vestidinhas ou maltrapilhas; sadias ou doentinhas; sorridentes ou tristes – tornou-se ídolo verdadeiro no agitado mundo dos mirins de nossa risonha cidade quente. Virou Vovô Vasco!

A notícia de seu passamento consternou a cidade. Enlutou o coração da infância planiciária. Deixou ao desamparo muita gente adulta.

A última vez que o vimos foi em frente ao cinema Avenida. Procurava-nos dizia – para ajudá-lo a ajudar um grupinho de nossos amigos comuns, em dificuldade em Portugal, sem recursos para comprar suas passagens de volta para o Brasil.


Estava sempre fazendo o bem. Deixando os molequinhos penetrar no cinema, ajudando os desprotegidos, dando sua colaboração aos não bafejados da fortuna.

Morreu Vovô Vasco!

E como as crianças, que deixou passar para dentro do Guarani, há de ter pedido, à porta do Céu:

– São Pedro, deixa eu entrar!

E o velho porteiro, cofiando a barba, imitando aquela piscadela marota que ele dava cá por baixo aos meninos, fingindo não ver que burlavam a vigilância do pessoal da porta do cinema, deixou-o passar, para assistir ao magnífico espetáculo da visão de Deus!



Antes de entrar no Paraíso, já no imenso átrio interno, fez um adeus significativo ao Santo Chaveiro e com um sorriso beatífico e gesto largo, abençoou todas as crianças de Manaus, seus netos queridos!

– Descança em Paz, Vovô Vasco! Teriam elas respondido em coro, se o pudessem ter visto, naquele momento comovedoramente tocante, enternecedor e lindo.

## LEMBRANÇAS DOCES DO VELHO ACRE

É o diabo, a gente ter saudades...  
Com muita razão o poeta popular afirmou sobre ela:

*...é dô de dente, machuca,  
Mas onde dói não se vê  
E a gente pega e catuca,  
Pra não deixar de aduê!...*

Hoje, com esse tempinho chuvoso, essa temperatura gostosa, esse ventinho frio – coisas tão raras em nossa terra quente – transportamo-nos, sonhando acordado para a capital da Acriânia, Rio Branco; em que transpusemos os umbrais da adolescência e passamos os melhores dias de nossa mocidade!

Quando ali chegamos, após trinta e tantos dias de viagem em um dos chatões dos SNAPP, pelos idos de 1940. Governava o vovô dos Territórios Federais, hoje Estado do Acre, o Sr. Epaminondas Martins, médico, político, homem fino e culto.

A cidade de Rio Branco se divide em duas “bandas” – Penápolis, em homenagem ao Estadista Afonso Pena, e Empreza, com o rio Acre de permeio. Os veículos, então, eram bois, que serviam de montaria e condutores de carroças; raríssimos cavalos, e as catraias que ligavam as duas margens do rio que banha a cidade. Fomos secretário do velho Ginásio Acriano, e seu diretor durante vários anos. Dirigimos, eventualmente, a Educação do Território, e, quando tal ocorreu, foi fundada a Escola Normal “Lourenço Filho” e a Escola Técnica Acriana de Comércio.

Duas diversões – afora os bailes da “Tentarmen” e do “Rio Branco” – empolgavam os habitantes da capital da terra que Plácido de Castro integrou à comunhão nacional: o futebol e a retreta na praça do Palácio do Governo, um belíssimo logradouro público, cimentado, onde, aos domingos, quintas-feiras e feriados, a banda de música da Polícia Militar, sob a regência do tenente Magno, executava, além de óperas e outras músicas clássicas, as composições gostosas e regionalíssimas, do próprio tenente Magno, do Zeca Torres grande e do Zeca Torres pequeno. No campo do Rio Branco, em que era infalível a presença do major

Isidoro, administrador da Mesa de Rendas e do jornal falado da cidade, a população vibrava, aplaudindo os rasgos do Rio Branco Futebol Clube, do Fortaleza, do Estrela Negra. Na praça do Palácio, a juventude vibrante, de ambos os sexos, volteava o obelisco famoso, erguido em homenagem aos heróis acrianos da Revolução famosa, tagarelando, divertindo-se, namoriscando...

Como não podia deixar de acontecer – ali começamos o namoro com nossa pacientíssima esposa, que conseguiu “dar-nos o grampo”, ajudada pelo cafezinho da sogra amiga e querida! Tínhamos, então, vinte anos – e um mundo de “esperanças à frente”, e todos os “desenganos absolutamente para trás”... como diria o padre poeta, de que há pouco se ocupou o letrista pe. Nonato Pinheiro.

Tempinho bom – irmão velho de guerra... Geraldo Mesquita, Luís Cláudio, João Frederico, Ademar Bezerra Saboia, Zé Meira, Eduardo e Tufi Asmar, Ademar Nogueira, João Coelho de Carvalho, Raul Meira, Paulo Eleutério Filho, Vagner Eleutério, capitão Araújo, Júlio Alves Portela, Clio Leite, Possidônio Cunha, Cazuza Leite, Gerardo Parente Soares, Maria Júlia, dona Zita Maia, Flaviano Flávio Batista, coronel Fontenelle, Hermano Fernandes, Pimentel Gomes, Vieirinha, Wilson Aguiar, Newton Azevedo são nomes dessa quadra feliz de nossa vida, na capital acriana, que deixou em nossa alma vestígios inapagáveis de amor e luta construtivos, que nos ensinaram a melhor cultura à figura imarcescível de Deus, a amar a Pátria idolatrada e a respeitar, lutando por sua unidade, como célula-mater da sociedade – a Família!

## CLYNIO DE ARAÚJO BRANDÃO

**Clynio**, um abraço.

Você sabe que o inquilino deste camarote lhe quer um bem do tamanho do rio Amazonas!

Que você não é sobrinho, apenas, mas irmão, e irmão dileto. Isso significa, sem nenhuma sombra de dúvidas, que a sua felicidade é cousa que nos interessa de perto.

Acompanhamos, com muito carinho, sua trajetória e, embora tenha você, ainda, os arroubos de uma juventude sadia e febricitante, ninguém melhor do que nós sabe que sua mentalidade atingiu cedo u'a maturidade espantosa e que você possui um punhado apreciável de qualidades, que o credenciam como um homem de bem!

Dentre elas, para defini-lo perante a sociedade de nossa terra, ressalta aquela, que se cristaliza em virtude primacial para o ser humano, e que projeta sua personalidade de maneira encantadora: você é um **Ótimo Filho!**

Temos visto, neste particular, muita gente notável, mas a você, sinceramente, não vai ser fácil alguém equiparar-se! Na doença de seu pai, do nosso querido **Desembargador Benjamim Brandão**, revelou-se, você, nas proporções exatas, um gigante de alma, em que não se sabia se era maior o amor filial e o carinho, ou a dedicação, o zelo, a preocupação absorvente...

Naqueles dias de apreensão e de cuidados, **Clynio**, nós acentuamos a nossa estima por você e passamos, igualmente, a admirá-lo!

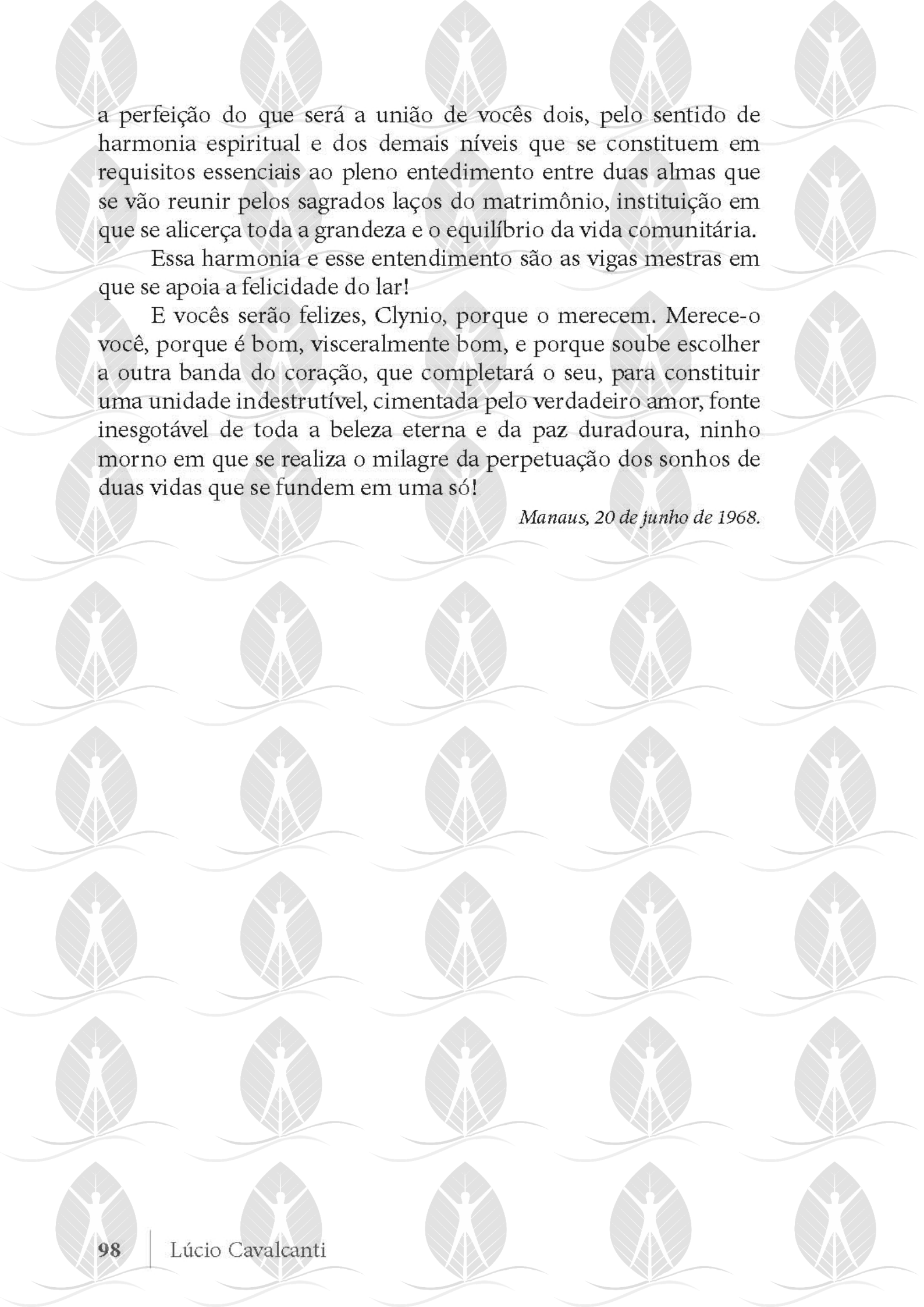
Você é, realmente grande, meu irmão! E a filosofia de nossos maiores é a melhor definição que se pode dar a um **Homem!**

As outras virtudes suas, atributos de uma alma de escol, são por demais notórias: educação esmerada, cultura sólida para tão pouca idade, senso de responsabilidade, e, acima de tudo, lealdade de cão!

Advogado inteligente, orador primoroso, você vai longe, caboclo velho de guerra!

No dia em que você fica noivo com esse encanto de menina que é a nossa querida **Zezé**, esse anjo simples, educada, atenciosa, decente, não nos podemos furtar ao desejo imenso de profetizar





a perfeição do que será a união de vocês dois, pelo sentido de harmonia espiritual e dos demais níveis que se constituem em requisitos essenciais ao pleno entedimento entre duas almas que se vão reunir pelos sagrados laços do matrimônio, instituição em que se alicerça toda a grandeza e o equilíbrio da vida comunitária.

Essa harmonia e esse entendimento são as vigas mestras em que se apoia a felicidade do lar!

E vocês serão felizes, Clynio, porque o merecem. Merece-o você, porque é bom, visceralmente bom, e porque soube escolher a outra banda do coração, que completará o seu, para constituir uma unidade indestrutível, cimentada pelo verdadeiro amor, fonte inesgotável de toda a beleza eterna e da paz duradoura, ninho morno em que se realiza o milagre da perpetuação dos sonhos de duas vidas que se fundem em uma só!

*Manaus, 20 de junho de 1968.*

## DIAS DAS MÃES

Minha velinha querida:

Hoje – mais que nos outros dias – o coração deste filho, que a adora, porque você é a mais adorável mãe do mundo, está cheio de você, da sua figura querida, do seu sorriso beatífico, revelador da santidade de sua alma sem mácula, do calor dessa presença mística que é feita do amor mais puro que existe sobre a face da terra.

Como eu seria feliz, mãezinha, se não houvesse distância a nos separar e eu pudesse, como nos tempos de criança, deitar agora minha cabeça nesse regaço cheio de segurança e acolhimento, para receber os afagos dessas mãos trêmulas cheias de bênção, refertas de perdão, mãos divinas que conduziram os passos trôpegos de minha infância, e que me colocaram no caminho do bem!

Como eu seria feliz, mãezinha idolatrada, se pudesse chegar, de surpresa, neste instante, aí no apartamento da mana, nesse Rio de Janeiro tão distante, e afogar-lhe o espanto dos olhos que são os luzeiros inesquecíveis de minha alma que nunca deixou de ser criança, num turbilhão de beijos!...

Ah! Mãezinha querida! Eu adoro você, meu anjo de bondade, lírio eternamente perfumado no vergel puríssimo do meu mais santo amor!

Dê-me sua bênção, minha velinha inolvidável, pois ela é ouvida por Deus que a multiplica em benesses fartas de felicidade...

...

Minha Esposa Amiga e não menos querida.

No nosso lar, nesta efeméride-símbolo, há uma festa muito significativa e tocante. E o objetivo dela é você, companheira amada, que por vinte e sete anos lado a lado comigo, vem cruzando o maremoto da vida, sem demonstrar cansaço, o mais remoto vestígio de tédio, o mais leve resquício de desânimo ou desencorajamento.

Rainha de nossa casa, você tem o único trono erigido ao culto do amor, a mulher no coração deste batalhador, que muitas vezes necessitou do apoio de sua alma de anjo custódio, para não desfalecer ao calor da luta, para não fraquejar no entrelaço dos árduos entrelaços que teve de enfrentar por eleição do destino!

Este belo buquê de rosas, que é punhado de filhos, belíssimo adorno do nosso lar, é nesta data auspiciosa a razão maior de nossa felicidade, felicidade que é particularmente sua, que é mãe!

E se de permeio com elas as rosas do ramilhete simbólico, surge um espinho: este seu marido das arábias; não se assuste que ele não a ferirá, pois é todo carinho para você...

E não tenha dúvida, querida, de que juntamente com a velinha que me trouxe à luz e a quem enderecei a primeira parte desta crônica, você compõe a dupla de melhores e mais caras mães do mundo...

Manaus, domingo, 12 de maio de 1968.

## MORRE O LÍDER

Hoje, no Brasil, é dia de saudade! Faz aniversário de morte o inesquecível timoneiro de nosso país, dos mais bravos humanos e mais patriotas.

Os trabalhadores, de todas as classes sociais, vestem de luto suas almas cheias de gratidão pelo intemorato líder desaparecido.

Vargas está morto?

Não, amigos! Vargas não morreu! Seu passamento restringe-se, apenas, à órbita material. Ele está vivo, dominando. Seu vulto místico, jamais a sanha dos inimigos do Brasil conseguirá fazer desaparecer do convívio da coletividade nacional.

Em todos os setores da atividade pátria, a presença espiritual de Vargas se faz sentir palpitante, soberba, grandiosa. No crepitar das máquinas, factoras de progresso brasílico, “...de Volta Redonda! Nos jatos de petróleo de Nova Olinda...”, de Abacaxis, de Alagoas. Na vitalidade pujante da “Petrobras”. Na obra monumental, de alta envergadura jurídica, de nossa Legislação de Trabalho. No sentido eminentemente altruístico da Assistência e Previdência Social.

A alma de Vargas está viva, comungando com a formosa alma coletiva da Terra de Santa Cruz.

Hoje, no Brasil, é dia de luto, dia de saudade, dia de recordações. É o dia cem por cento brasileiro, do maior Estado sul-americano deste século.

Os trabalhadores do Brasil tarjam de crepe o coração, mas têm nos lábios o sorriso denunciador da segurança dada pelo querido “condottieri” falecido, de que o “povo de quem ele foi escravo, não será mais escravo de ninguém”.

Vargas derramou o sangue de seu coração patriótico e, com ele, qual novo messias, redimiu a poderosa avalanche, constituída de todos os operários brasileiros.

## XAVIER DE ALBUQUERQUE

Sagrou-se catedrático de Direito Judiciário Penal de nossa Faculdade no concurso que empolgou, nestes últimos dias, a elite da cultura jurídica de Manaus e a mocidade acadêmica o professor Francisco Xavier de Albuquerque.

Lamentavelmente, ocorreu a desistência, já na fase da prova didática, do caloroso concorrente Domingos de Queiroz.

O trabalho apresentado pelo inteligente moço vitorioso mereceu louvor unânime da austera Banca Examinadora, constituída de valores da Congregação da FDA, professores Oyama Ituassú, catedrático de Direito Internacional, e Davi Melo, do Direito Comercial, além dos três mestres já retidos nesta coluna em edição anterior do Jornal do Comércio, Hélio Tornaghi, Vicente Paulo de Azevedo e Adelbaro Klautau, respectivamente das Universidades do Brasil, de São Paulo e do Pará.

Não tive a oportunidade, dado os múltiplos afazeres que me assoberbam, de assistir a todos as lances da importante maratona de que foram protagonistas os dois valorosos candidatos que ofereceram teses à apreciação da culta e erudita Junta Examinadora. Ouvi, entretanto, a defesa do seu trabalho levada a termo pelo já agora catedrático Xavier de Albuquerque e parte da apresentada por Domingos de Queiroz.

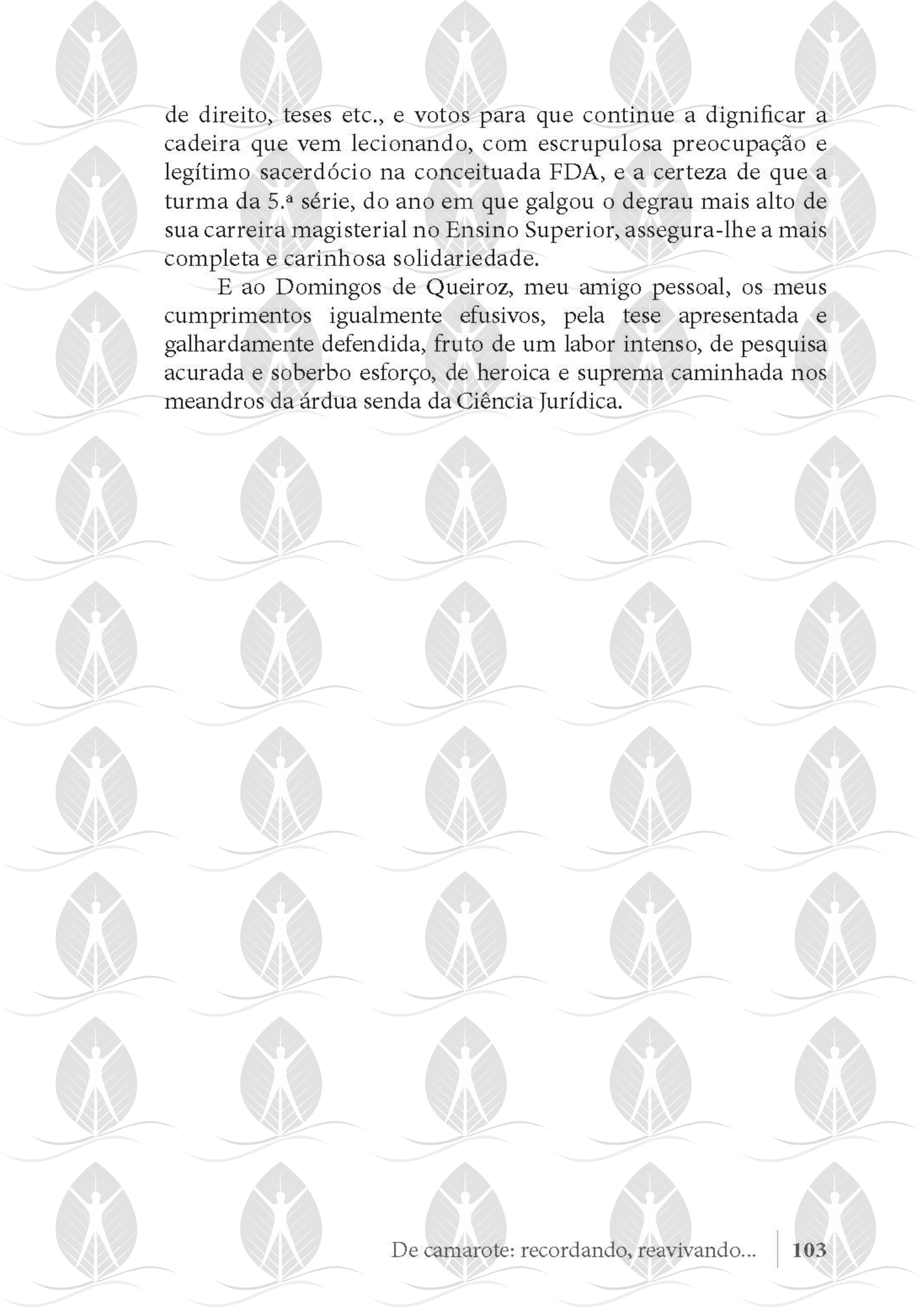
O primeiro discorreu com muita segurança, com muita calma e evidenciou seu perfeito assenhoreamento da matéria que já vem lecionando há alguns anos em nossa Academia de Direito.

O segundo, também, até onde nos foi dado ouvi-lo, demonstrou firmeza de conhecimento e robusta cultura.

Lamentavelmente, Domingos de Queiroz desistiu, repito, porque teria conseguido, senão levar a melhor sobre o seu contendor, pelo menos doutorar-se em Direito e uma livre-docência que lhe valeria como título ponderável para a sua inscrição em outro concurso de que venha a pretender participar.

Ao professor Francisco Xavier de Albuquerque, com justo orgulho caboclo, envio, desta coluna, as minhas melhores felicitações pelo brilhante desfecho do esforço despendido, para atingir o **desideratum** que lhe deve ter custado muitas noites insones, debruçado sobre livros, tratados, monografias, revistas





de direito, teses etc., e votos para que continue a dignificar a cadeira que vem lecionando, com escrupulosa preocupação e legítimo sacerdócio na conceituada FDA, e a certeza de que a turma da 5.ª série, do ano em que galgou o degrau mais alto de sua carreira magisterial no Ensino Superior, assegura-lhe a mais completa e carinhosa solidariedade.

E ao Domingos de Queiroz, meu amigo pessoal, os meus cumprimentos igualmente efusivos, pela tese apresentada e galhardamente defendida, fruto de um labor intenso, de pesquisa acurada e soberbo esforço, de heroica e suprema caminhada nos meandros da árdua senda da Ciência Jurídica.

## TEMPO BOM!

O garoto de dezesseis anos saía de casa fardado para o ginásio. Seo Mesquita era o diretor, de que todo mundo tinha de andar em cima do pedido. Abotoadura completa. Cobertura. Farda limpa e fechada do pescoço à cintura. Um botão fora da casa, era igual a trinta dias de suspensão!

O quepe era novo. O Mário Broa, que fora do 27, dera a bossa nele! O castelo de metal dourado grande completava a pinta pai-d'égua do boné de cáqui e pala de couro polido!

As aulas começava às treze horas. O Cangalha estava na porta, com ares de canção de fogo! Seu Mesquita chegava com cara de mau, dando “esporro” na bicharada.

– Dou-lhe trinta dias, seu canalha! Ponha-se no olho da rua!

O Rubim, de olhos azuis como duas contas encravadas no rosto vermelho e ressequido, conferia as cadernetas.

O Jacarandá passava com a bandeja esfregando a cara no copo de água que levava para o diretor.

“Boi Laranja”, com a farda desabotoada, mostrando o peito cabeludo, fazia bossa para as meninas do 3.º ano. Se seu Mesquita aparecesse, era o fim do narigudo! O garoto era “pipoca”. Estava aprendendo com os veteranos Manelito, Manteiguinha e Macaxeira a “bater” livros dos bichos pra vender no “sebo”, por oitocentos réis...


– Dá dez tões, seu Zé! Esta Geografia está novinha!...

– É seiscentos réis, se quiser! Essa porcaria vai ficar aí mofando na prateleira!

Depois de muita choradeira, lá se vinham duas moedas grandes de um cruzado cada, e o ginasiano corria para o NORMAL. Comprava duzentos réis de cigarro Elmo – quatro cigarros – e esperava a pequena para ir com ela à matinê.

Quando a namorada aparecia, ele se escondia para não pagar a entrada dela! Era caro, e o nosso herói absolutamente liso!

Verificando que a “noiva” entrara no Polytheama, o “pipoca” puxava os seiscentos réis que lhe restavam e pagava o seu cinema. A entrada era mil e duzentos réis (um cruzeiro velho e vinte cantavos), e ele, como era estudante, pagava metade!



Assestava o quepe em cima dos olhos, tufava os peitos e, com o cigarro no canto da boca – muito cheio de si, muito homem, mais rico que Matarazzo – fazia a bossa mais enfezada do mundo, para enfrentar a garota!

E ela, orgulhosa, acenava de seu lugar para que, ao apagar-se a luz, o “galã” pudesse localizar sua cadeira, sem maiores problemas...

## GENTE BOA

Os nossos prezados e queridíssimos amigos Lígia e Gebes, casal simpático, fino ornamento da melhor sociedade manauara, completaram, ontem, Vinte e Cinco rissonhas primaveras casados. As Bodas de Prata foram festejadas na intimidade, participando do júbilo que a festiva efeméride assinalou os parentes e amigos do casal.

Pela manhã, às sete e meia, na Igreja São Sebastião, foi celebrada missa votiva, a que compareceu grande número de pessoas de realce em nosso meio social, prestigiando com suas presenças a festa religiosa, levada a termo em ação de graças pelo significativo acontecimento.

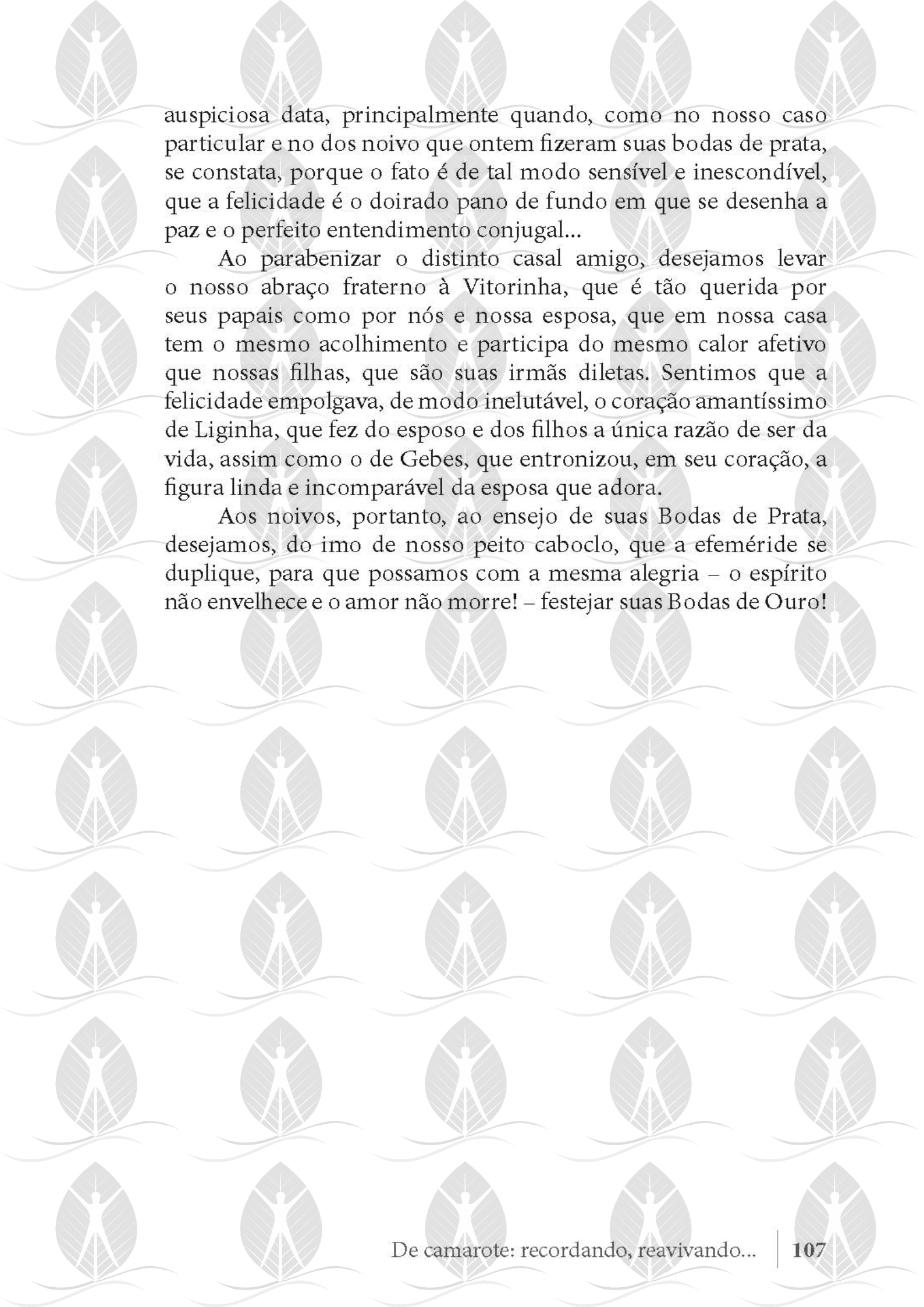
À noite, na residência dos noivos, teve lugar uma recepção, em que se levantaram vários brindes à continuação da felicidade que reina no bem formado lar dos queridos aniversariantes.

A vida de Gebes Medeiros e de Lúcia Barroso Medeiros, nós acompanhamos desde os primeiros dias em que os dois travaram conhecimento. Gebes veio a Manaus, em uma embaixada de estudantes de Direito do Recife, e Liginha era uma das colegas nossas mais queridas na então ainda existente Faculdade de Farmácia e Odontologia de Manaus. Corria o ano de 1939, quando isso ocorreu. Nesse mesmo ano, formamo-nos em Farmácia e, no início do ano seguinte, viajamos para o Acre.

Em 1943, na Placidilândia, tivemos notícias, no finzinho do ano, que Lígia e Gabes haviam se casado. E nós, então, com nossos botões, conjecturamos relativamente à veracidade do adágio popular que sentencia: “casamento e mortalha, no céu se talha”...

Um encontro fortuito. Numa visita de estudantes, fez nascer um amor entre duas almas que nunca se haviam encontrado, amor que se cristalizou, pelos laços sagrados e eternos do matrimônio, e que se pereniza, num clima de visível e ostensiva felicidade, com um casal de filhos de permeio, Vitória e Gebes Filho, marcando, agora, vinte e cinco anos de lua de mel sempre renovada, num lar cheio de venturas, de compreensão e de harmonia!

É uma delícia, leitor amigo, a gente poder registrar em causa própria, como já o fizemos, e em relação a amigos diletos, tão



auspiciosa data, principalmente quando, como no nosso caso particular e no dos noivo que ontem fizeram suas bodas de prata, se constata, porque o fato é de tal modo sensível e inescondível, que a felicidade é o doirado pano de fundo em que se desenha a paz e o perfeito entendimento conjugal...

Ao parabenizar o distinto casal amigo, desejamos levar o nosso abraço fraterno à Vitorinha, que é tão querida por seus papais como por nós e nossa esposa, que em nossa casa tem o mesmo acolhimento e participa do mesmo calor afetivo que nossas filhas, que são suas irmãs diletas. Sentimos que a felicidade empolgava, de modo inelutável, o coração amantíssimo de Liginha, que fez do esposo e dos filhos a única razão de ser da vida, assim como o de Gebes, que entronizou, em seu coração, a figura linda e incomparável da esposa que adora.

Aos noivos, portanto, ao ensejo de suas Bodas de Prata, desejamos, do imo de nosso peito caboclo, que a efeméride se duplique, para que possamos com a mesma alegria – o espírito não envelhece e o amor não morre! – festejar suas Bodas de Ouro!



## O BARÃO FOI PROPHETA IN PATRIA SUA

O Acre é um Estado feliz.

E o é, porque vem de receber, com explosões de alegria, como dádiva ansiosamente esperada, a notícia da sanção do nome de um de seus filhos mais ilustres e prestigiosos para ocupar a suprema corte administrativa da área que o valente caudilho Plácido de Castro incorporou ao patrimônio do Brasil!

Inelutavelmente, a indicação do nome impoluto e realmente querido em toda a Acriânia de Geraldo Gurgel de Mesquita, para o governo do Estado caçula da República Federativa do BRASIL, ecoou, nas paredes florestais da rechã acriana, como um brado de esperança.

Conhecemos o culto e equilibrado político acriano pelos idos de 1936, aqui em nossa capital, no então Gymnasio Amazonense “Pedro II”, o vestuto Colégio Estadual do Amazonas de nossos dias. Coursava, Mesquita, ensino secundário desta terra, o 3.º ano do curso fundamental, juntamente com outro acriano valoroso, hoje em função de realce na magistratura pátria, Miguel Ferrante.

Depois, o jovem ginasiano desapareceu de nossa metrópole. Quatro anos mais tarde, fomos reencontrá-lo em Rio Branco, no Ginásio Acriano, matriculado no 5.º ano, juntamente com Raul Silveira e sua pranteada irmã Rosália, duas fulgarantes inteligências da Placidilândia.

Ainda perlustrando os bancos do hoje Colégio Acriano, Geraldo Mesquita evidenciou marcante predileção pela matéria em que futuramente corporificaria o invejável conceito de que dispõe no seio do magistério amazônida – História Geral do BRASIL.

De feito, registrado no MEC, nas disciplinas mencionadas, Mesquita foi nomeado professor delas no mesmo estabelecimento em que atuara como aluno.

E sua erudição se fez verbo, prelecionando com brilhantismo, aos adolescentes da “cidade das duas bandas” (Penápolis, Empreza e o rio no meio), a maioria dos quais havia sido contemporânea do novel Mestre.

De aí em diante, o jovem acriano subiu verticalmente. Desempenhou funções de relevo na capital do mais velho Território Federal da Planície e do país.

Já em Manaus, de volta aos pagos após sete anos de permanência em Rio Branco, tivemos notícia de que o velho amigo, companheiro de magistério e querido irmão havia ingressado na vida política.

Depois, soubemo-lo deputado federal e, *a posteriori*, senador da República, posto exalçado em que se encontra até hoje.

O rigozijo que tomou conta da alma coletiva na Acriânia tem justificado fundamento: Geraldo Gurgel de Mesquita é acriano autêntico, do vale do Juruá, de Feijó. Homem bom, homem de bem, vida sem mácula, é dono de uma compreensão humana impressionante. Os que o conhecem de perto sabem que a palavra ódio, a palavra rancor, jamais encontraram guarida em espírito formado com esmero, por um anjo tutelar que tem o nome de Maria Mesquita – veneranda matrona que aprendemos a amar com Geraldo e Zé Meira.

Por outro lado, o futuro timoneiro do Estado benjamin conhece, a fundo, a problemática da área, seja no plano geográfico, seja no que se refere à psicologia Sui Generis de seus futuros governados, de Rio Branco a Xapuri e Brasileia; de Cruzeiro do Sul a Tarauacá, Feijó e Sena Madureira.

Mesquita, estamos seguros, quebrará o velho tabu do Nemo Propheta In Patria Sua. Temos certeza de que vai governar o Acre com a razão e o coração. E mais ainda: sua administração marcará época – a história nos dirá...

O Acre é, irretorquivelmente, um Estado feliz!

## TEIXEIRÃO

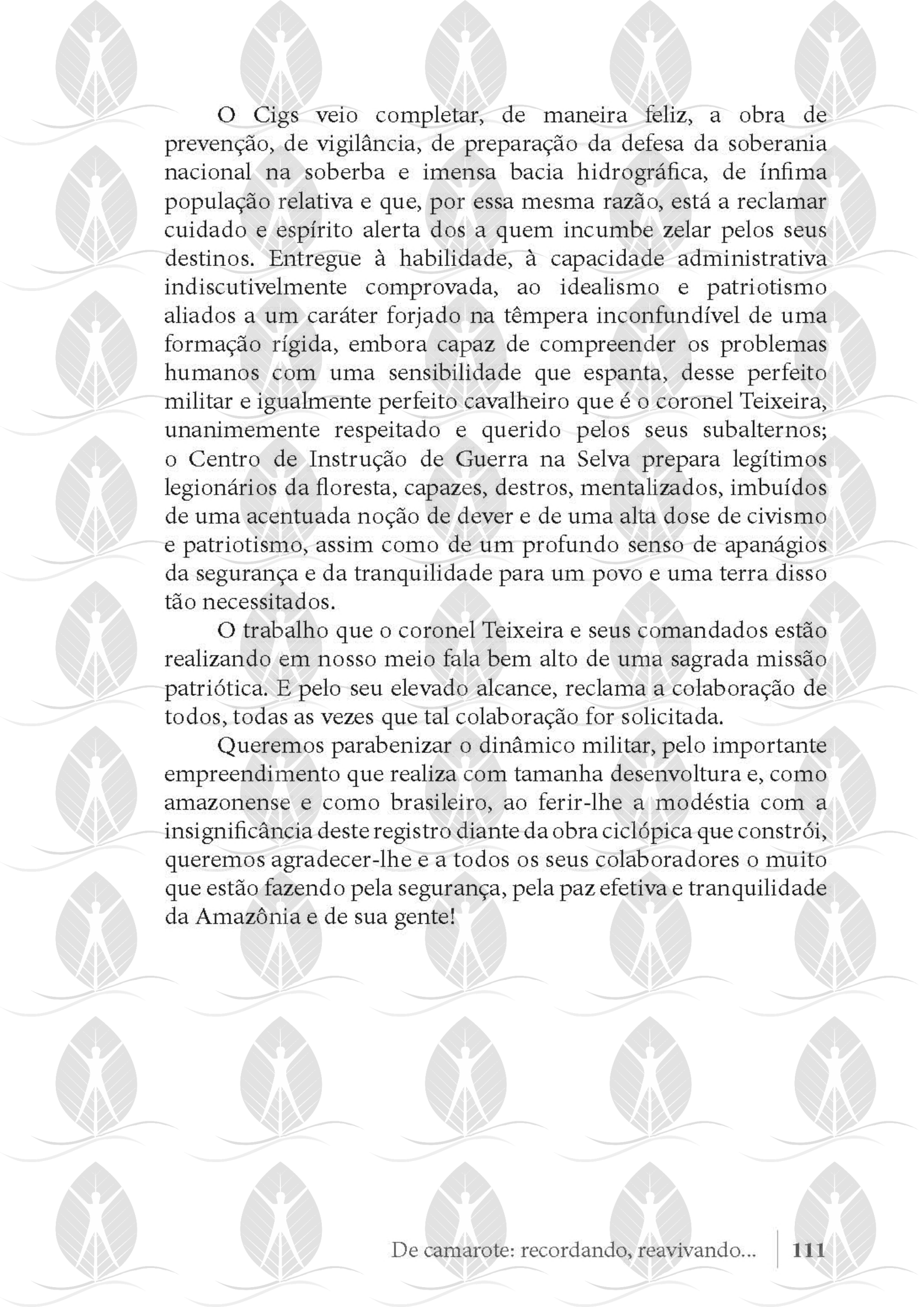
Uma obra realmente gigantesca está sendo construída em silêncio em nossa terra, e cujo alcance patriótico, de um lado – é de particularíssimo sentido de salvaguarda dos destinos da Amazônia – de outro, merecem e exigem os aplausos de todos os brasileiros, e, especificamente, de todos habitantes dessa fabulosa região.

Queremos referir-nos ao Cigs!

Essa organização militar, que honra o glorioso Exército de Caxias, e que, no gênero, sem nenhum favoritismo, é a mais notável do mundo, suplantando, inclusive, a “Special Force” dos Estados Unidos – era de há muito reclamada para a nossa tranquilidade, para o resguardo de nosso futuro e para garantia, nessa faixa incomensurável e enormemente vazia do território nacional, da própria soberania da Pátria brasileira.

Região riquíssima, por isso mesmo ponto culminante da atração e da cobiça de alienígenas interessados em expandir-se ou na utilização de seus recursos multivários. Era a enorme área um legítimo calcanhar de aquiles, vulnerabilíssimo, a tentar e a seduzir, sem nenhum elemento frenador respeitável, o espírito de conquistadores premido pelas circunstâncias de necessidades compulsórias, pondo em perigo, pelas facilidades que o alvo tentador oferecia, estreme de resistência estimável como tal, a segurança e a integridade de toda uma região que o Brasil, que sempre foi e quis ser Brasil, porque tem orgulho cívico e honra justificada de ser Brasil!

O glorioso Exército Nacional preparou uma verdadeira faixa de segurança para a proteção da região por meio de seus dispositivos de fronteiras. O trabalho notável, que, no particular, tem sido consubstanciado, sabemos-lo, sobejamente, todos nós que amamos a terra em que nascemos e nos interessamos pelo seu progresso e desenvolvimento. Em todas as províncias das atividades humanas, o Exército, em seus núcleos militares, realiza uma obra digna de encômios, não apenas na faixa operacional das atividades militares propriamente dita, senão que colaborando para o alevantamento da região, construindo, identificando-se com as populações, educando, assistindo...



O Cigs veio completar, de maneira feliz, a obra de prevenção, de vigilância, de preparação da defesa da soberania nacional na soberba e imensa bacia hidrográfica, de ínfima população relativa e que, por essa mesma razão, está a reclamar cuidado e espírito alerta dos a quem incumbe zelar pelos seus destinos. Entregue à habilidade, à capacidade administrativa indiscutivelmente comprovada, ao idealismo e patriotismo aliados a um caráter forjado na têmpera inconfundível de uma formação rígida, embora capaz de compreender os problemas humanos com uma sensibilidade que espanta, desse perfeito militar e igualmente perfeito cavalheiro que é o coronel Teixeira, unanimemente respeitado e querido pelos seus subalternos; o Centro de Instrução de Guerra na Selva prepara legítimos legionários da floresta, capazes, destros, mentalizados, imbuídos de uma acentuada noção de dever e de uma alta dose de civismo e patriotismo, assim como de um profundo senso de apanágios da segurança e da tranquilidade para um povo e uma terra disso tão necessitados.

O trabalho que o coronel Teixeira e seus comandados estão realizando em nosso meio fala bem alto de uma sagrada missão patriótica. E pelo seu elevado alcance, reclama a colaboração de todos, todas as vezes que tal colaboração for solicitada.

Queremos parabenizar o dinâmico militar, pelo importante empreendimento que realiza com tamanha desenvoltura e, como amazonense e como brasileiro, ao ferir-lhe a modéstia com a insignificância deste registro diante da obra ciclópica que constrói, queremos agradecer-lhe e a todos os seus colaboradores o muito que estão fazendo pela segurança, pela paz efetiva e tranquilidade da Amazônia e de sua gente!



## DESEMBARGADOR ARTHUR VIRGÍLIO

Tombou mais um dos titãs da velha-guarda. Faleceu o desembargador Arthur Virgílio. Espírito forrado daquele estofado que vai rareando, acentuadamente, em nossos dias, em que a dignidade ressalta em linha forte e influencia todos os gestos e atitudes, desde o recesso do lar até a atuação na sociedade. Chefe de família exemplar, magistrado de conduta ilibada, o ilustre falecido foi sempre, até a morte, um padrão de elevação moral, de austeridade e consciência de responsabilidade.

Amigos de família, ouvi de meu pai, muitas vezes, referências lisonjeiras ao desembargador Arthur Virgílio. Foi juiz em minha terra, no tempo em que meu genitor era prefeito. Lá, em Fonte Boa, cimentaram, ambos, que agora se encontraram na Eternidade, uma amizade sólida, leal.

Poucos dias, talvez um mês antes de falecer, conversamos sobre vários episódios daquele tempo.

E o venerando ancião, em sua cadeira, ladeado pela extremosa filha Artemisia, depois de longa palestra, me disse:

– Siqueira, você é amigo do Arthur?

– Claro, desembargador, nós nos damos muito bem.

– Então eu vou lhe pedir uma coisa. Não brigue com o Arthur por causa de política...

Foram estas as suas últimas palavras que ouvi. Estávamos em sua residência, Kanawate e eu.

Retiramo-nos para a Faculdade de Direito. E ontem, a notícia dolorosa do passamento daquele que foi um dos orgulhos da Justiça planiciária, se espalhou pela cidade...

Com muita lealdade, envio a d. Luiza, Artur, Artemisia, Helso e d. Olga e a todos os demais membros da família enlutada, a minha solidariedade no doloroso transe que lhes empolga as almas.

E ao velho e bondoso amigo, um “requiescat in pace”, exarado com muita emoção e profundo sentimento.

Que Deus o receba em seu reino de paz e tranquilidade, Mestre Arthur Virgílio, como prêmio justíssimo à sua luta e ao muito que sofreu.



## HUMBERTO COSTA

Conhecemo-lo no Acre, pelos idos de 1944. Havíamos sido convocado para a 2.<sup>a</sup> Conflagração Mundial que decidia seus últimos estágios principalmente na velha Europa, e, ao dia de nosso embarque, de Rio Branco para Manaus, onde nos devíamos apresentar, ele fez a saudação à turminha que comandávamos, e que, juntamente conosco, apanhou o motor numa linda tarde de gostosa friagem com cinco graus acima de zero!

Sua fala comoveu-nos a todos. Era brilhante orador, de voz timbrosa e bela, e sua figura pequenina agigantou-se no meio da multidão que lotava as ribanceiras de Penápolis, o bairro oficial da capital da Placidilândia.

Seu nome: Humberto Soares da Costa. Professor de Português, escritor e poeta do melhor quilate. Viera do Pará, de Belém. Ali, lecionara no Moderno, do sempre lembrado Mestre SERRA, e na Escola Normal, a cujas alunas transmitira seus profundos conhecimentos de Literatura.

No Acre, qual novo César, após o seu “alea jacta est”, não cruzando o Rubicão, mas o rio que dá nome ao hoje mais novo Estado da Federação brasileira, igualmente como o bravo guerreiro da velha Roma, consignou o seu Veni, Vidi, Vici, nas plagas acrianas.

Sua faixa de atuação marcante se adstringiu à órbita da Educação. Foi professor do Ginásio, hoje Colégio Estadual do Acre, da Escola Normal “Lourenço Filho, da Escola Técnica Acriana de Comércio, as duas últimas criadas pelo seu gênio construtivo e dinâmico, ao tempo da Administração Silvestre Coelho, o bravo coronel cearense que bem governou o então Território Federal mais velho do Brasil. Foi diretor do Ginásio e chegou, por mérito indiscutível, a comandar a Educação e o Ensino e a liderar o magistério na Acriânia.

Não fora por demais exíguo o espaço de que dispomos neste canto de página, teríamos um vasto manancial de fatos e escritos a registrar e transcrever, sobre a vida e a obra do erudito beletrista amazônida que pertence, a fundamentadas credenciais, ao Silogeu da Terra de Plácido de Castro.

Decoramos algumas de suas poesias. E achamos que vale a pena transcrever alguns dos versos de seus primorosos sonetos. Vejamo-los:

*Miragem, ilusão, fragmento de um sonho  
Que min'halma plasmou, na ânsia eterna de amor...  
Quanto mais te procuro, e o olhar em ti ponho,  
Mais te tornas fugaz, mas me deixas com horror!*

O soneto é fechado com esta beleza de forma e estro:

*Miragem... e eu desejo, ó louca fantasia,  
Que tu sejas real, quanto mais fugidia,  
Que tu vivas em mim, quanto mais me abandonas...*

*E ao notar afinal, que te vais diluindo.  
Eu prefiro ficar na ânsia me iludindo.  
A certeza cruel de que te desmoronas...*

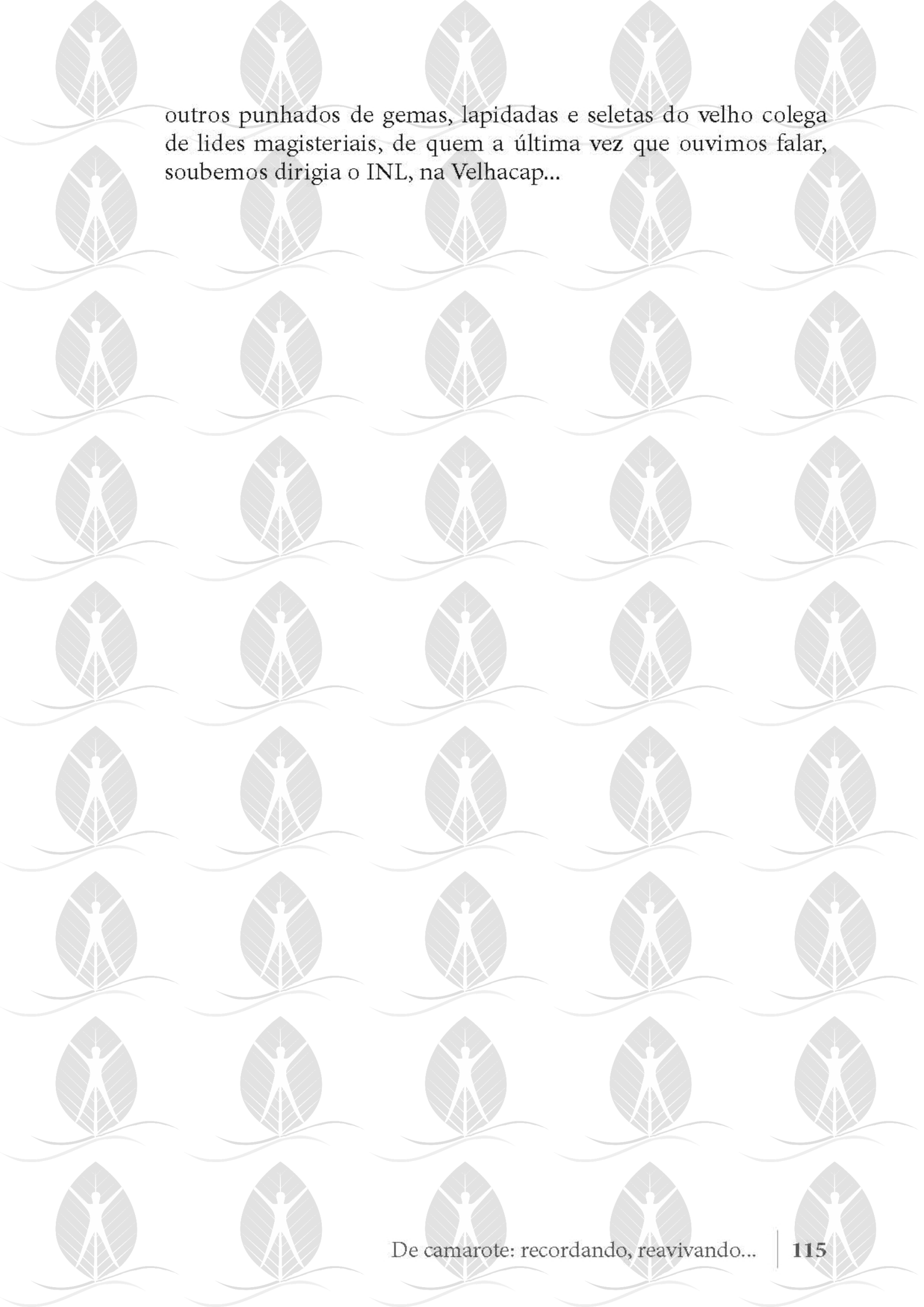
Sobre a saudade de um beijo na mulher amada, Humberto Costa escreveu um soneto magnífico, que traz em seu bojo esta faísca de verdadeira poesia:

*Deixou-me na boca o acre travor de perpétuo desejo.  
E n'alma a rubra mancha eterna do pecado...*

Há um soneto da lavra do ilustre aedo paraense, que possui um verso – o último da primeira estrofe – verdadeiramente onomatopaico. Ao prolatá-lo, ouve-se o troar cadenciado do tamborim a que alude. Escutemo-lo.

*Aquel' hora da noite, a senzala deserta,  
Mal denota o calor das danças no terreiro...  
Atroa o tamborim, na melopeia incerta.  
Ao ritmo pagão de um batuque negreiro...*

Não há jeito, leitor amigo... Não há mesmo espaço. É uma pena que a gente não possa estender-se bem mais para ouvir dele



outros punhados de gemas, lapidadas e seletas do velho colega  
de lides magisteriais, de quem a última vez que ouvimos falar,  
soubemos dirigia o INL, na Velhacap...

## VIOLETA DE MATTOS AREOSA

Há certos eventos que a bisbilhotice da gente traz a lume, os quais, depois de tornados públicos, têm o condão de instilar em nosso íntimo uma sensaçãozinha de mal-estar, enjoadinha, assim como um remorso de causa não totalmente definida, mas que, analisada com o devido acuramento, predispõe-nos à repetição da prática do mesmo ato...

A sensação enjoadinha é decorrência do sentimento de culpa, que dá alfinetadas num refólio muito íntimo do psiquismo, em função de um pecadilho que se pode batizar de “quase profanação”.

O estímulo à repetição do pecadilho, todas as vezes que, para tanto, concorra justificativa plausível, é uma determinante do senso de equanimidade!

E assim, embora saibamos que susceptibilizaremos almas modestas, que fazem o bem porque esta é uma propensão normalíssima de seus corações de anjo, e não para que suas boas ações se instituem em “caridade para jornal publicar”, não deixaremos de cumprir nosso fadário, cristalizado no desejo imenso de fazer justiça!

Os nosocômios de Manaus, vinculados ao Governo, vêm recebendo, sistematicamente, a visita de um ANJO BOM, que, ao lado das administrações respectivas, sem nelas interferir senão com o sentido da mais eficiente cooperação, contribui, de maneira digna de aplausos, para que as finalidades de tais casas de saúde sejam melhormente atingidas.

Esse trabalho, de significação humana, que traz o forro inconfundível do amor, no seu mais puro e mais belo modo de exteriorização, tem sido realizado dentro de uma atmosfera de quase completo anonimato, no silêncio sigiloso recomendado pelo Grande Mestre, sigilo que é a essência inconfundível da verdadeira caridade.

O vulto que se desloca no interior dos hospitais, que é verdadeiro ídolo no leprocômio “Antônio Aleixo”, que surge, de inopino, Hospital Getúlio Vargas adentro, e que está, agora, fazendo verdadeiro milagre de amor, com a dedicação inestimável de quem faz o bem por ideal, entre as criancinhas da Maternidade que o povo conhece por Maternidade Balbina

Mestrinho, a despeito da mudança de denominação para Ana Nery, no Governo do Sr. Arthur Reis; a sombra, que se projeta sempre, onde, nas casas apontadas se exija, ao lado da ação austera da administração, a dose confortadora do desvelo e do carinho; a figura simplíssima, de simpatia irradiante, ora com um sorriso de acolhimento, ora com um vinco de preocupação na testa ampla, denunciadora de inteligência, de espírito arejado, de visão larga, tem – e é claro que não poderia deixar de ter – a forma de Mulher!

Quem é ela?!

Pergunte às centenas de almas agradecidas que lhe votam, não apenas amizade por gratidão, mas verdadeiro amor!

Vá ao Leprosário, converse com as mães, com os pais, com os doentes todos ali existentes...

Consulte às criancinhas do berçário da Maternidade, berçário que é a “menina dos olhos” da fada benfazeja... Elas não falam?! Mas suas mamãs falam por si e podem contar da assistência afetiva e efetiva que, diariamente, é prestada a seus rebentos queridos pela criatura bondosa de que nos ocupamos hoje.

Ausculte a alma dos alienados de nosso asilo da estrada de Flores... Eles não utilizam a razão para compreender o que por eles é feito? Mas os parentes, os amigos, os circunstantes sabem e sentem, com o coração agradecido, o que é realizado em benefício dos que fizeram um hiato na percepção da vida e jazem mergulhados nas trevas da indiferença e da apatia...

Procure as crianças que, aos punhados, sobem as escadarias do Palácio Rodoviário, para no apartamento luxuoso do chefe do Governo – coisa a que os “hóspedes miris” não dão a menor importância – fazer suas refeições diárias!

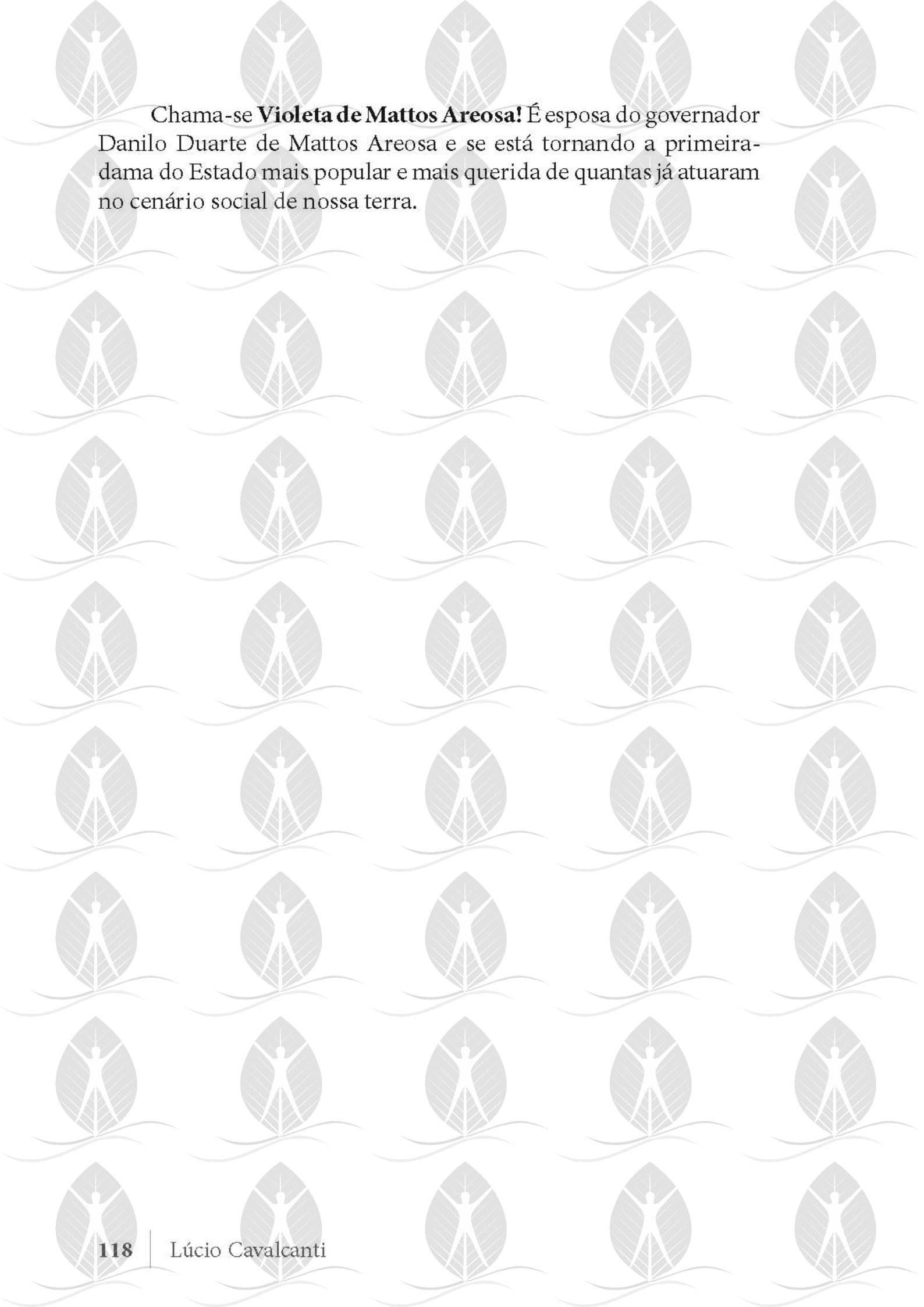
Inquiria às centenas de pessoas, que por sua interferência altruística, têm os seus problemas encaminhados, suas angústias dissipadas, seus sofrimentos amenizados, suas dores aliviadas, suas feridas curadas...

**Sedare dolorem opus divinum est!**

E aquela Mulher – Bondade realiza esta obra divina, leitor amigo!

Quem é ela?!





Chama-se **Violeta de Mattos Areosa!** É esposa do governador Danilo Duarte de Mattos Areosa e se está tornando a primeira-dama do Estado mais popular e mais querida de quantas já atuaram no cenário social de nossa terra.

## SÃO JOÃO E “BRILHO DIA”

“São João disse.

São Pedro confirmou...”

A noite era linda, com duas camadas de céus distintas: a de cima, bordada de fulgurantes estrelas de ouro! A outra, logo abaixo, salpicada de luzeiros multicoloridos, das Lágrimas de Nossa Senhora, das pistolas de tufos policrômicos, das girândolas e dos fogos outros de artifício, dos foguetões de rabo de tala, que estouravam nas alturas, ecoando nas pardacentas muralhas das matas adjacentes.

No terreiro enorme, limpo e enfeitado, brilhavam as chamas serpeantes, da fogueira imensa...

Era assim, leitor velho de guerra, que começava a noite de São João em nossa casa, na pacata Vila de Fonte Boa, mergulhada em perfume gostoso de flores das centenas de laranjeiras que arborizavam a “rua da frente” e a “rua detrás”...

Depois, a moçada enchia o terreiro com o alarido de vozes de todos os timbres e de todas as alturas, com as risadas alegres de almas em festa!

Mãos feiticeiras, invisíveis, colocavam, com a graça inefável de artistas, perfeitas, um broche de luz prateada no vestido riquíssimo da noite cálida! E a lua cheia, dominadora, inundava de sargêntas cintilações a ambiência, plantando, nas águas tranquilas do gigante dos rios, que deslizava lá em baixo, um rastro enorme, largo, coruscante...

De repente, um hiato no burburinho que se derramava no terreiro.

O palhaço espalhava brasa! Era o Benedito do “sêo Flô”, vestido de folhas secas de bananeiras, a pular, endiabrado, provocando gargalhadas estrondosas...

O “Brilho Dia” vinha atrás, chefiado por sêo Damásio, um negro de dentadura nitente que reverberava à luz do luar. A voz do preto simpático, amo do boi, era bonita, melodiosa, com falsetes aveludados...:

“Boi, boi, boi,  
Morena vem ver

Chega na janela...”

A gurizada, os rapazes e moças, maridos e mulheres, velhos e velhas, tudo corria para ver o boi que estreava na vila...

Os busca-pés riscavam o terreiro em todos os sentidos. Bombinhas estalavam, traqueando sem cessar. A ronqueira, vez em vez, tonitroava.

Pai Francisco e Mãe Catirina faziam graçolas para a garotada embevecida. E os vaqueiros, os caboclos reais, o padre, o doutor Trovão, o pessoal das zabumbas e das matracas, todos, num coral afinado, cantavam a plenos pulmões:

“Oi entra, entra,  
Vai buscar coisinha boa  
Se encontrar com boi guerreiro  
Tamos com a guerra na proa”.

Seo Damásio, gingando o corpo em requebros elegantes:

“Namora, Pade, namora,  
Passa a mão na tua croa...  
Se encontrar com boi guerreiro  
Tamos com a guerra na proa!”.

A meninada passou a adorar o “Brilho Dia” como se aquela armação de madeira, vestida de veludo preto e branco, com uma estrela na testa, animada pelo “miolo”, fosse boi de verdade, boi que tivesse alma e tudo...

Pai Francisco matou o bicho com sua famigerada espingarda de carregar pela boca!

E seo Damásio, com a voz trêmula de emoção e sentimento:

“Alumeia fogo encarnado,  
Na luzerna do Vapor, Meu sinhô mandou dizer  
Pra mandar chamar doutor...”.

Doutor Trovão prescrevia a clássica “lavagem”.

Chico tirava a língua e recebia a gaita do coronel Siqueira!

E começava o corre da meninada esbaforida, até que um dos moleques era apanhado. Um dos brincantes levantava o Brilho Dia, a cabeça e o corpinho do guri apavorado e espeneante, entravam pelas traseiras do boi, que dava um berro festivo... O boi estava outra vez vivinho da silva, para gáudio do molecório assanhado!

“Adeus princesa do Maranhão,  
Fala ao boi, vaqueiro, de vara na mão...  
Eu fui ontem de ontem  
No caminho fiz mudança  
Eu vou dar minha desculpa  
Conforme minha tardança...”

E lá se ia o “Brilho Dia” cantando toadas saudosas, brincar no terreiro do tio Belinho, do tio Cazuza, do doutor Cintra, juiz de Direito, de são Cândido, do são Toledano, enchendo de festa a noite festiva.

Ao afinal, o Waldemar chegava com o saxofone, tio Belinho com a clarineta, são Negreiros com a flauta, Cordelino com o violão, Zeca Jaca com a sanfona e o poeiral levantava no imenso e arejado salão da casa do coronel.

E o arrasta-pé chiava até de manhãzinha, à luz viva dos carburetos...

Isso dá uma saudade, leitor velho de guerra! Mas é saudade mesmo!..

## PAULO RAMOS COELHO

Estivemos, neste fim de semana que passou, em Carauari, e comentaremos em outra oportunidade nossa viagem.

Ontem, ao ligarmos o telefone para a casa de nossos amigos Dr. Francisco Dias da Silva, procurador do INPS, e dona Sílvia, alta funcionária do Departamento de Águas e Esgoto, esta nos deu a infausta notícia do falecimento, de modo trágico, do nosso velho companheiro – irmão dos dias de juventude febril, Paulo Ramos Coelho!

Sentimos e lamentamos, sinceramente, o passamento de nosso boníssimo amigo. Paulo em nossa casa, no vetusto sobradão da Henrique Martins, ao tempo de nossa adolescência, era recebido com o mesmo calor e o mesmo carinho, por nossos pais e irmãos, como se fora gente da nossa própria família.

Como há poucos dias fizemos sentir desta coluna, concluimos o curso de Farmácia na mesma turma. Esse convívio diuturno, em vários anos seguidos, deu-nos a oportunidade de conhecer, de perto, o espírito de escol do pranteado colega desaparecido, em cilada brutal do destino miserável e traiçoeiro!

Paulo possuía uma alma limpa, combativa e leal. Sua franqueza era, às vezes, rude em demasia, tangendo às raias da agressividade! Mas quando era amigo, era Amigo mesmo! Esta era a sua maior virtude. Paulo era incapaz de uma traição! Não era baú de segredo de ninguém, e se alguém pretendesse envolver algum amigo seu em trancinhas ou intrigas, podia contar que o “treco” era tirado a limpo, até que tudo se esclarecesse muito direitinho.

Teimoso por índole, quando se amarrava num ponto de vista, quando assumia uma atitude, quando cristalizava uma opinião, era difícilimo, senão impossível, a alguém demover-lhe o espírito, afastá-lo da posição que tomava. Porisso, certo colega nosso, da mesma turma, dizia, dando murros na mesa:

– Este Paulo, quando vira a cabeça para um lado, só à porrada...”. E a turma caía na gargalhada, porque era mesmo!

Paulo Coelho e José Bezerra dos Santos, médico ilustre e competente, este último que tem, hoje, em Manaus, expressiva clientela, constituíram, em nossos anos de juventude, a dupla de nossos melhores amigos.



Depois, cada qual tomou seu rumo.

Passamos, praticamente, dez anos separados, cada qual empenhado na luta incruenta e sem quartel, que nos impôs a necessidade de sobrevivência.

Paulo meteu-se em política. Atuou com brilhantismo na Assembleia Legislativa do Estado e, posteriormente, foi eleito deputado federal.

Raramente, nesses últimos dez anos, encontramos o queridíssimo companheiro. Mas onde quer que estivéssemos, entre íntimos ou no meio de estranhos, sempre lembramos seu nome com particular afeição, fazendo sentir aos nossos circunstantes a grande qualidade do saudoso caboclo que a morte levou: bom amigo, leal, sincero, grande coração e grande alma!

O destino resolveu trancar, ao companheiro da velhuarda, a porta da vida do lado de cá! Mas, em compensação, há de ser-lhe aberta uma outra para um mundo cheio de luz, de paz e de tranquilidade, onde, eternamente, repousará das fadigas e dos entreveros que enfrentou neste vale de lágrimas em que pulula a incompreensão e a ingratidão se aninha...

Vai, Paulo amigo, e um dia, se Deus o permitir, apertaremos nossas mãos como nos tempos de adolescentes, ladeados aí na Eternidade, pelas nossas esposas leais e amigas, pelos nossos filhos e pelos raríssimos amigos que tivemos na terra...

Até lá, querido companheiro!

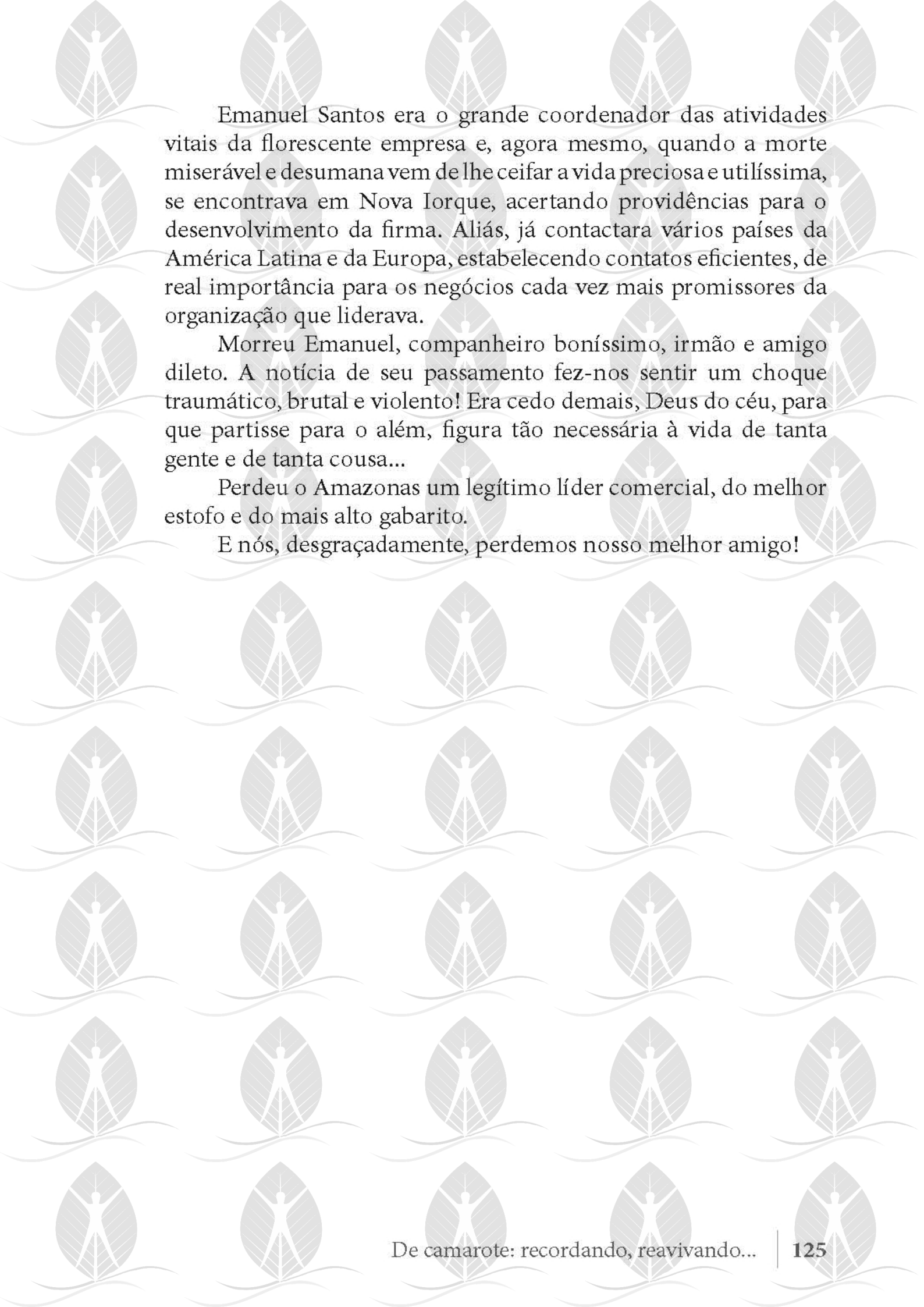
## EMANUEL SANTOS

Perdemos um amigo dileto! Mais que isso, perdemos, um irmão!

Emanuel Santos, o boníssimo Emanuel, expirou, anteontem, por volta das vinte e quatro horas, em New York, onde se encontrava desenvolvendo aquela implacável atividade, tão ao gosto de sua alma de campeador, visando ao progresso de sua Orca, firma que, com uma limitada equipe de amigos, construiu, após os quarenta e cinco anos de idade, depois de haver dado a melhor parcela de sua vida e de suas energias, quase toda a sua mocidade, até aquela idade madura, em favor do Grupo Sabbá. Foi, nos últimos anos que procederam ao seu afastamento da poderosa organização, uma espécie de chave geral dela, movimentando tudo, Cortume, Compensa, Departamento de Petróleo, Exportação de Juta, Financiamentos, distribuindo miraculosamente o tempo que lhe era tão escasso quão precioso, numa atividade fecunda e construtiva!

Quando Emanuel Santos largou a Sabbá, cogitou fundar no Amazonas uma grande organização, para lidar, precipuamente, com o comércio, exportação e indústrias, tudo em torno de produtos regionais. As primeiras medidas chegaram a ser tomadas e providências iniciais encaminhadas. Mas, chefe de família exemplaríssimo, pai amantíssimo, homem de uma profunda sensibilidade afetiva e de um invulgar senso de responsabilidade, espírito leal e superior, pensou na educação dos filhos, na saúde e bem-estar da esposa e família, e abrindo mão das naturais vantagens e facilidades que lhe proporcionavam o conhecimento da região, pelo trato das atividades comerciais no meio, por mais de duas décadas, na cúpula de empresas de realce, decidiu, corajosamente, enfrentar todas as diversidades, e estabeleceu-se no Rio de Janeiro, com um pequeno grupo de amigos e conterrâneos. E assim surgiu a Orca Ltda.

De início, o campo de ação da novel razão social circunscreveu-se a uma estreita faixa operacional. Mas em pouco, alargou-se de maneira espetacular seu raio de ação, surgindo várias filiais, inclusive em Belém, Manaus, Santarém e Porto Velho.



Emanuel Santos era o grande coordenador das atividades vitais da florescente empresa e, agora mesmo, quando a morte miserável e desumana vem de lhe ceifar a vida preciosa e utilíssima, se encontrava em Nova Iorque, acertando providências para o desenvolvimento da firma. Aliás, já contactara vários países da América Latina e da Europa, estabelecendo contatos eficientes, de real importância para os negócios cada vez mais promissores da organização que liderava.

Morreu Emanuel, companheiro boníssimo, irmão e amigo dileto. A notícia de seu passamento fez-nos sentir um choque traumático, brutal e violento! Era cedo demais, Deus do céu, para que partisse para o além, figura tão necessária à vida de tanta gente e de tanta coisa...

Perdeu o Amazonas um legítimo líder comercial, do melhor estofa e do mais alto gabarito.

E nós, desgraçadamente, perdemos nosso melhor amigo!

## ISAÍAS DOS SANTOS REIS

Era um velho correto, sisudo, cumpridor exato de seus deveres, dotado de profundo senso de responsabilidade. Esta, aliás, era a tônica de seu caráter bem formado, fato que lhe granjeara o imenso crédito de confiança e a geral estima que lhe votavam amigos fiéis e dedicados.

Conhecemo-lo quando dos primeiros passos de “foca”, na oficina do *Jornal do Comércio*, admirado pelo tamanho, peso, barulho e trabalho simétrico da rotativa do órgão associado, a ele no dirigimos, fazendo-lhe mil e uma perguntas, que foram meticulosamente respondidas com explicações objetivas e claras, perfeitamente acessíveis a um leigo curioso.

Depois, privamos mais de perto com o velho companheiro, vindo a saber que era pai da Izilda e da Palmira, duas moças prendadas e de fina educação que frequentavam nossa casa, ao tempo de nossa juventude.

E nasceu entre nós uma estima recíproca e mútua admiração.

Quando passamos a ter uma coluna diária no Jotacê, dois linotipistas trabalhavam em sua composição: Cláudio “Marrecão” e Izaías Reis Filho. Este último era um de seus rebentos, e nós só viemos saber disto anos depois que trabalharmos neste periódico.

Chamava-se Isaías dos Santos Reis, mas nós só o conhecíamos por Mestre Isaías. Era o chefe das oficinas do *Jornal do Comércio*, cargo que ocupou com a eficiência de um legítimo “expert” durante meio século.

Lembramo-nos de dois detalhes singulares: Mestre Isaías era fã de nosso Camarote e, quando nos candidatamos a deputado – uma das poucas besteiras que fizemos na vida – sem nenhum pedido nosso, o velho campeador da vida de jornal nesta terra procurou-nos para declarar:

– Li que vocemecê é candidato. Lá em casa há uns votinhos para o amigo.

E os votinhos tiveram, em nossa eleição – nós que fomos sufragados como o terceiro deputado mais votado de Manaus – um particular sentido afetivo, além do aspecto qualitativo de que se revestiram.

Mestre Isaías tinha o coração repartido entre duas pátrias, que adorava: o seu Portugal e o nosso Brasil.

Quando falava de ambas as terras, sentia-se que o entusiasmo empolgava sua alma boníssima e, muitas vezes, lágrimas de emoção e de saudade o traíam, marejando-lhe os olhos claros e molhando-lhe o rosto marcado pela ação impiedosa do tempo!

Idolatrava sua “gente cá de casa”, e não podia esquecer os pagos da “terrinha de berço”.

A notícia de seu passamento fez-nos sentir um entalo emocional e visualizamos espiritualmente sua figura respeitável e veneranda...

É mais um batalhador da “Velha-Guarda”, que foi uma das legítimas vigas mestras deste Jotacê vetusto e equilibrado, que sai de nosso convívio, para devassar os arcanos do mundo do além.

Ele, Roque e Rabelo são três figuras simbólicas, cujas almas se misturam com o tilintar dos teclados das linotipos desta Casa, com a música produzida pelo murmúrio das vozes dos companheiros de trabalho e com a sintonia inconfundível da rotativa que lança, para o Amazonas e para o Brasil, o jornal pelo nome do qual deram o melhor de sua vida e da sua capacidade técnica, empolgados que eram do imenso orgulho de pertencer ao quadro de seus fazedores: o *Jornal do Comércio*.

Que Deus o tenha, Mestre Isaías, e fique na mais absoluta certeza de que seu amigo sentiu sua morte como a de um legítimo irmão do mesmo ideal e da mesma luta. E até a eternidade, velho companheiro!



## LUCUBRAÇÃO SENTIMENTAL


Estávamos à janela de nosso escritório, à procura de assunto para nossa crônica de hoje, eis que nossa vista foi atraída pela enorme parede vermelha que cai verticalmente sobre o telhado de casas mais baixas, do sobradão onde hoje está localizado o Hotel Quitandinha em que vivemos os melhores dias de nossa infância e adolescência, durante mais de 17 anos!

E sem sentir, fomos levados por mãos desconhecidas para o mundo agri-doce da saudade, numa espécie de hipnose gostosa e torporizante...

Quantas recordações vieram chocar-se, de inopino, em nossa lembrança, ao embalo de quadros comoventes e inesquecíveis que se gravaram em nossa retina e que jamais se apagarão...

A recepção, no mundo místico, foi-nos feita pela figura sorridente, de nitentes e brilhantes cabelos prateados, do coronel Siqueira, nosso pai, o homem que subia e descia, diariamente, aos oitenta anos, mais de uma dezena de vezes os quase ou mais de trinta degraus da escadaria enorme do sobrado! Naquela idade, era um velho empertigado, cheio de energia, aço temperado na forja nordestina, amamentado a leite de cabra, alimentado à carne de sol e rapadura! Oitenta anos de idade, e sua enfiatura física e moral espantaria qualquer estudioso de assuntos bio- fisio-psicológicos de nossos dias...

“São coronel” – assim o tratava nossa mãe – fora deputado ao tempo em que os licurgos amazonenses usavam fraque, cartola, e bengala de castão de prata. Liderara durante quase trinta anos a política de Fonte Boa, município de nosso berço, sendo prefeito durante quatro legislaturas... Como sofreu aquele velhinho amigo, Deus do céu! E com que resignação, realmente edificante, se houve sempre! Que fé extraordinária possuía aquele ancião, em cujo rosto estava retratada a luta dura de uma vida cheia de lances homéricos e dolorosos! Perdera filhos queridos, um dos quais – o mais querido, talvez – de modo desastrado! No rodoinho da política volteou, por inteiro, a pirâmide, e à queda irremediável por ser honesto. Teve os últimos dias de existência amparadas por uma filha e um genro amigo, ainda com vários filhos por educar – nós inclusive – sendo este, talvez, o maior impacto emocional de sua



vida de homem de lutas, acostumado à liberdade de ação e ao “self government”. O nome de Osman Assis, genro amigo, está inscrito na lembrança da família Cavalcanti com letras de ouro, indeléveis...

Ah! Sobradão carunchoso e sisudo, és um receptáculo enorme da saudade!

## POLÍTICA E FUTEBOL

Política e jogo de futebol, no interior, é cousa muito séria, capaz de alimentar ódios por várias gerações, dando margem à lutas encarniçadas com derramamento de sangue até.

Quando nós éramos menino de oito anos, alguém em nossa terra, na Vila de Fonte Boa, parturiu a infeliz ideia de organizar um time de futebol. A coisa ficou na base da conversa fiada, até porque um time só não poderia fazer jogo. Foi aí que outro alguém abortou a não menos infeliz ideia de organizar outro quadro. Nome para os “clubes”, eis o primeiro problema a ser transposto. Azul e Encarnado, sugeriu um gaiato. E o treco pegou. A seguir, aflorou o mais sério atropelo: quem na vila sabia jogar futebol? Ninguém! Mas isso não vinha ao caso. Para brincar, bastava vestir um calção, uma camisa azul ou encarnada, um bocado de gente de um lado e outro bocado de outro, com uma bola para se empurrar para dentro das traves... Regra? Valia tudo!


A ideia tomou forma e, assim, surgiram os atletas improvisados: Arnatan, Olinto, Benedito do sêo Flô, Judeu da Don'Ana, Cirilo, Augusto, Olavo, os dois Gualbertos, sêo Barbosa, Rubens do sêo Azul Mar, Isac Balbi, Alírio Pingarilio, Zé Plácido, Mané Repelauro (gago como a mãe dele) e outros “players”.

E um dia, debaixo de cerrado fogueiro e da barulheira da rapaziada e das moças em alvoroço, com hino de cada time cantado em campo e tudo o mais... encarnadistas e azulistas se defrontaram.

O negócio no gramado foi logo pegando fogo! E o jogo foi mais violento que o da Paz e Harmonia do Jararaca... Bola pra cá. Bola pra lá. Porrada em campo iniciada pelo Isac Balbi, porque o Benedito do sêo Flô lhe chutou a canela, ao errar a bola. Confusão grossa. Barabadá na torcida. Palavrão pra cá, nome de mãe pra lá, turimbamba generalizada.

Ninguém mais acertou na bola, e as traves ficaram virgens de gol. A partida não chegou a terminar, em função da arruaça dos contendores, e o juiz saiu com uma enorme bola azul no olho esquerdo, de violento tapa-olho aplicado até hoje ninguém sabe por quem. A indisciplina foi endossada e ampliada pela torcida, mas, apesar de tudo, entre mortos e feridos, escaparam todos.

Marcou-se novo encontro para uma data próxima.

The background of the page is a repeating pattern of stylized, light gray leaves. Each leaf contains a white silhouette of a human figure with arms raised in a 'V' shape. The leaves are arranged in a grid, with wavy lines at the bottom of each row suggesting water or a breeze.

Mas a agitação foi tamanha, tantos os insultos, tantos os tabefes trocados antes, que a segunda rodada, a “revanche”, como dizia a cabocada nervosamente entusiástica, nunca se realizou.

Até hoje, porém, em Fonte Boa, e já lá se vão quase quarenta anos – ainda há gente intrigada, de fogo a sangue, por causa do futuro resultado de uma partida que nunca chegou a ser jogada!...

## A CONQUISTA DO SATÉLITE I

Um voo na órbita da Lua!

Até o presente instante da história, o mais espetacular feito realizado por seres humanos, nessa corrida espetacular pela conquista do espaço sideral. A viagem do “APOLO 8” foi a primeira de caráter interplanetário realizada pelo homem. Por isso mesmo, sagrou-se, como já se tem repetido várias vezes, o grande acontecimento do século!

Os três legítimos bandeirantes da cosmonáutica nesta centúria bateram vários recordes, inclusive o de velocidade jamais atingida por um ser humano!

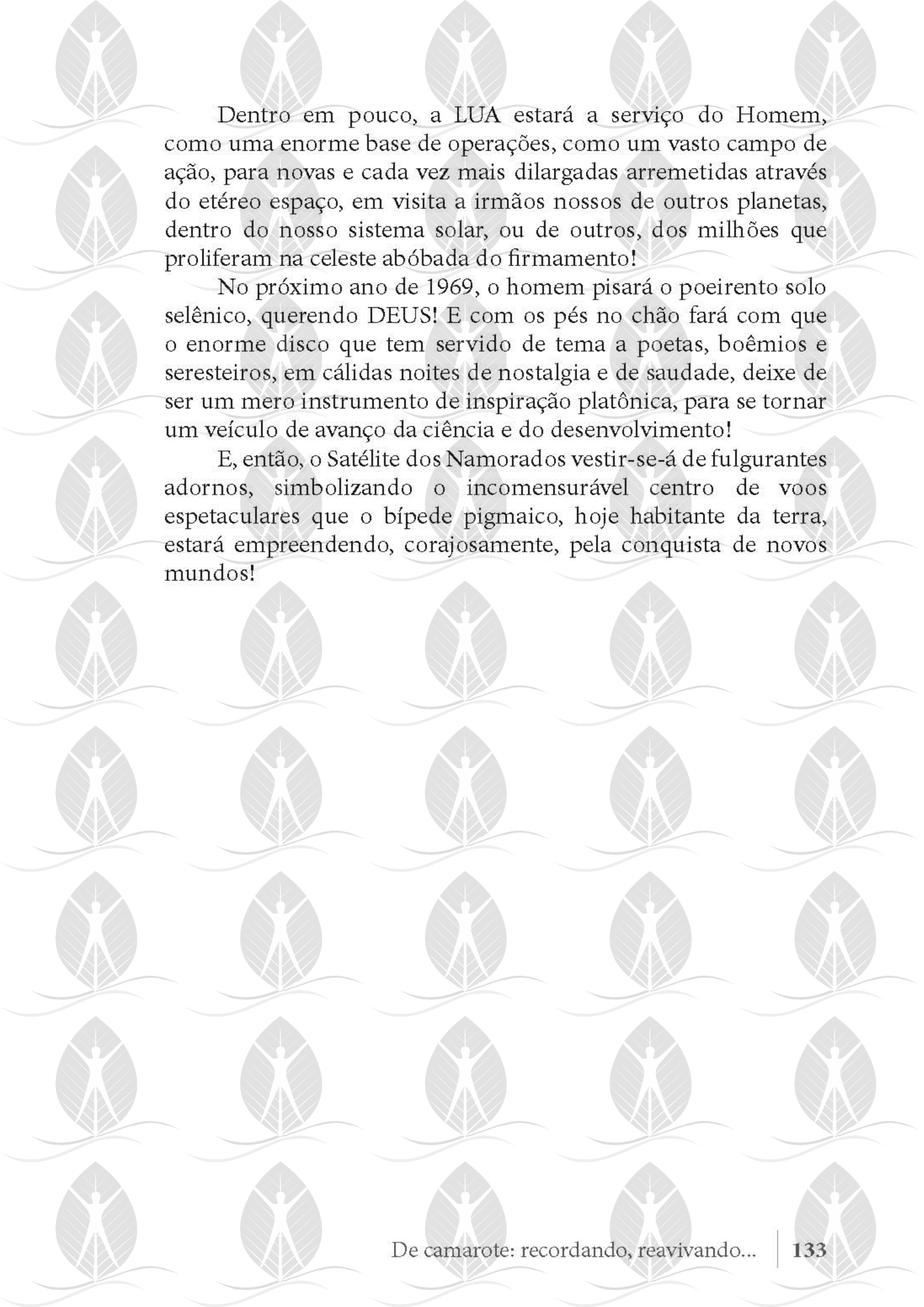
Foram os primeiros a orbitar a lua; os primeiros a sobrevoar o lado escuro do satélite, assim como, igualmente, foram os primeiros a libertar-se de sua faixa de atração – um dos lances mais perigosos e decisivos da gloriosa jornada empreendida pela famosa espaçonave norte-americana!

Descrever o arrojo e a coragem dos três bravos pioneiros da conquista do céu, quem há de?

Seu estado de espírito, sua bravura, seu destemor, seu sangue-frio, seu preparo físico-mental, o otimismo que permaneceu incólume da saída da terra ao retorno alvissareiro à pátria caracterizaram, indelutavelmente, o valor e a enfiatura de verdadeiros “Super-Men”, que inscreveram seus nomes entre os heróis a justíssimos títulos, nos anais da corrida espacial, pela façanha que marcará, na vida da nação americana do hemisfério setentrional, um fato sempre memorável. Foram, realmente, magníficas as lições que deram à posteridade, esses gigantes que assomam nas páginas da História Contemporânea com a configuração avantajada de ciclopes de novo gênero.

Os Estados Unidos mostraram ao mundo a qualidade superior de sua técnica, a perfeição de seus aparelhos de precisão surpreendente, pondo em realce, com o evento admirável, a capacidade de seus sábios, aos quais está afeta à responsabilidade da segurança de vidas utilíssimas e da perfectibilidade das cosmonaves que trazem a reputada e respeitável marca “Us”, assim no passado como no presente, e, com peso sempre mais acentuado, nos dias porvindouros.





Dentro em pouco, a LUA estará a serviço do Homem, como uma enorme base de operações, como um vasto campo de ação, para novas e cada vez mais dilargadas arremetidas através do etéreo espaço, em visita a irmãos nossos de outros planetas, dentro do nosso sistema solar, ou de outros, dos milhões que proliferam na celeste abóbada do firmamento!

No próximo ano de 1969, o homem pisará o poeirento solo selênico, querendo DEUS! E com os pés no chão fará com que o enorme disco que tem servido de tema a poetas, boêmios e seresteiros, em cálidas noites de nostalgia e de saudade, deixe de ser um mero instrumento de inspiração platônica, para se tornar um veículo de avanço da ciência e do desenvolvimento!

E, então, o Satélite dos Namorados vestir-se-á de fulgurantes adornos, simbolizando o incomensurável centro de voos espetaculares que o bípede pigmaico, hoje habitante da terra, estará empreendendo, corajosamente, pela conquista de novos mundos!

## A CONQUISTA DO SATÉLITE II

W. Reed, se não nos falha a memória, escreveu uma obra famosa, intitulada – *Dez dias que abalaram o mundo!*

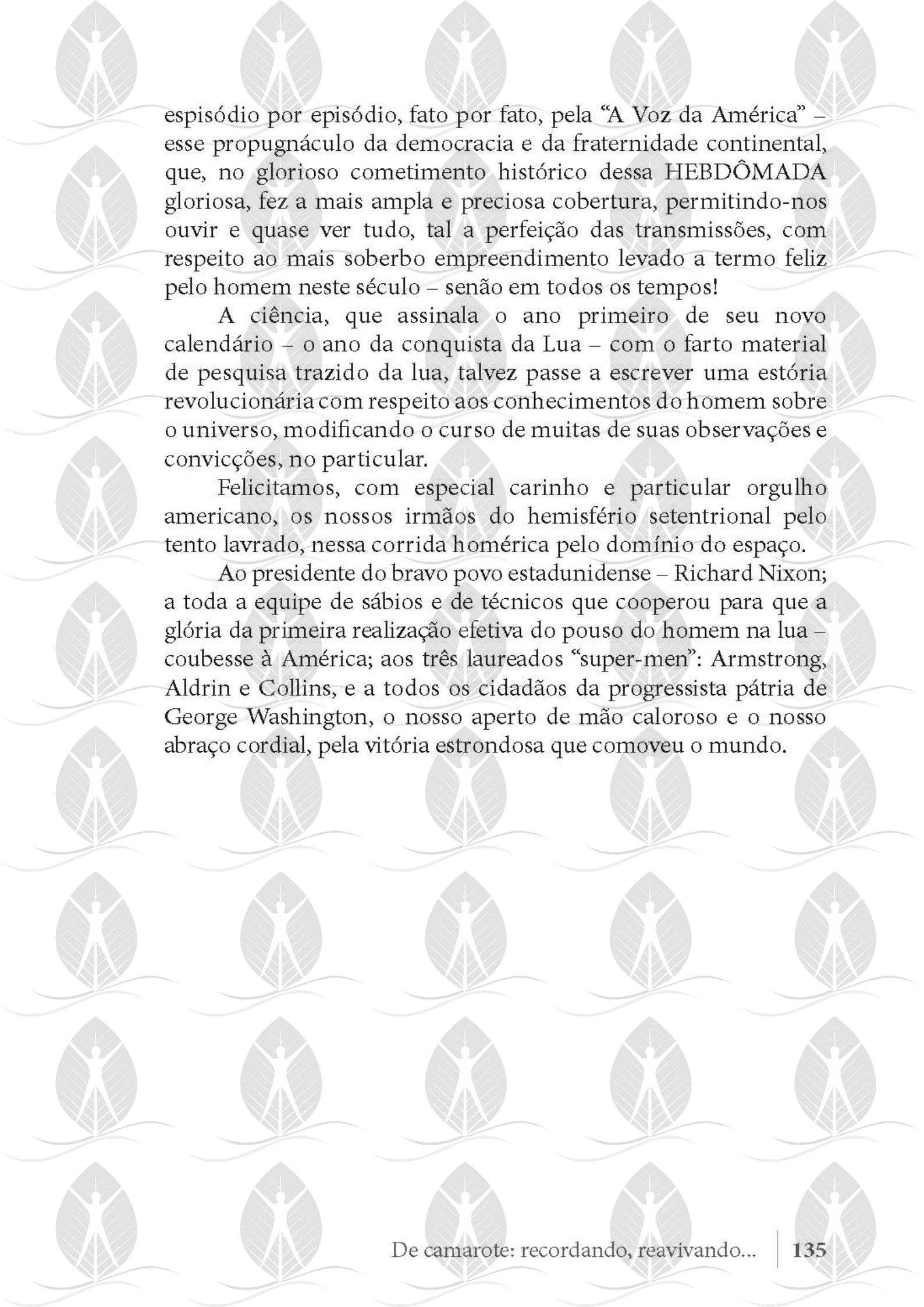
Os três imortais astronautas americanos – Armstrong, Collins e Aldrin – com a audácia dos bravos e a decisão dos heróis autênticos, deixaram gravada no livro eterno da História uma página que bem poderia levar este sugestivo título – “Instante supremo que abalou o Cosmos!”.

Realmente, com o feito fabuloso que os águias do espaço vêm de realizar, sob a égide da bandeira dos Estados Unidos da América do Norte, aquilo que até então fora um sonho aparentemente utópico de Júlio Verne, é hoje, palpitante e incontrastável realidade: está aberto o caminho para a conquista, pelo homem, do espaço!

Inteligência, tenacidade, cultura, técnica, arrojo, intrepidez constituíram as pilastras em que se apoiaram os irmãos continentais para a consubstanciação dessa arremetida espetacular, que emociona o mundo, nimbando de merecida glória à frente dos três laureados gigantes pioneiros da conquista da **Lua** – **Neil Armstrong** – o primeiro mortal a pisar o solo arenoso do satélite natural da Terra – **Edwin Aldrin e Michael Collins!**

Acompanhamos, com entusiasmo e certo nervosismo, os lances mais arrebatadores do fantástico feito. Rezamos, em muitas oportunidades; torcemos com tudo, em outras; vibramos em todas!

Desde o momento em que a nave espacial largou de sua plataforma, em Cabo Kennedy; no minuto histórico em que Armstrong pisou o solo da Lua: no instante supremo da decolagem do “Eagle” da crosta do satélite; na ocasião emocionante do acoplamento do módulo lunar a nave capitânea “Columbia”, controlada por Michael Collins; na hora grave de suspense da entrada da espaçonave na atmosfera terrestre e no átimo de segundo do toque da cápsula nas águas revoltas do Pacífico, para a realização, em seguida, com o mais pleno êxito e a mais completa precisão – como ocorrera em todos os lances épicos da empolgante missão espacial – da operação resgate, nossa alma estava irmanada aos milhões de almas do Planeta, vivendo, intensamente,



episódio por episódio, fato por fato, pela “A Voz da América” – esse propugnáculo da democracia e da fraternidade continental, que, no glorioso cometimento histórico dessa HEBDÔMADA gloriosa, fez a mais ampla e preciosa cobertura, permitindo-nos ouvir e quase ver tudo, tal a perfeição das transmissões, com respeito ao mais soberbo empreendimento levado a termo feliz pelo homem neste século – senão em todos os tempos!

A ciência, que assinala o ano primeiro de seu novo calendário – o ano da conquista da Lua – com o farto material de pesquisa trazido da lua, talvez passe a escrever uma estória revolucionária com respeito aos conhecimentos do homem sobre o universo, modificando o curso de muitas de suas observações e convicções, no particular.

Felicitemos, com especial carinho e particular orgulho americano, os nossos irmãos do hemisfério setentrional pelo tanto lavrado, nessa corrida homérica pelo domínio do espaço.

Ao presidente do bravo povo estadunidense – Richard Nixon; a toda a equipe de sábios e de técnicos que cooperou para que a glória da primeira realização efetiva do pouso do homem na lua – coubesse à América; aos três laureados “super-men”: Armstrong, Aldrin e Collins, e a todos os cidadãos da progressista pátria de George Washington, o nosso aperto de mão caloroso e o nosso abraço cordial, pela vitória estrondosa que comoveu o mundo.

## FELIZ ANIVERSÁRIO, D. NOCA

– Feliz aniversário, D. Noca!

Essa era a expressão entusiástica de visível e espontânea sinceridade repetida pelos inúmeros amigos, que, aos poucos, iam lotando a casa de Denise, ali na rua Ferreira Pena, na noite de quinta-feira passada, dia sete do corrente.

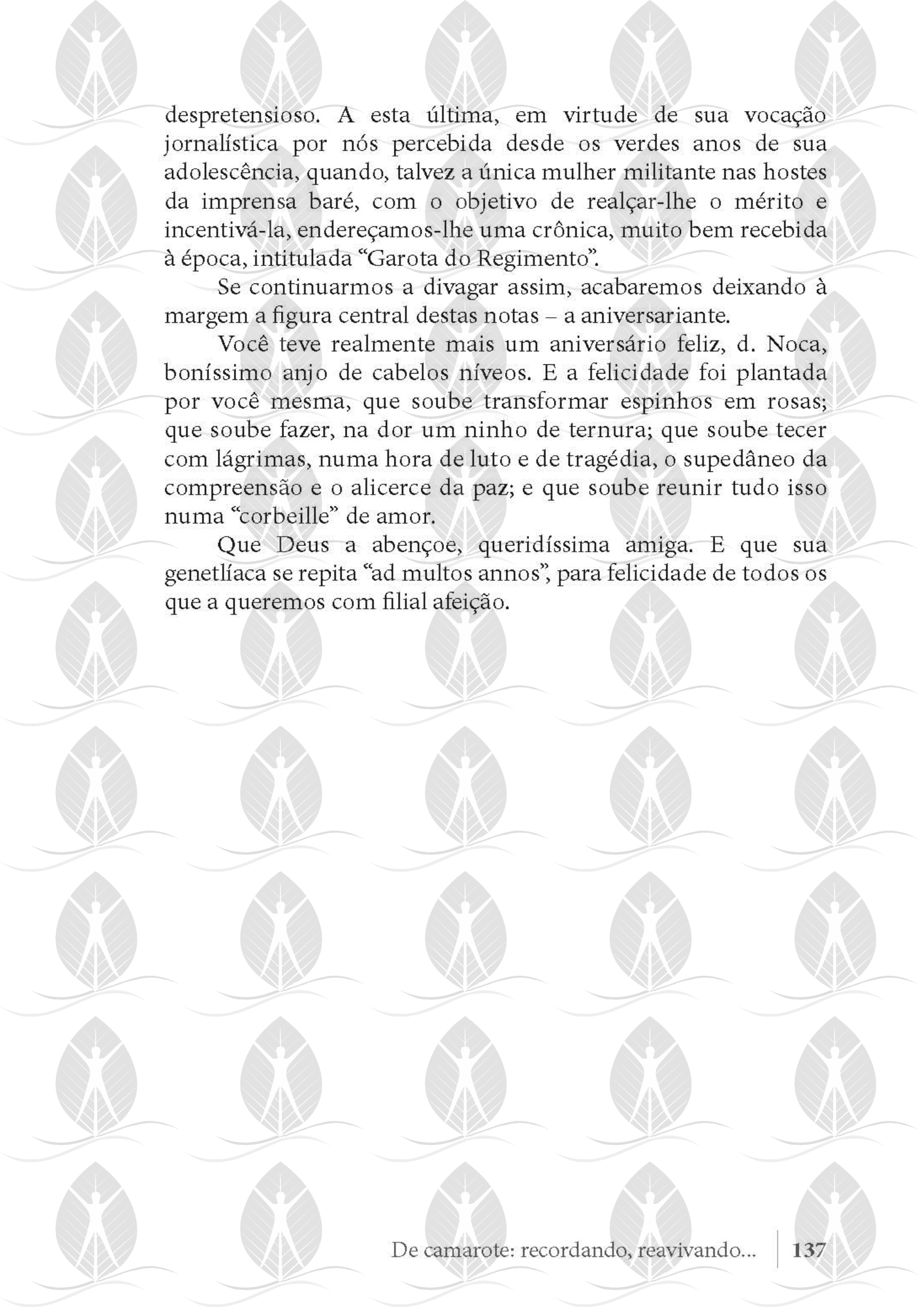
Dona Noca completava oitenta e seis primaveras, cercada, como sempre, do carinho dos inúmeros filhos, genros, noras, netos e bisnetos, que constituem o simpático e unido clã dos Cabral dos Anjos, cimentado no amálgama indestrutível da solidariedade fraterna.

Certa feita, inspirados numa cena simples: d. Noca à janela de sua casa, o olhar perdido nas distâncias e a cabeleira prateada batida pela morna aura de um fim de tarde quente, escrevemos, entre outras, estas expressões evocativas da formidanda tragédia que abalou a Planície e que envolveu em seu turbilhão doloroso a querida família da nataliciante:

“Naquela hora festiva” – aludíamos à comemoração dos oitenta anos da heroica senhora – “ninguém da intimidade da família deixou de recordar a figura do bravo “Lobo do Mar”, do capitão do “Paes de Carvalho” que, em seu posto de honra, no drama do pavoroso incêndio que abalou a noite das selvas e das águas do “Rio Mar”, com o barco que comandava, mergulhou para a morte, cumprindo com dignidade seu inalienável dever: de comandante”.

A fixação desse pormenor aparentemente discrepante, fazemo-lo com um objetivo confortador para os componentes da caríssima progênie do bravo navegador: o de ressaltar a coragem e a determinação da querida anciã, que, lutando a braços com as vicissitudes de uma viuvez inesperada, soube enfrentar a vida com desassombro, educar a manchieia de filhos, vitoriosos todos eles, nos setores em que atuam, graças à primorosa formação de berço que a angélica rainha do lar acéfalo soube cristalizar com energia e dedicação.

O Almério, o Jorge, o Homero, a Helnizia e, principalmente a Denise, foram, da progenitura do casal que a fatalidade separou, os que mais se vincularam ao signatário deste registro



despretensioso. A esta última, em virtude de sua vocação jornalística por nós percebida desde os verdes anos de sua adolescência, quando, talvez a única mulher militante nas hostes da imprensa baré, com o objetivo de realçar-lhe o mérito e incentivá-la, endereçamos-lhe uma crônica, muito bem recebida à época, intitulada “Garota do Regimento”.

Se continuarmos a divagar assim, acabaremos deixando à margem a figura central destas notas – a aniversariante.

Você teve realmente mais um aniversário feliz, d. Noca, boníssimo anjo de cabelos níveos. E a felicidade foi plantada por você mesma, que soube transformar espinhos em rosas; que soube fazer, na dor um ninho de ternura; que soube tecer com lágrimas, numa hora de luto e de tragédia, o supedâneo da compreensão e o alicerce da paz; e que soube reunir tudo isso numa “corbeille” de amor.

Que Deus a abençoe, queridíssima amiga. E que sua genética se repita “ad multos annos”, para felicidade de todos os que a queremos com filial afeição.



## BLUE BIRDS

Fez ontem seu primeiro aniversário o popular e melhor conjunto de iê-iê-iê do Norte e Nordeste do Brasil, coqueluche da jovem-guarda amazonense: 'The Blue Birds'.

O grupo de jovens liderados por Lúcio Hernani e João Bosco tem sua história forrada de ideal e escrita com muita luta.

No princípio de 1967, chegava a Manaus, vindo de Fortaleza, Lúcio Hernani Cavalcanti. O agitado representante da jovem-guarda trazia uma ideia fixa: fazer um conjunto musical em Manaus.

Amigo de Chaim, outro jovem idealista, Lúcio fez-lhe sentir seu sonho, contagiando-o. Conversaram com o Wagner e, juntos, entraram em contato com o Antônio Carlos, apontado como bom guitarrista, conquistando-o. Para cristalizar a ideia, faltava mais gente, eis que só possuíam o empresário, o cantor e o técnico de som.

Nildo Jorge, que tocou escalete em duas festas, apenas, afastando-se do grupo em função de problemas de estudos, lembrou o nome de Ananias, que, segundo o informante, era "bom de corda".

Ananias topou a parada e o negócio começou a tomar forma.

Surgiu, em seguida, o nome do Dibo, o qual, cantado pela turma, aderiu, e passou a ser o baixista e orientador musical do conjunto.

Juntos, nossos heróis arrastaram o Irandy, o garoto-ritmo que toda a cidade conhece. João Bosco, irmão de Lúcio Hernani, entusiasmou-se de logo com a coisa e participou dos contatos iniciais para a formação do conjunto que, sem instrumentos próprios, sem dinheiro, com muita coragem e a "cara", constituiu-se assim:

Empresário: Lúcio Hernani

Cantor: Chaim

Ritmista: João Bosco

Guitarristas: Antônio Carlos e Ananias

Baterista: Irandy

Baixista: Dibo

Técnico de som: Wagner.

E tomando emprestado um bumbo velho e demais acessórios de bateria, assim como guitarras, baixo e escalete, com um pandeiro velho sebento, a corajosa curriola fez sua estreia no Saga, no dia 17 de junho de 1967.

Foram bem-sucedidos, e a cidade começou a falar neles.

Ainda sem denominação, no dia 24 de junho (sete dias depois da primeira tocata), apresentaram-se em nossa casa. Ficamos entusiasmados com os moleques e decidimos emprestar-lhes nossa colaboração.

O grupo musical passou a chamar-se “Blue Birds”. Os instrumentos, por nós financiados, foram adquiridos e pagos religiosamente em dia.

Dona Celene entusiasmo-se também e passou a ser a madrinha do conjunto.

Pouco tempo depois, o Cheik Clube lançou o concurso da “Primeira Lira de Prata”.

Os meninos entraram no certame e foram vitoriosos. Depois, em uma parada marcante, foram classificados como ‘O melhor conjunto musical de 1967!’.

E, em pouco tempo, constituíram-se presença obrigatória em todas as festa da sociedade amazonense, levando aos salões de nossos clubes e aos acontecimentos sociais de Manaus a mensagem da jovem-guarda, dando um exemplo notável de que se pode realizar, nesses dias tumultuosos, algo de bom e de útil, construindo, com ideal, uma obra que, além de consubstanciar-se em passatempo sadio, é igualmente diversão rendosa.

Estão os garotos, esperando seu órgão Farfisa, importado da Itália, o qual deverá chegar em poucos dias. O Dibo largou a turma e foi substituído pelo Pituca.

E os ‘Blue Birds’ continuam a voar nos céus melodiosos da música popular, com sucesso marcante em nossa metrópole, assim como nos territórios limítrofes e são, indiscutivelmente, ídolos verdadeiros da juventude esperançosa e animada da Amazônia Ocidental.

Obs.: Esta crônica foi publicada na edição do *JC* de 18/6/68.

## JOSÉ AUGUSTO TELLES DE BORBOREMA

Mais uma vez, neste ano fatídico de 1968, é arrebatado do convívio dos filhos e esposas diletos, da comunhão espiritual dos amigos e íntimos, do aconchego fraterno dos discípulos e colegas, um espírito de escol, uma alma de enorme grandeza afetiva, uma inteligência de raro privilégio, um homem de bem!

Referimo-nos, evidentemente, ao prezadíssimo amigo e ilustre Mestre José Augusto Telles de Borborema, que a morte, essa implacável e insaciável tirana sanguinária e miserável, acaba de fulminar, em pleno viço de uma produtiva, utilíssima e feliz mocidade.


Quando cursamos a vetusta e tradicional Faculdade Federal de Direito do Amazonas, Borborema fazia parte da refulgente constelação de catedráticos do conceituado Estabelecimento de Ensino Superior. Tivemos, nele, nosso professor de Direito do Trabalho, Cátedra que dignificou largos anos, dando aulas bem planejadas, evidenciando sempre uma erudição soberba.

Na vida profissional, encontramos nos raros vezes em campos opostos, e o pranteado extinto sempre se houve com eficiência, ética inconspicável e lealdade!

Depois, Borborema ascendeu às culminâncias de juiz de nosso Tribunal de Justiça e, como desembargador dos mais cultos e dignos, se portou, durante a rápida trajetória de seu pontifício, até a morte, como um cultor do Direito, um intangível e inatacável árbitro da Justiça, jamais havendo maculado a toga que soube dignificar para honra e glória da soberana Casa de Têmis.

Estudioso, profundamente responsável, sério nas atitudes inatacáveis, puro e limpo, a dignidade de Borborema se fazia presente, assim na vida privada como nas atividades públicas...

As precisas dimensões das qualidades e das virtudes de Borborema, sabiam-na apreciar tanto os familiares como os amigos e íntimos, até porque o ilustre membro da magistratura amazonense parece que exteriorizava, por meio de ademanes espontâneos e elegantes, as tendências e os sentimentos de seu psiquismo referto de dignificante forro moral. Sua esposa e seus filhos eram a coisa mais importante da vida. Isso, Borborema fazia sentir em todos os instantes e em todos os lugares. O amor,

The background of the page is a repeating pattern of stylized, light gray leaves. Each leaf contains a white silhouette of a human figure with arms raised in a gesture of joy or triumph. The leaves are arranged in a grid-like fashion, with some overlapping. The overall aesthetic is clean and modern.

por conseguinte, era o sol esbraseante que lhe inundava de feliz aura, radiante e luminosa, na qual eram envolvidos os seus queridos. Da bela formação que trouxe de berço, descendente de uma família da melhor estirpe das plagas paraenses, outra coisa não poderia ocorrer em espírito cultivado e tão cheio de magnanimidade e extraordinária pulcritude.

O sogro, o incomensurável e ciclópico Aristophano Antony, deve ter recebido o amigo dileto, o mais que genro, o irmão querido, no arco de triunfo coruscante da entrada do além, com um abraço longo, saciador de saudade. E juntos, depois de contemplar as esposas amadas, os filhos inesquecíveis, sorrindo-lhes o melhor de seus sorrisos espirituais, hão de ter caminhado, felizes, pelos caminhos impérvios da eternidade!



## VELHA RAIMUNDA

Velha Raimunda – feia como a necessidade, metida a macha, cara trancada como carranca de touro, em qual dois olhos de pipoca, embaciados e distantes, davam-lhe a fisionomia um tom de outono, a denunciar uma alma revoltada por nunca haver florido a primavera em seus jardins – era a serviçal de nossa casa. Falava grosso e rouco, como homem, e só uma pessoa era capaz de fazê-la sorrir: o Clynio. Nosso rebento caçula tinha então três anos, se tanto, e a bruxa velha era maluca pelo guri.

Trêfego, inquieto, nervoso, traquinas, peralta endiabrado, o sadio curumim conseguiu domar a fera e dominá-la completamente.

As vezes, à hora do café, sentada em uma cadeira na copa, velha Raimunda punha o fedelho ao colo e com um enorme cuidado para que ninguém a visse, acariciava, maternalmente, os cabelos sedosos da irrequieta criança.

Quando era surpreendida – raramente isso acontecia – a agradar o infante, pigarreava forte, agitava-se toda e largava o menino ao chão, embora ficasse a olhá-lo com olhos de despistada ternura que nós conseguíamos ler no fundo de seu coração minguaço de afetos...

Algumas vezes velha Raimunda falava-nos com entusiasmo do guri, uma quase infantil alegria a iluminar-lhe frouxamente os olhos esclerosados:

– Esse Crino vai ser gente, dotô! Esse Crino vai ser coisa na vida! Deus ajude!

E o molecote, indiferente aos votos de velha Raimunda, punha as mãos nos quadris, olhando-a desafiadoramente.

Velha Raimunda, então, dando tudo para não deixar vir à tona a onda afetiva que lhe inundava a alma, perguntava ao safardana:

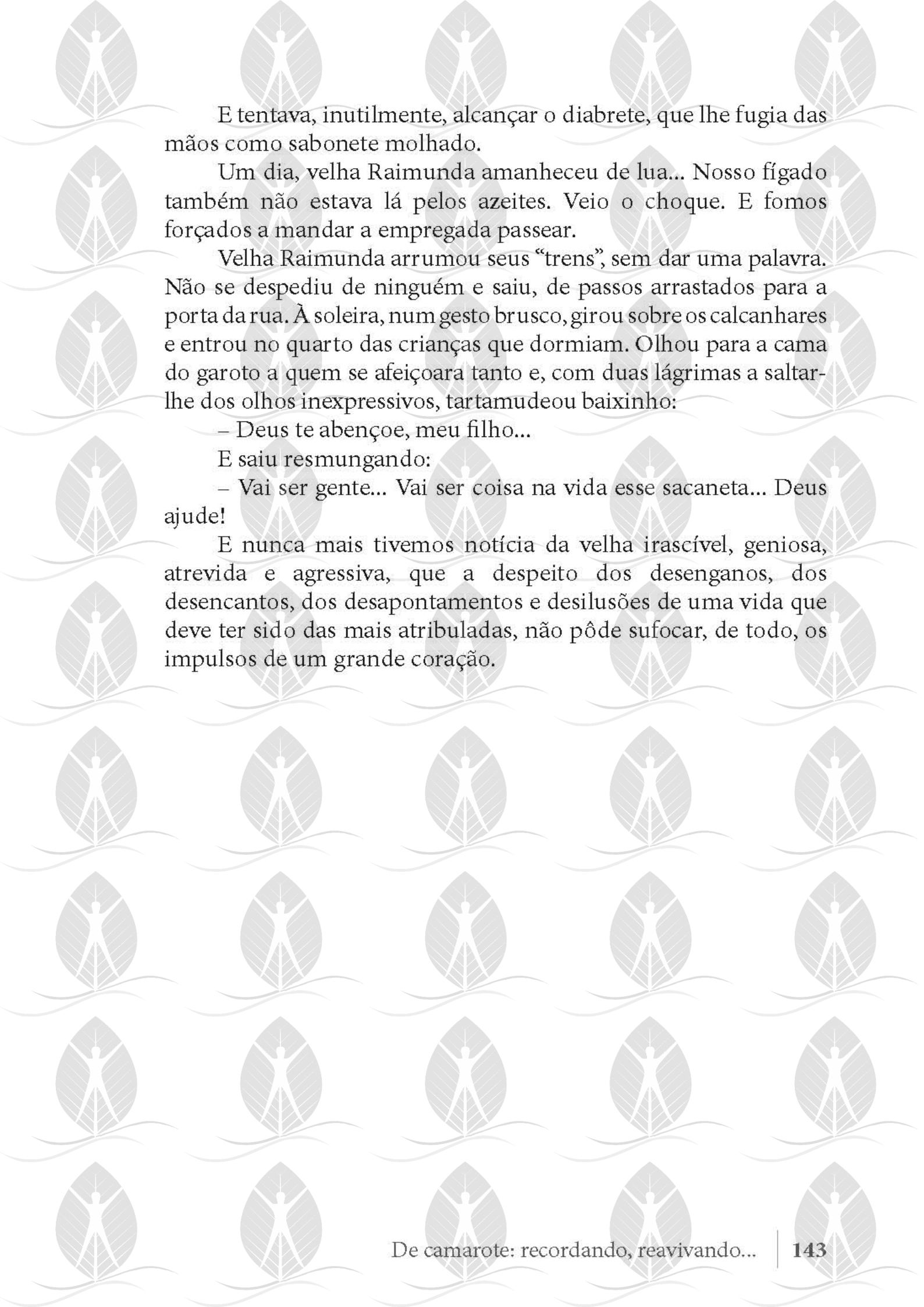
– Ó Crino, quem é que manda em mim!

– Sou eu!

A velha explodia em gargalhadas secas e convulsas de alegria, é replicava:

– Este Crino... este Crino... Vai ser gente, vai ser coisa na vida, esse danado!





E tentava, inutilmente, alcançar o diabrete, que lhe fugia das mãos como sabonete molhado.

Um dia, velha Raimunda amanheceu de lua... Nosso fígado também não estava lá pelos azeites. Veio o choque. E fomos forçados a mandar a empregada passear.

Velha Raimunda arrumou seus “trens”, sem dar uma palavra. Não se despediu de ninguém e saiu, de passos arrastados para a porta da rua. À soleira, num gesto brusco, girou sobre os calcanhares e entrou no quarto das crianças que dormiam. Olhou para a cama do garoto a quem se afeiçoara tanto e, com duas lágrimas a saltar-lhe dos olhos inexpressivos, tartamudeou baixinho:

– Deus te abençoe, meu filho...

E saiu resmungando:

– Vai ser gente... Vai ser coisa na vida esse sacaneta... Deus ajude!

E nunca mais tivemos notícia da velha irascível, geniosa, atrevida e agressiva, que a despeito dos desenganos, dos desencantos, dos desapontamentos e desilusões de uma vida que deve ter sido das mais atribuladas, não pôde sufocar, de todo, os impulsos de um grande coração.

## ADEUS, AVENIDA

Chora, Avenida, chora!

Chora que eu estou solidário contigo. Chora que eu enxugo tuas lágrimas com o lenço perfumado da saudade.

O que fizeram contigo, logo no dealbar desta nova década, retrata maldade e ingratidão.

Na terça-feira gorda, olhando-te no fim da tarde, da janela de meu escritório, velha amiga, recordei, de relance, os meus dias de meninice, quando perambulava por ti, na quarta-feira de cinzas, o confete quase à altura dos joelhos, os fios dos velhos bondes da Manáos Tramways recobertos por verdadeiras cortinas de serpentinas. De volta da padaria que tinha teu nome – padaria Avenida – e, mais tarde, à hora do almoço, com a pedra de dois quilos de gelo embrulhada num jornal, olhava aquele mar colorido sob meus pés e sonhava brincar um carnaval feliz quando crescesse... Onde anda o Depósito de Gelo e Cerveja XPTO da Fábrica Miranda Corrêa, que ficava perto do cinema Odeon? E o próprio Cinema, onde está? O tempo implacável, aliado a seu sádico comparsa – o progresso – mataram a ambos, enterrando-os na vala do esquecimento geral.

Acabaram contigo, Avenida amiga, das mais velhas e sentidas tradições carnavalescas. Que é da zabumba festiva, da Merceria Central, da esquina da Saldanha Marinho, zabumba que tinha o condão de acender entusiasmo na alma cabocla, anunciando de manhãzinha, ao meio-dia e à hora do pôr do sol a chegada de Momo? Era ela que dava, realmente, o primeiro grito de carnaval para todos os foliões da cidade.

Àquela época tínhamos, nesta capital provinciana, um carnaval gostoso, um carnaval em que havia festa do povo, com liberdade e participação integral da massa. Um carnaval pai-dégua!

Tua morte foi decretada, saudosa Avenida, quando começaram a confinar o povo os cordões de isolamento, e depois os bancos laterais, lembrando poleiros de bípedes alados...


Nos áureos tempos dos velhos carnavais gloriosos, o povo adentrava livre no teu seio opulento, e se refestelava em tuas entranhas e pulava e cantava e se desinibia com espontaneidade. Essa é, aliás, a filosofia do carnaval – todos devem ter oportunidade

de fazer sua higiene mental, em pelo menos três dias de liberdade plena, sem peias, sem restrições, com um mínimo de limitações. Os desfiles das escolas, os concursos de rainhas, com o povo sentado nas tuas laterais, ou, de pé, isolado pelos grossos cordames e ainda o seu entusiasmo asfíxiado pela carantonha ameaçadora de policiais agressivos de cacete na mão e revolver no coldre – mataram o carnaval de rua, porque apunhalaram a liberdade de brincar livre da massa popular.

Nos teus melhores dias, Avenida de caras lembranças nossas, de que só permanece a recordação agridoce da saudade – quem quisesse conforto que trouxesse cadeira de casa. E era linda essa opção. Matronas respeitáveis, cavalheiros aprumados, do mais alto coturno social, postavam-se, em suas cadeiras de palhinha, nas tuas esquinas com a Monsenhor Coutinho, com a José Clemente, com a “24 de Maio”, com a Saldanha Marinho, com a Henrique Martins, exatamente de onde faço o teu necrológio neste instante, rindo a bandeiras despregadas das graçolas dos mascarados, enquanto o povo se divertia em massa, abrindo alas para a passagem dos belíssimos carros alegóricos, que faziam o curso em câmara lenta, para festa dos olhos e gáudio dos corações. Nos vários coretos, disseminados em tua extensa metragem, bandas de música agitavam a multidão embalada por alegre burburinho, tocando e cantando as modinhas da época, de que em destaque o “Quebra-quebra Guabiraba”, viva o Zé-Pereira”. Notáveis sempre eram os veículos lançados com esmeralda ornamentação luxuosa por J. G. Araújo e Cerveja, regalos dos adultos pela ostentação e criatividade – e da gurizada pelos belos e gostosos caramelos atirados com profusão, de mistura com as nuvens de confetes e serpentinas.

A tua história precisa ser contada com vagar, pois há exuberância de pormenores que extrapolam do espaço de que disponham para este trabalho no sisudo JC, que vibrou contigo na tua centenária tradição carnavalesca.

A queda dos ídolos, destruídos pela iconoclastia impiedosa, é sempre dolorosa, tresanda a nojo e a luto! Em contrapartida, a figura do decadente inspira dó e piedade. Isso ocorreu contigo, preterida amiga. Apagaram o teu brilho e o fulgor de tuas tardes e noites folgazãs. O teu passado eufórico e pujante será evocado por uns poucos súditos de Momo, amantes de tradições conservantistas.



Lançaram-te a um aviltante ostracismo, a aposentadoria, minha amada. Tua alma feneceu. Fizeram-te banal, vulgar, inexpressiva como qualquer artéria outra apagada da cidade! Os brincantes cheios de euforia passam por ti indiferentes, apenas por que és caminho para a nova e luciluzente “vedete” – a João Alfredo!

Para não dizer que todos esqueceram tua figura morta, exalto, com particular carinho, o gesto bonito de um bloco de sujos de Aparecida, que, numa comovente prova de fidelidade, trouxe flores ao teu túmulo, desfilando, solitário, por ti do teu encontro com a Dez de Julho até a Henrique Martins...



## HERCULANO CASTRO E COSTA

Herculano morreu!

A notícia circulou na cidade e embora praticamente todos a esperassem a qualquer momento ao ser dada, foi como se estourassem dentro das almas amigas do velho companheiro, mil bombas formidáveis...

Herculano morreu!

E para que se possa compreender a perda sofrida com aquele que permanecerá grande mesmo depois de morto, é mister que se analise a personalidade do gigante sob três aspectos:

Herculano amigo, Herculano boêmio e Herculano jornalista.

No plano singular das relações humanas, a característica primordial do espírito de Herculano era a sua lealdade. E por isso fez amigos eternos. Amigos de quarenta anos, como ouvimos um no cemitério declarar com entusiasmo extravasante, embora traído pela comoção, à hora do enterro do querido conterrâneo.

Muita gente chorava no campo-santo, na hora em que o corpo de Herculano era abraçado pela terra, que o recebia entre lágrimas que a natureza mandava do céu em forma de chuva, Com o carinho de mãe que recebe o filho querido para aconchego do regaço morno, onde a paz é perfeita e o descanso é eterno!

O pranto convulso de muitos não denunciava apenas o descontrole nervoso provocado pela emoção do momento dramático da despedida. Não! Era a dor de corações feridos pelo passamento do irmão dileto, do amigo verdadeiro!

Notava-se, ainda, a fisionomia dura daqueles que não sabem chorar e dos que não podem chorar e que exteriorizam, numa expressão dolorosamente severa, o pesar que lhes caía n'alma.

Toda a gente que privou da amizade, da estimada camaradagem de Herculano, sabia-o um boêmio desses que a poesia eterniza e a amizade consagra.

Herculano foi um boêmio pai-d'égua, um boêmio de classe!

Sua verve encantadora, nas horas em que se fazia cercar de companheiros, em grandes rodadas, exercia fascínio completo. Era uma delícia vê-lo, um tanto "calibrado", monopolizar o "papo" dos circunstantes, contando anedotas gostosas com muito humor e graça. Por esse detalhe, onde se encontrava Herculano, não



havia e nem podia haver monotonia, porque na alma do boêmio havia festa eterna, e o contágio da alegria era fatal em quem se aproximasse!

Herculano, boêmio velho de guerra, adeus!

O aprumo intelectual e a vastíssima cultura de Herculano Castro e Costa é cousa que toda a população da Planície conhece de sobra.

Na polimórfica seara da inteligência, entretanto, o beletrista notável se dedicou, acima de tudo, à faina jornalística.

Professor de gerações, Herculano fez escola. São frutos de sua escultura mágica, no particular: os Aderson de Menezes, os Arlindos Portos, os Zacarias Lindosos, os Cidades de Oliveira, os Guilherme Gadelhas, os Ulisses Azevedos e outros valorosos companheiros que inciaram seus passos trôpegos na árdua tarefa de fazer jornal, conduzidos pela destra segura de um dos maiores panfletários que o Amazonas jamais conheceu!

Como valoroso homem de imprensa, todos os confrades, caboclos, sempre renderam ao saudoso, extinto, suas melhores e mais justas homenagens.

É uma pena, companheiros, que Herculano deixe assim, de modo tão brusco, o convívio de uma classe que sempre lhe votou especial estima e grande respeito. Mas a fatalidade biológica, à qual todos cederemos, mais cedo ou mais tarde, ceifou a vida utilíssima do querido plumitivo.

Faça-se a vontade de Deus, e, neste adeus vai, o nosso melhor e mais ardente voto pelo repouso terno de sua alma combativa. “Requiescat in pace!”

## LEMBRANDO A VELHA FACULDADE DE FARMÁCIA

É bom rever amigos, de um passado que já vai longe...

É como se a gente fizesse aquele pontinho de luz, perdido na imensurável escuridão das recordações apagadas aproximar-se de nosso consciente, em velocidade somente passível de ser acompanhada pelo pensamento, e crescer, crescer, crescer, até ficar do tamanho de um sol, e inundar de luz os dias remotos já vividos...

Então – a delícia é esta! – a gente se reencontra, no passado! Aconteceu ao inquilino deste camarote, há poucos dias, um desses raros momentos felizes que, por serem raros, têm o gosto saboroso de cousa indescritível...

Vimo-nos rapazola de 16 para 17 anos, agitada cheio de sonhos e de ilusões.

O singular estado de alma foi provocado pelo encontro com uma de nossas mais diletas amigas dos nossos dias de adolescência – Lígia Barroso.

Hoje, Liginha é mãe de família, esposa de um colega nosso, de grau, homem arejado, culto, evoluído: o Gebes Medeiros.

Encontramos o casal amigo, no aniversário da Grace e da Maria de Jesus, filha do Vidinho que, no passado, fez vibrar as arquibancadas de Manaus, com suas tiradas de craque dos nossos gramados.

Lígia conversou demoradamente conosco. É fã de nossas crônicas, o que muito nos desvanece pelo sentido qualitativo da leitora gabaritada.

A palestra levou-nos aos dias felizes de nossa juventude.

Nessa visão ,voltamos a Manaus dos tempos dos bondes... Do “Saudade”, do “Nazareth”, do “Remédios”, do “Cachoeirinha-Circular”... Era grã-fino passear nos barulhentos veículos de Mr. Kirk, custava Duzentos Réis e, estudante “liso” que éramos, não podíamos fazer sempre dessas extravagâncias...

Hoje, os moleques apanham nosso carro à porta de casa e vão fazer farol por aí, para as garotas e com elas...

Revimos nosso vetusto Ginásio Amazonense “Pedro II”, a Escola Normal, a Faculdade de Farmácia e Odontologia e a Faculdade de Direito.

Lígia foi nossa colega de turma na Faculdade de Farmácia. Formamo-nos em 1939, após cursado três pesados anos de estudo sério! Foi sempre uma moça distinta, decente, grande colega!

Fomos nós o orador de nossa turma, e o paraninfo, o velho mestre Donizetti. Colamos grau em um dos salões da Polícia Militar, então Escola Normal de Manaus.

Recordamos figuras de colegas outros, como Zelito, irmão do Anfremon Monteiro, gorducho e grande amigo, fanático por Humaitá, sua terra de berço. O Paulo Coelho, companheiro – irmão de nossos dias de adolescência; Eurípedes Castro, vovô da turma, amigo dileto; Clélia Célia, esposa do Nelson Jobim, e Raul Freire de Souza, colega do peito, hoje em função altilocada no mundo farmacêutico nacional.

E os velhos mestres: Marciano Armond, Vicente Telles, Comte Telles (o melhor e mais completo mestre que conhecemos em nossa vida), Alfredo da Matta, Pedro Severiano Nunes – o querido Pedrinho – e Donizete Gondim.

Eta Sódade danada! Diria nosso bisavô ceariba...

Ah! Se a gente pudesse virar o mundo do avesso e voltar a viver de novo tudo aquilo que já se viveu...

Seria bom? Seria ruim?

Poderia não ser bom nem ruim, mas que era bom, era! Não tenha disso a menor dúvida, leitor velho de guerra!

## GENERAL MOURÃO

Na acolhedora e gostosa mansão do querido cunhado, desembargador Benjamim Magalhães Brandão, e de sua bela e simpática esposa, dona Neuza de Araújo Brandão, reuniu-se, à noite de anteontem, seletos grupo de amigos e parentes, num jantar íntimo.

Conversávamos com nosso prezadíssimo Dr. Clynio Brandão, quando casa adentro, com a intimidade de velho amigo dos anfitriões, fazendo-se acompanhar dos irmãos e diletos amigos nossos, doutores Domingos e Octavio Botelho Mourão, entra o nosso ilustre e prezado conterrâneo, general Antônio Hamilton Mourão, especial homenageado da noite, há longos anos ausente da taba, que veio rever, para matar saudades dos amigos e familiares, do cheiro de tapioca, do tucumã, do tacacá, do açaí com farinha de tapioca, da pupunha enxuta, com e sem caroço, de uma tartarugada opípara com farinha-d'água dourada do Uarini, como a que ali nos seria servida, feita no casco, sob o comando da dona da casa, que é, sem favor, quem melhor prepara o inigualável quelônio nesta cidade quente; dos passeios pela baía do rio Negro até o Encontro das Águas, que tem inspirado tantos poetas, quer faça versos, quer saiba apenas sentir a grandeza do belo; dos banhos do Tarumã e do Itumiri, propriedade do nosso prezado e ilustre amigo, desembargador Oyama Ituassú, classificado pelo visitante como realmente extraordinário, por que é o mais bem tratado e o mais gostoso balneário particular de Manaus!

Quem é o general Mourão?

Rebento ilustre da tradicional Casa dos Botelhos de Humaitá – a Princezinha do Madeira – sua terra de berço, e do reputado tronco dos Mourões, do cáldo Piauí.

O brioso militar, que fez da caserna o objetivo supremo de sua vida, soldado por vocação, que honrou o Exército de Caxias nos campos da velha Europa como integrante da gloriosa Força Expedicionária Brasileira, comandada pelo pranteado cabo de guerra, marechal Mascarenhas de Moraes, o general Antônio Hamilton Mourão é filho de uma das figuras imortais da gleba, cuja memória o Amazonas cultua com veneração e respeito, como um símbolo de equilíbrio e de eleição espiritual, cuja inteligência



e cultura estiveram sempre a serviço da Justiça, credenciando-se entre os mais notáveis juízes que já perlustraram as poltronas da Casa de Têmis no Amazonas, o desembargado Hamillton Mourão e de dona Arminda Botelho Mourão, venerando ornamento de nossa melhor sociedade.

É irmão de dona Maria Arminda Machado, esposa desse caboclo culto e arejado que é o desembargador João Machado, recém-eleito para a Academia Amazonense de Letras, e da senhorinha Ana Botelho Mourão.

Nosso ilustre conterrâneo iniciou seus estudos no Colégio Militar do Ceará, transferindo-se, a seguir, para a Escola Militar do Realengo, onde galgou o oficialato, tendo recebido a espada que soube honrar, pelo valor, pela cultura e pelas virtudes militares de que é possuidor, das mãos da “madrinha” dona Ester da Cunha Melo, esposa do falecido senador Cunha Melo, passando a integrar, como aspirante, as fileiras do inconspicável Exército Nacional.

Durante algum tempo, general Mourão esteve na América do Norte, onde, com realce, atuou como professor do Colégio Interamericano de Defesa. No desempenho de tão relevante missão, foi nossa prezado amigo e conterrâneo, colhido pela notícia de sua ascensão às culminâncias do generalato, notícia que recebeu, como é fácil de intrugir, como uma das mais agradáveis supressas de sua vida!

Antônio Hamiltom Mourão, general de brigada, é um dos justificados orgulhos do Amazonas e expressiva figura de nossa Pátria – a cuja causa sagrada vem dedicando seus dias utilíssimos, desde a adolescência, como soldado decente, altivo e patriota, honrando as tradições de uma família ilustre da Fluminilândia, em cujo seio, por destinação feliz, veio à luz dos sol!



## REGINA COELI “IN MEMORIAM”

Foi agradável a surpresa que tive domingo último. Recebi, em minha casa, numa visita rápida, o amigo Afonso de Carvalho, poeta de que já tratei, nesta coluna vintenária. O papo foi leveiro. Estendeu-me um livro que trazia à mão.

– A Regina fez questão de que lhe fosse entregue, pessoalmente.

– Muita honra... meu abraço a ela e a toda turminha dos Araújo.

Abri o relicário “das boas lembranças” de minha caríssima amiga Regina Coeli. E fiquei emocionado. Comovido à leitura da dedicatória suspeita, porque ditada pelo coração:

“À figura paradigmática de Lúcio Cavalcanti – professor ‘fora de série’ e jornalista brilhante – com a velha e eterna admiração da Regina Coeli. Manaus, 11/8/1973”.

E sem o perceber, lá estava eu, sentado, sorvendo linha por linha, folha por folha, capítulo a capítulo o “que no tempo não levou” os gostosos “retalhos de vida de u’a menina”...

Quem lê o suavíssimo trabalho – em que a tônica é uma açucarada ternura – da lavra de Regina – homem ou mulher, se amazonense criado no interior do Estado – há de encontrar-se em suas páginas.

E a paisagística das emoções ocilará, sem nenhuma dúvida, entre o riso e a lágrima, nas agradáveis nuances do amor e da saudade!

Todos hão de lembrar o pesadelo da quadra infantil, gerado por um “piano-tragédia”, que pode mudar de forma, não deixando, nunca, de ser o bicho-papão que atanzou a paciência e mortificou o espírito da criança cheia de vida, vibrátil, libertária.

Qual o adulto de hoje, se interlandino, que não brincou de “tobogã”, num casco de tartaruga, no pó das serrarias, ou nas ladeiras de barro liso, úmido, a deslizar feliz, em horas inesquecíveis de alegria infantil explosiva!?

A página dedicada à “preta”, que foi levada a Paris, e de quem a escritora jamais teve notícia, a não ser pela lacônica missiva em que dizia “estar vivendo bem feliz” – só andando de manteau –

é verdadeiramente antológica, gema impressionante do mais refinado sentimentalismo afetivo!

A figura de beata, vestida de dona Santa, em cujo baú, à hora da morte, se encontrava a revelação de seus pendores para coisas de sacristia e vocação para o manuseio e desempenho dos objetos e ritual religiosos; o vulto popular prestante de Joaquim Maduro; a síntese das lendas, escutadas com terror e encantamento, nas bocas de noite, no terreiro, inclusive o da Florzinha, que eu desconhecia: a feiura e o fiasco do Baru; as horas de arte no lar, de que participavam a velha mestra dona Milburges, mãe da escritora, ao piano, acompanhada pelo Dr. Armando, ao violino, e pela flauta de Felix Canedo; o trabalho do Paim, em prol da vida comunitária e educação da infância e adolescência de Manacapuru, a que já aludi quando tracei ligeiro esboço biográfico do gigantesco André Araújo, pai de Regina Coeli; as belezocas da cidadela em desfile, seus namoradinhos, seus segredos e o assanhamento de dona Marieta; as professoras do grupo escolar; dona Anita, são “bafo” horrível, sua choradeira e sua esquisitice; a folia dos “quarto” e a chatice dos sinos dobrando afinados o dia todo, para avisar que se fora um adulto, ou uma adulta, ou que no céu entrara mais um anjo; as façanhas do Raimundo-tudo-pode, curandeiro famoso do Meriti e as “rezas” famigeradas de dona Mocinha; Gogó e Luareana, as de vida airada e olhar de santa ingenuidade, quase inocência, a enfatizar que o corpo é da lama e a alma é de Deus; as festas de São João, na casa de são Manduca Soares, as de São Pedro, na Terra Preta, em casa do Pedro Moura, e as do Divino, em São Gusmão; a queda espetacular da Maria do Júlio no buraco da sentina, de onde saiu quase morta de susto e de nojo, e que incluiu até no calendário local; o casarão de residência, o museu do André e o “quintal-sonho”, paraíso inolvidável das horas de jogos e folguedos – tudo é comovedor, realmente tocante, tressandando a um acentuado perfume de sonho, na joiazita de cento e quatro páginas, que Regina Coeli cristalizou e que a Editora Umberto Calderaro acaba de lançar, para gáudio do público leitor desta cidade culta e que sempre fez da cultura seu maior galardão, queiram ou não queiram os apedeutas de qualquer matiz!





Este livro foi composto pela Gráfica Ziló LTDA para Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas, em Minion/kalinga no corpo 11/20 pro e impresso sobre papel offset 90g/m<sup>2</sup> em abril de 2012.



Tu pensa!  
sodade é uma dô que dá  
mas não é dô de aduê  
é a vontade de alembirá,  
é a vontade de esquecê;  
é dô de dente, machuca,  
mas onde dói não se vê,  
e a gente pega e catuca,  
pra não dexá de aduê...



ISBN 85-65409-22-8



9 788565 409223

Secretaria de  
Estado de Cultura



TRABALHANDO PARA  
CRIAR OPORTUNIDADES





## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)



Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA